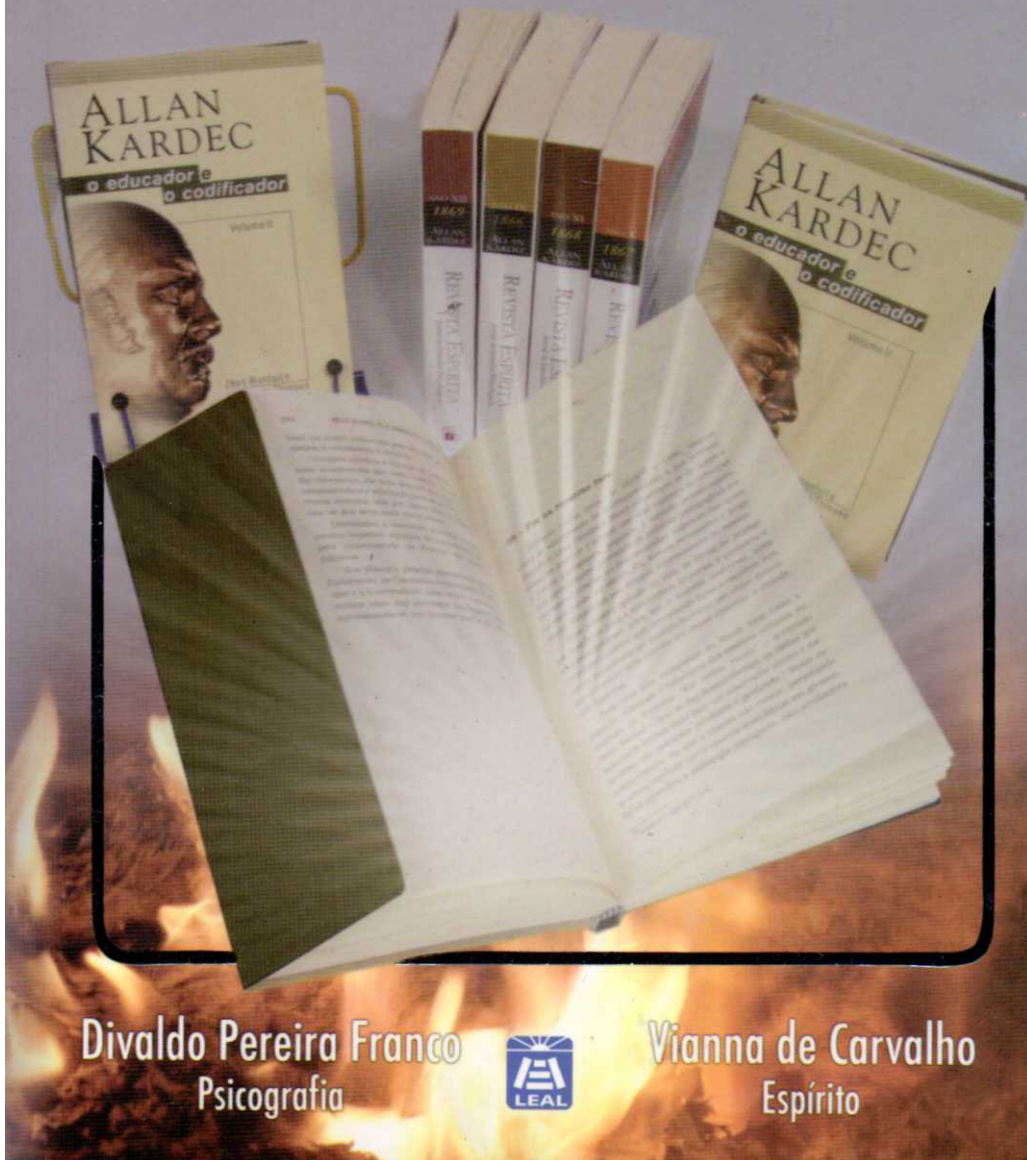


ESPIRITISMO E VIDA



Divaldo Pereira Franco
Psicografia



Vianna de Carvalho
Espírito

ESPIRITISMO E VIDA

"Anunciado por Jesus, há dois mil anos, como o Consolador que viria restituir a pureza dos Seus ensinamentos e apresentar novas lições para a Humanidade (...)", o Espiritismo é o Sol da Nova Era, apontando as diretrizes e os caminhos que levam o homem à redenção, através da evolução moral, da prática do Bem, da caridade e da solidariedade para com todos.

Nesta magistral Obra do mestre Vianna de Carvalho, psicografada por Divaldo Franco, trinta mensagens abordam temas da maior relevância e do interesse de todos os espíritas e espiritualistas.

Constituem verdadeiras lições de vida, que nos abrem infinitos horizontes, facultando-nos avançar mais nos degraus da evolução!

Obra marcante, que alerta, que ilumina e conforta!



Divaldo Pereira Franco

É um dos mais conhecidos oradores e médiuns da atualidade, fiel mensageiro da palavra de Cristo pelas consoladoras e esperançosas lições da Doutrina Espírita.

Com a orientação de Joanna de Angelis, sua mentora, tem psicografado mais de 200 obras de vários Espíritos, muitas já traduzidas para outros idiomas, levando a luz do Evangelho a todos os continentes sedentos de paz e de amor. Divaldo Franco tem sido também o pregador da Paz, em contato com o povo simples e humilde que vai ouvir a sua palavra nas praças públicas, conclamando todos ao combate à violência, a partir da auto pacificação.

Há mais de 50 anos, em parceria com seu fiel amigo Nilson de Souza Pereira, fundou, no bairro de Pau da Lima, a Mansão do Caminho, cujo trabalho de assistência social a milhares de pessoas carentes da cidade do Salvador tem conquistado a admiração e o respeito da Bahia, do Brasil e do mundo.

DIVALDO PEREIRA FRANCO

(Pelo Espírito Vianna de Carvalho)

ESPIRITISMO E

VIDA

CENTRO ESPÍRITA CAMINHO DA REDENÇÃO

(Em conformidade com a Resolução nº 17, de 07 de maio de 2008, Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa)

SALVADOR (BA)

2009

© 2009 by Centro Espírita Caminho da Redenção 10.000 exemplares

Revisão: Prof. Luciano de Castilho Urpia Editoração eletrônica: Hayrla Silva Capa: Hayrla Silva Supervisão editorial: Sérgio Sinotti

Coordenação Gráfica: Livraria Espírita Alvorada Editora CNPJ 15.176.233/0001-17-I.E. 01.917.200 Rua Jayme Vieira, n. 104 - Pau da Lima CEP: 41325-000 Salvador - Bahia - Brasil Telefax: (71) 3409-8310/8311 E-mail: leal@mansaodocaminho.com.br Homepage: www.mansaodocaminho.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).
Catalogação na Fonte

BIBLIOTECA JOANNA DE ÂNGELIS

FRANCO, Divaldo Pereira (1927) - (Pelo Espírito Vianna de Carvalho) F895 Espiritismo e Vida - Divaldo Pereira Franco (Psicografia) - Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 2009. 192p.

ISBN: 978-85-61879-23-5

1. Espiritismo 2. Psicografia

I. Franco, Divaldo Pereira, 1927 - II. Título

CDD: 133.93

DIREITOS RESERVADOS: Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados, única e exclusivamente, para o Centro Espírita Caminho da Redenção (CECR), sendo proibida a sua reprodução parcial ou total, através de qualquer forma, meio ou processo, sem prévia e expressa autorização, nos termos da Lei 9.610/98.

Impresso no Brasil Presita em Brazilo

SUMÁRIO

CAP. PAG.

7 Espiritismo e Vida

1 11 -Exaltação ao livro espírita

2 15 -Homenagem a Allan Kardec

3 21- Honra à mediunidade

4 27 -A dialética do espiritismo

5 31 -31 de março de 1869

6 37 -Os espíritas verdadeiros

7 43- Aplicações do conhecimento espírita

8 49- Allan Kardec: o homem e o missionário

9 55 - Allan Kardec e César - dois gigantes da humanidade

10 59 - A nova sociedade do futuro

11 67- Campeonato da insensatez

12 73- Implosão infeliz

13 81 - Tributo a Allan Kardec

14 87- Dia inesquecível

15 93- Autenticidade dos evangelhos

16 101 -O grandioso desafio da paz

17 109- Allan Kardec, o conquistador indomável

18 115- Hosanas ao sesquicentenário de

O Livro dos Espíritos

19 121- Os heróis da era nova

20 127- A nobreza do espiritismo

21 133 -Obra insuperável

22 137- A arrogância

23 143- Concepções equivocadas

24 151- Frustrações angustiantes

25 157 - 9 de outubro de 1861

26 163- Inversão de valores

27 167- Crises perturbadoras

28 173- Decadência da ética

29 181 - Ética da felicidade

30 187 -Coragem e responsabilidade

ESPIRITISMO E VIDA

Anunciado por Jesus, há dois mil anos, como o Consolador Á-M que viria restituir a pureza dos Seus ensinamentos e apresentar .X novas lições para a Humanidade, o Espiritismo surgiu na Terra como o Sol da Nova Era, repetindo as páginas de incomparável beleza que Lhe narravam a existência luminosa e trazendo informações compatíveis com os altos níveis da ciência e do pensamento contemporâneos.

No bártro das teorias alucinadas que dominavam o século XIX, apoiadas algumas pela insensatez de apressados investigadores da ciência médica e da metapsíquica, em face dos tormentos que avassalavam as emoções e a perda de rumo espiritual das religiões ortodoxas, o silêncio das sepulturas foi quebrado, e as vozes dos Céus ecoaram em toda parte, convidando a uma profunda análise a respeito da vida e do seu sentido psicológico.

Apresentando-se de maneira algo burlesca, através das mesas falantes e girantes, logo despertou a alegria de inúmeras personalidades que se interessavam por penetrar no denominado mistério do insondável, procurando explicações lógicas para todas as ocorrências do cotidiano.

Inicialmente em forma de divertimento para a frivolidade social, o objetivo era chamar a atenção das pessoas sérias e devotadas à verdade, conforme aconteceu quando o Prof. Rivail teve a oportunidade de participar de uma dessas experiências na residência da senhora Plainemaison, na última terça-feira de maio de 1855-

Detectando a profundidade da experiência e o seu sentido grave, o eminente mestre de Lyon resolveu-se por examinar com cuidado a interessante fenomenologia, terminando por dedicar toda a existência ao seu estudo e estruturação da Doutrina Espírita conforme lhe anunciaram os imortais.

Enfrentando dificuldades inimagináveis e perseguições inclementes, o futuro Codificador do Espiritismo compreendeu que estava diante de monumental desafio, ante a perspectiva de oferecer ao mundo do seu e do tempo futuro, as respostas que se demoravam desconhecidas desde os primórdios das eras, a respeito da imortalidade do Espírito, da justiça divina, da reencarnação e do messianato de Jesus.

Entregando-se à observação sistemática e ao cotejo das mensagens que passaram a chegar-lhe das mais variadas procedências, sob a inspiração do Espírito de Verdade selecionou, coligiu e comentou os notáveis ditados mediúnicos, construindo uma obra granítica estruturada em O Livro dos Espíritos, sua pedra angular, do qual surgiriam, cada um a seu turno, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, enquanto eram também apresentados os opúsculos O que é o Espiritismo e O principiante espírita.

Estava terminada a magistral obra que assinalava época nova para a sociedade contemporânea, assim como a dos tempos porvindouros.

Na sua condição de ciência de observação, o Espiritismo elucida a origem dos fenômenos mediúnicos, o seu mecanismo e as suas ocorrências, eliminando o miraculoso em que sempre estiveram envoltos, as superstições, demonstrando tratar-se de manifestações centradas em faculdades de que todas as criaturas são portadoras, radicadas no organismo.

Como filosofia, explica o ser que somos, de onde viemos, para onde vamos, oferecendo-nos diretrizes comportamentais edificantes em favor da harmonia que nos deve acompanhar no pro cesso da evolução intelectomoral.

Como religião, tem a ver com todas as doutrinas espiritualistas, porque os seus postulados, estruturados no Evangelho de Jesus, conforme Ele o expôs e viveu, assim como os Seus primeiros discípulos, têm como fundamentais a crença em Deus, na justiça divina, na imortalidade da alma, na ética-moral dignificadora, na prece, na sublime vivência da caridade sob todos os aspectos em que se apresente.

Enfrentando todas as alterações do pensamento e das conquistas científicas dos últimos cento e cinquenta e dois anos, permanece irretocável, não havendo sido ultrapassado em um único ponto, nem teve necessidade de atualizar os seus conceitos, porque perfeitamente corroborados por essas doutrinas.

Aliás, o Espiritismo marcha à frente do progresso, porque as suas diretrizes procedem do mundo das causas, enquanto a cultura e a investigação enfrentam os efeitos dos quais retiram as suas conclusões.

Nada obstante, se algum dia for demonstrado, conforme elucidou Allan Kardec, que algum dos seus postulados se encontra ultrapassado, deve-se levar em consideração aquilo que a ciência constatou, não gerando qualquer perturbação no contexto geral da doutrina, que é progressista, embora as suas bases imutáveis.

O conhecimento do Espiritismo liberta o ser humano da ignorância em que se encontra, abrindo-lhe as portas do futuro para a felicidade que alcançará desde que se comporte dentro dos conteúdos dignificadores de que se faz objeto.

Desse modo, podemos afirmar com serenidade que Espiritismo e vida são termos da mesma equação existencial.

Reunimos na presente obra trinta mensagens que fomos ditando ao longo de vários anos, abordando temas de atualidade conforme as ocorrências de cada época.

Não seja de estranhar que tenhamos colocado mais de uma página abordando a mesma temática, considerando-se que foram escritas em períodos diferentes, portanto, mantendo o mesmo conteúdo, nada obstante com outros enfoques.

Outrossim, alguns temas foram por nós, oportunamente, estudados em outras obras que se encontram publicadas.

Diversas dessas mensagens foram divulgadas pela imprensa espírita, assim como a leiga, e que ajustamos ao conjunto para a sua maior harmonia.

Não temos qualquer veleidade acadêmica ou presunção intelectual, e as escrevemos com a mente e o coração, tendo em vista a imensa dívida que nos pesa na consciência em relação ao Espiritismo, que foi, em nossa existência anterior, a bússola que nos conduziu pela difícil trajetória carnal.

Tendo-me vinculado às suas fileiras iluminativas, quando jornadeava no corpo somático, nele encontrei o rumo libertador para as necessárias transformações interiores que me prepararam para o futuro, mergulhado conforme nos encontramos na imortalidade.

Apresentando ao público legente as nossas reflexões em torno do Espiritismo, contamos com a sua tolerância e compreensão pela singeleza das mesmas, no entanto, revestidas de sentido espiritista e libertador para as consciências adormecidas nos vícios e os sentimentos atormentados pelas paixões.

Exorando as bênçãos de Jesus para todos nós, os filhos do Calvário, agradecemos a paciência de todos aqueles que nos honrarão com a sua leitura.

Salvador, 16 de setembro de 2009.

Vianna de Carvalho

EXALTAÇÃO AO LIVRO ESPÍRITA

Repositório feliz da trajetória histórica da Humanidade, o livro é o silencioso mensageiro dos tempos, apresentando os fastos das culturas do passado e as narrativas sobre homens e mulheres que desfilaram pelas páginas das diferentes épocas e jazem hoje amortalhados, porém vivos, aguardando ser consultados.

Desde as escritas rupestres às esteiras de pedras, às argilas, papiros, pergaminhos, tábuas, peles de animais até o momento grandioso da descoberta do papel, a partir dos sinais toscos e informes até às letras e caracteres bem definidos, as mensagens vivas referindo-se às glórias e misérias da Humanidade passaram através dos seus registros de uma para outra geração, eternizando os acontecimentos.

Foi ele que auxiliou o desenvolvimento da razão humana e contribuiu decisivamente para a conquista do conhecimento, abrindo mais amplos e grandiosos espaços para o pensamento.

Imortalizado através dos epos, alcançou este momento relevante de tecnologia insuperável, permanecendo insubstituível.

Não obstante a glória da ciência virtual, ele prossegue oferecendo contribuição própria indispensável ao processo de evolução das criaturas.

Perpetuando o pensamento oriental, rico de sabedoria e de mística, na Grécia e em Roma preservou para o futuro a genialidade de Tucídides, de Esquilo, de Hesíodo, de Sócrates, de Platão, de Aristóteles, de Hipócrates, de Leucipo, de Epicuro, de Heródoto, de Pitágoras, de Homero, de Cícero, de Ovídio e de incontáveis mensageiros de Deus e do progresso para auxiliarem o ser humano no avanço inevitável para a aquisição da sabedoria.

Posteriormente, em diferentes períodos, fez-se a alavanca para impulsionar a cultura, tornando-se responsável pelos momentos grandiosos das decisões magnas da sociedade.

Através de Shakespeare ou de Charles Dickens, de Dante Alighieri ou de Voltaire, de Teresa de Jesus, a santa de Ávila, ou de Jean-Jacques Rousseau, de Sór Juana Inés de la Cruz ou do Marquês de Beccaria penetrou no bojo das criaturas humanas e fez desmoronar as masmorras da ignorância ou construiu-as na emoção de muitos, assinalando profundamente cada época.

Graças a Goethe, através de Os sofrimentos do jovem Werther, induziu ao suicídio inúmeros adolescentes frustrados afetivamente que se identificavam com o drama da infeliz personagem, sulcando vidas com amargura. O mesmo aconteceu com Tolstoi, no seu Anna Karenina, de que se arrependeria dolorosamente mais tarde...

No entanto, noutros momentos desencarcerou milhões de vidas quando se apresentou como fonte geradora de esperanças no formato de Obras espirituais em todas as culturas, culminando em O Novo Testamento, que retrata o maior momento da História.

Apesar da missão sublime de que se encontra investido, nem sempre aqueles que o escrevem dão-se conta da sua significação e objetivo.

Por isso, no livro espírita encontramos a mensagem dl vida eterna desvestida de sortilégios e dogmatismos, refletindo a transparente claridade da vida exuberante.

Foi Allan Kardec quem o brindou com eloquente entusiasmo e imbatível coragem, lutando contra os preconceitos e as paixões servis ao apresentar em Paris, em 1857, o Espiritismo, despido de sofismas e silogismos, das complexidades de sistema e dos conflitos de escolas filosóficas através de O Livro dos Espíritos, hoje patrimônio da Humanidade.

Contendo as questões mais palpitantes do pensamento histórico analisadas pelos Imortais, é síntese de sabedoria em todos os sentidos, que as conquistas da ciência contemporânea vêm confirmando a cada dia.

Escrito com clareza meridiana e acessível aos diferentes níveis culturais, tem resistido às revoluções das diversas ideologias sem sofrer qualquer prejuízo de conteúdo ou de forma, transcorridos cento e quarenta e quatro anos quase após a sua publicação.

Base de sustentação da Doutrina Espírita, desdobra-se em outros que são fundamentais para a compreensão do ser, do destino, da dor, dos objetivos essenciais, quais sejam: O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese em incomparável harmonia entre a ciência, a filosofia e a religião, unindo a razão ao sentimento, a ética à moral, o pensamento à emoção, como ninguém dantes o conseguira.

Graças a esse conjunto estrutural, desdobra-se em novos livros de orientação e consolo, de esclarecimento e debate, de informações valiosas e de revelações incomuns, dignificando a vida e todos os seres que habitam a Terra, por elucidar que o processo evolutivo é inestancável, a todos facultando a glória da plenitude.

Por essas razões, exaltamos o livro espírita, nele encontrando Jesus descrucificado e libertado dos mitos com que O ocultaram através dos tempos, retornando ao planeta, a fim de erguê-lo na escala dos mundos e impulsioná-lo no rumo do Pai.

HOMENAGEM A ALLAN KARDEC

As exuberantes claridades do Século das Luzes não foram suficientes para arrancar a criatura humana do materialismo e do pessimismo. Enquanto as Escolas de pensamento se debatiam nas rudes procelas do cepticismo e da negação, apoiadas sobre os alicerces do mecanicismo científico, afirmando a morte do ser no momento da anóxia cerebral, igualmente alargavam-se os horizontes da investigação em torno da personalidade e do comportamento, da psique e da saúde mental, tentando-se compreender a estrutura profunda do inconsciente e da sua constituição neurológica.

Teorias grandiosas apareciam com entusiasmo e emurcheciam dominadas por outras não menos esdrúxulas, que deslumbravam as mentes aturdidadas e cansadas do Deus teológico e arbitrário, que atemorizava e punia sem compaixão em nome do amor que preconizava em Seu nome.

Pensadores cristãos sinceros, não obstante, proclamavam a necessidade de uma releitura do Evangelho baseados na necessidade de uma renovação moral fundamentada em Deus e liberdade. Espíritos notáveis reencarnados, quais Laménais, Lacordaire e outros lídimos servidores do Bem, após inicia rem a nova era do pensamento cristão através do seu periódico L'Avenir, convidando os teólogos e estudiosos católicos a uma revisão dos textos evangélicos e aplicação mais consentânea com os dias de então, viram o seu órgão ser fechado pela intolerância clerical, em tentativa cruel de silenciar-lhes a voz, mas não desistindo de dar prosseguimento à luta em favor de uma sociedade feliz e realmente cristã conforme os postulados enunciados e vividos por Jesus.

Dessa forma, pairava na psicofera cultural da França e do mundo algo de extraordinário que deveria acontecer para alterar completamente e por definitivo a conduta religiosa que se debatia nos estertores da obstinação medieval, sobrevivente a todos os avançados passos do conhecimento existente. Eram os prenúncios da chegada do Espiritismo, cujos missionários responsáveis pelo ministério já se encontravam reencarnados uns, enquanto os outros preparavam a instalação da Nova Era.

O materialismo vigoroso era a resposta das conquistas logradas nos laboratórios e da reação filosófica de homens e mulheres que não mais se submetiam aos ditames escravocratas das paixões que produziam o fanatismo religioso, sempre distante da realidade, porém, dominante e perverso.

A razão, naqueles dias, libertava-se dos grilhões do magister dixit e a severa vigilância na literatura, que somente podia proclamar aquilo que estivesse sob os ditames da revisão religiosa autorizada pelo Imprimatur da Igreja, começava a perder força e poder. O panfletismo e as impressões desautorizadas sacudiam as mentes e os corações que aspiravam por liberdade, abrindo os horizontes da fé para novas conceituações e procedimentos.

Foi nesse bátraco que surgiu O Livro dos Espíritos, publicado pela coragem moral e cultural de Allan Kardec, graças ao compromisso estabelecido com o Sr. Dentu e mantido pela sua viúva, Sra. Mèlanie, que lhe honrou a memória, ensejando a impostergável revisão e reestudo da doutrina de Jesus sob a óptica da Razão e da Ciência, confirmando a indestrutibilidade do Espírito, a sua comunicabilidade com os seres humanos, a reencarnação, e apresentando a ética-moral que ressuma do Seu Evangelho, e que se encontrava mergulhada no abismo da ignorância e dos interesses subalternos.

Com as novas propostas espíritas, os camartelos do bom senso e da investigação abriram as carcomidas bases das religiões dominantes, facultando novas incursões filosóficas na interpretação dos textos de Jesus e dos Seus discípulos, que trouxeram coragem e alegria de viver aos milhões de sofrendores aquartelados nos sombrios redutos da ignorância, do medo ou do desespero e da revolta...

O Espiritismo veio confirmar a promessa de O Consolador proposta por Jesus antes de despedir-se dos amigos, com os notáveis instrumentos da investigação científica e do pensamento ético, ensejando a religião do amor e da razão, únicos requisitos que podem oferecer resistência contra o mal e a perversidade histórica sempre presente nos comportamentos humanos.

Inesperadamente, em face do cinismo e da vulgaridade que o materialismo propunha ao comportamento com expressões hedonistas desgastantes, sentindo-se aturdido e desestruturado, levantou-se para exterminar o Espiritismo, utilizando-se do ridículo que antes dirigia aos clérigos e religiosos outros para atingir os médiuns, que eram acusados de charlatães ou de psicopatas, não ocultando os estertores agônicos em que se estorcegava.

Enquanto os religiosos levantavam bandeiras de nova caça às bruxas, repetindo os desgastados refrões medievais, de intervenção demoníaca na sua conduta, o cepticismo orgulhoso e vão ridicularizava a mediunidade e os espíritas utilizando-se de epítetos chulos e mesquinhos, para subestimarem a nova revolução que ignoravam, não tendo a coragem cultural de se dedicarem ao seu estudo e análise. É sempre mais fácil combater o que se ignora, mantendo-se na presunçosa figuração de sapiente do que reconhecer os próprios limites, avançando sempre no rumo de sempre enobrecida erudição. Isto porque, o conhecimento que realmente liberta impõe conduta compatível com as informações constatadas, exigindo radical mudança dos hábitos doentios e primários com os quais se encontra acostumado o indivíduo, para galgar um patamar mais elevado de comportamento, que exige esforço, porém compensa pela plenitude que propicia.

O Espiritismo é uma ciência de profundas consequências ético-morais por estruturar-se na compreensão de uma filosofia existencial estribada no comportamento saudável. De nada adiantaria o conhecimento da imortalidade da alma e os efeitos da sua conduta terrestre, se não proporcionasse uma alteração real na maneira de ser do indivíduo que lhe assimila os paradigmas. Exige, portanto, expressivo esforço do seu adepto para que se ajuste aos seus impositivos doutrinários.

Sobrevivendo ao Século das Luzes que pôde mais clarear com as estrelas fulgurantes das suas propostas, venceu sobranceiro o Século da Ciência e da Tecnologia, sem que qualquer um dos seus postulados sofresse alteração ou fosse superado, antes confirmados pelas diferentes áreas da investigação científica, seja na Física Quântica, quanto na Biologia Molecular, na Psicologia transpessoal, quanto na Embriogenia, havendo enfrentado as mais avançadas conquistas revolucionárias dos últimos tempos, quais os transplantes de órgãos, a criogenia, a clonagem, a fecundação in vitro, a virusterapia... É o maior adversário da eutanásia, do aborto criminoso, da pena de morte, do suicídio, das guerras, sempre de pé contra o direito humano de matar, avançando estóico pelos caminhos do

Terceiro Milênio com as suas propostas libertadoras e nobres, construindo o homem mais saudável, integral e a sociedade feliz por todos anelados.

Dessa forma, recordando o ínclito Codificador Allan Kardec, que abriu a cortina da Nova Era com o seu caráter invulgar de homem de bem, de erudição e de dignidade, nós, os Espíritos-espíritas agradecemos a sua contribuição e valor, por haver sido o excelente instrumento do Mundo espiritual para a Humanidade no momento mais grave do pensamento histórico de todos os tempos.

HONRA A MEDIUNIDADE

Sem recorrermos à intimidade das civilizações mais recuadas do Oriente e do Ocidente, detendo-nos apenas na cultura judaico-cristã, encontraremos a presença da mediunidade em todas as épocas assinalando os seus fastos com a presença de venerandas Entidades, que se encarregaram de orientar o destino dos seus governantes e do povo em geral.

Moisés, inspirado pelos Espíritos Guias da Humanidade recebe os Dez Mandamentos, que se transformaram em soberano código para os tempos do futuro até os nossos dias, assinalando os comportamentos do homem e da mulher.

Em diversas ocasiões, na grande travessia do deserto, convive com os Mentores e transfere a percepção psíquica aos anciãos de Israel, enriquecendo-os com ectoplasma, a fim de que pudessem vivenciar a elevada experiência de ordem espiritual.

Dois jovens, Eldade e Medade, tomados pelas Vozes espirituais profetizam e provocam ciúmes, sendo, porém, apoiados por Moisés, que afirma gostaria que todo o povo pudesse fazer como eles, confirmando-lhes a faculdade mediúnica.

Todos os profetas mantiveram os mesmos vínculos com os Espíritos elevados que os guiavam, avançando no tempo em momentosas precognições que se consumaram através de ricos detalhes, que os tornaram verdadeiros mensageiros do Mais Alto.

José, igualmente inspirado, interpretou o sonho do Faraó, e se tornou ministro no Egito, auxiliando-o enquanto viveu.

Daniel, mediunizado, traduziu a lenda estranha que apareceu na sala do rei Baltasar, da Babilônia, anunciando a destruição do reino, conforme se verificou logo depois.

A vinda de Jesus fez-se anunciada espiritualmente através dos séculos na condição de Messias, que viria instaurar um reino superior entre os homens da Terra, e todo o Seu ministério foi assinalado pelas contínuas comunicações com a Erraticidade.

Transfigurando-se, diante de Moisés e Elias, no monte Tabor, inaugurou o período das futuras reuniões espíritas de materialização. Logo depois, libertou o jovem epilético da ação tenebrosa de um Espírito imundo.

Não poucas vezes dialogou com os obsessores, concitando-os a libertar aqueles que lhes padeciam as injunções dolorosas.

Curou, a distância, o servo do centurião, detectando vida em pessoas consideradas mortas, como a filha da viúva de Naim e Lázaro, que trouxe de volta à lucidez da consciência, arrancando-os do estado profundo de catalepsia.

Não bastassem os inúmeros testemunhos da Sua mediunidade sublime, após a morte retornou inúmeras vezes, a fim de demonstrar a sobrevivência da vida ao decesso tumular, aparecendo em diferentes períodos da Humanidade a homens e mulheres valorosos, para que dessem prosseguimento aos ministérios abraçados, desse modo contribuindo com o progresso próprio e o da sociedade.

Médiuns extraordinários passaram pelos séculos convidando à reflexão e ao apostolado do bem, assinalando as suas existências com a abnegação e o devotamento, despertando mentes e corações para os deveres espirituais e o entendimento a respeito da transitoriedade da existência carnal.

Malsinados uns e perseguidos outros, celebrizados diversos e glorificados alguns que passaram santificados à posteridade, enquanto expressivo número teve a existência corporal encerrada pela intolerância religiosa nas fogueiras e vitimados por outras penas cruéis, deixaram o rastro luminoso, anunciando a imortalidade do Espírito, para que os seres humanos pudessem manter a esperança e a alegria nas lutas ásperas e nos testemunhos dolorosos.

Com Allan Kardec, o nobre Codificador do Espiritismo, a mediunidade abandonou as paisagens do mito e da acusação, deixando de ser graça especial concedida a alguns ou psicopatologia lamentável, para assumir o seu papel real de ponte entre as dimensões física e espiritual, facilitando o intercâmbio entre os seres, ao tempo em que dignificou a conduta moral terrestre.

A faculdade mediunidade se radica no organismo, independentemente dos valores morais do indivíduo, sendo, portanto, desse ponto de vista, neutra. Nada obstante, os requisitos pessoais de cada um constituem significativo polo de atração para os Espíritos que, mediante a afinidade vibratória, passam a acompanhá-lo, interferindo em seus pensamentos, palavras e atos.

Em razão disso, a mediunidade impõe comportamento ético-moral dignificante, através do qual o instrumento se transforma, alterando a conduta para melhor, assim contribuindo em favor da renovação do grupo social e da Humanidade em geral.

Na sua condição de faculdade orgânica, está presente em todos os seres humanos em diferentes graus de desenvolvimento, sendo em uns ostensiva, enquanto que noutros muito sutil, podendo ser desdobrada através de exercícios e estudos, que lhe dilatam as possibilidades de manifestação.

O estudo é-lhe, desse modo, fundamental, a fim de que sejam identificados os fenômenos de natureza anímica e liberados, facultando o intercâmbio lúcido e claro, sem interferência dos registros do inconsciente do próprio médium.

Ao mesmo tempo, a educação moral é de relevância, porque oferece os instrumentos indispensáveis à sublimação espiritual no processo de vivência dos recursos que se encontram em disponibilidade.

No passado, algo remoto, pítons, pitonisas, hierofantes, gurus, sibilas, auríspices, em face do atraso moral das sociedades em que viveram, não se preocupavam com os valores profundos da dignificação pessoal, embora em alguns santuários indianos, egípcios, gregos e romanos, houvesse uma seleção de qualidade em torno daqueles que apresentavam as faculdades mediúnicas, a fim de se tornarem dignos de credibilidade.

Graças a Allan Kardec, que pôde mensurar os requisitos morais dos médiuns, no que diz respeito à qualidade das comunicações espirituais, os mesmos passaram à posição de metas que devem ser alcançadas, como indispensáveis à comunicação com os Espíritos superiores.

Nesse processo de crescimento ético do médium, a gratuidade, no exercício das faculdades de que se faz portador é relevante, porque não tem o direito de locupletar-se do esforço do seu próximo, vendendo as informações que lhe são concedidas sem qualquer tipo de cobrança, para o bem de todas as criaturas.

A questão diz respeito, não apenas, à necessidade de serem gratuitas todas as suas atividades mediúnicas, ampliando-se o conceito, para que o médium evite as homenagens que agradam ao personalismo, que exaltam os sentimentos menos edificantes, os presentes com que são comprados indiretamente, aprisionando-os nos cofres dourados do poder transitório e dos recursos endinheirados daqueles que se acostumaram a tudo resolver através do mercantilismo...

Cabe ao médium manter-se em constante sintonia com os seus Guias espirituais, a fim de poder servir a todo instante e não somente em horas reservadas para o mister.

O fenômeno mediúnicamente dá-se amiúde, a cada momento, desde que o intercâmbio com os Espíritos, consciente ou inconscientemente, é contínuo, em face da sincronização mental e moral existente entre os encarnados e os desencarnados.

A mediunidade, portanto, ascende de nível orgânico para emocional e comportamental, ensejando uma perfeita identificação com a recomendação de Jesus, quando propõe: - Sede perfeitos como o Pai celestial é perfeito.

Trabalhando a mediunidade gloriosa através da dedicação e do desinteresse pelas questões materiais e retribuições humanas — elogios, demonstrações de reconhecimento, honradas terrestres, destaques na comunidade - o servidor torna-se credor da assistência dos Espíritos nobres que trabalham em favor da Humanidade.

O sofrimento, a solidão, a incompreensão que experimenta, portanto, ainda são os caminhos e métodos mais valiosos para conduzir o medianeiro à interiorização, à vivência dos postulados do amor e da caridade, sintonizando melhor com os ideais do Bem e conseguindo, a passo e passo, a felicidade do *mediumato**, que lhe deve constituir meta a alcançar.

** Mediumato - Palavra criada pelos Espíritos, para designar a missão providencial dos médiuns, conforme comunicação XII do Espírito Joanna D'Arc, no capítulo XXXI de O*

Livro dos Médiuns.

Antônio Houaiss registra no seu dicionário MEOIUMNATO. Nota do revisor

A DIALÉTICA DO ESPIRITISMO

Por singular coincidência, enquanto Karl Marx apresentava em Londres o seu Manifesto comunista, no dia 31 de março de 1848, naquela mesma noite, em Hydesville, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, os Espíritos conseguiram comunicar-se com a família Fox através de ruídos, realizando uma façanha dantes ainda não conseguida com o mesmo êxito, que foi o intercâmbio mediante perguntas e respostas lúcidas.

É verdade que em diferentes épocas da Humanidade as comunicações espirituais se fizeram exuberantes, mediante ruídos, aparições, materializações e transportes de objetos sem contato físico, mas a partir dessa data foi possível estabelecer contato direto e programado, de que resultaram incontáveis benefícios para as criaturas terrestres.

Graças à irrupção da mediunidade ostensiva responsável pela ocorrência dos fenômenos exuberantes, na mesma ocasião em que surgiu a dialética marxista, igualmente trabalhada por Engels, os pródromos de uma outra de natureza espiritual se desenharam nos painéis da cultura, a fim de que o ser humano que se encontrava submergindo no materialismo cruel tivesse possibilidade de encontrar um roteiro de segurança para a própria iluminação e felicidade.

Ocorreu esse evento quando Allan Kardec, o magnífico Codificador do Espiritismo, observando aqueles fenômenos perturbadores para a cultura da época, encontrou a sua lógica, resistindo às mais variadas hipóteses que se levantaram para negá-lo ou diminuir-lhe a vitalidade, apresentando o resultado das suas cuidadosas observações e reflexões através de O Livro dos Espíritos. Com essa obra granítica nasceu a dialética espírita, portadora de conteúdos para resistir aos camartelos do marxismo e de outras expressões do materialismo.

Filosoficamente a dialética, segundo Hegel, é a natureza verdadeira e única da razão e do ser que são identificados um ao outro e se defendem segundo o processo racional que procede pela união incessante dos contrários — tese e antítese — numa categoria superior, a síntese.

Por sua vez, Marx definiu a dialética como o processo de descrição exata do real, fundamentando a sua proposta nas lutas de classe, nos relacionamentos entre o trabalho e o capital, que desbordaram na revolução proletária.

Allan Kardec, por sua vez, descrevendo o mundo real e causai, constatou que as condições de felicidade e de desdita da criatura humana, embora se apresentem nas relações que existem entre o trabalho e o capital, especialmente nas sociedades injustas, no desenfreado apego das criaturas pelo poder através do capitalismo e da política, as suas causas legítimas se encontram no próprio indivíduo, ainda egoísta e vão, que acredita ser a vida física a única existente, portanto, deixando-se levar pela paixão da dominação do seu próximo, asfixiando-o na miséria social e econômica que, infelizmente, conduz à luta de classes, à revolta do proletariado que tem vivido esmagado.

Ocorreu, no entanto, que em razão do mesmo engodo, a vitória do proletariado não equacionou o problema da miséria econômica, porque com a queda do capitalismo e das elites dominantes onde proliferou a revolução marxista outro podei se fixou, mantendo os excluídos, porque não filiados ao partido dominante e o povo, sempre a grande massa, sucumbindo nos estertores das necessidades de toda ordem.

A revolução que se deve operar no mundo não pode centrar-se na destruição e na morte, cujos efeitos são sempre perversos e vingativos.

As vítimas de hoje falam no silêncio do túmulo sobre as injustiças que sofreram e se tornarão mártires mais tarde, quando outras revoluções vierem suceder as que triunfam por um dia.

Desse modo, o materialismo dialético mantido nos fundamentos das lutas entre o trabalho e o capital não pode resistir ao processo de evolução da cultura que avança no rumo de Deus e da alma imortal, escrevendo nova página na história da Humanidade.

Uma religião científica sempre foi anelada pelos pensadores e investigadores que se rebelavam contra os dogmas ultramontanos. Com o Espiritismo surgiu essa nova doutrina que se fundamenta na realidade dos fatos experimentados em laboratórios, nos quais a mediunidade é convidada a comprovar a imortalidade do Espírito e a sua destinação evolutiva, a reencarnação e a justiça de Deus, as psicoterapias da desobsessão e mediante o otimismo que deflui das suas incomparáveis lições de edificação moral.

E esse contingente de propostas libertadoras está exarado na dialética espírita, graças a Allan Kardec, que postula uma visão nova da realidade, utilizando-se dos métodos avançados do diálogo, da dúvida, da afirmação, da síntese, elaborando direcionamentos que libertam os seres humanos em geral da ditadura do trabalho e do capital, ensejando a conquista de novos valores que a morte não consome, ninguém rouba, nem desaparecem...

A dialética em torno de um ser integral - Espírito, períspírito e matéria - atende a todas as necessidades filosóficas e de comportamento, por explicar as injustiças sociais e como solucioná-las, trabalhando o caráter de cada qual, de modo que, ao assumir a governança do lar, da oficina de trabalho, de uma cidade, estado ou nação, não haja diferença de conduta entre o ser que pensa e aquele que age a serviço e para o bem de todos.

Destruindo os enigmas do pensamento e esclarecendo que o egoísmo é o gerador da miséria social, e que a pequenez moral e a poluição da mente são os responsáveis pelos males que assolam o planeta e a sociedade, a dialética espírita favorece a lógica existencial e a destinação futura que está reservada à criatura humana.

Não será, portanto, através das lutas de classes, as encarnadas batalhas que matam uns ditadores e condutores cruéis dos povos, erguendo outros vândalos e perversos, que se solucionará o problema das diferenças sociais e econômicas que vigem entre os seres, porque o ódio sempre desenvolve mais ressentimento e sede de vingança. Mas, sim, por intermédio da revolução, na qual o egoísmo, a crueldade, o orgulho, a presunção, a indiferença moral dos indivíduos cederão lugar ao altruísmo, à bondade, à humildade, à dedicação ao próximo, à participação nos labores da solidariedade, dignificando o cidadão e elevando o mundo.

Têm sido tentados os métodos da agressão e da barbárie, da traição e da guerra, do ódio e da submissão de indivíduos, raças, povos, que logo se levantam e esmagam aqueles que os infelicitavam...

Chega, inevitavelmente, o momento no qual, estimulados por uma nova filosofia de vida, os homens se erguerão para a construção da felicidade real, vivendo a promessa de Jesus centrada no amor e atualizada pela dialética espírita, na razão direta em que, morrendo o materialismo em todas as suas expressões, por falta da matéria e dos alicerces filosóficos, mecanicistas e históricos em que se sustentava, as mentes e os sentimentos estarão livres de algemas e de alucinações destrutivas.

31 DE MARÇO DE 1869

As lutas haviam sido árduas e prosseguiram severas, embora o colossal monumento da Codificação Espírita estivesse concluído. Sucessivas etapas desafiadoras apresentaram-se e foram superadas, carregadas por suspeitas de descrédito e de pessimismo, de insanas perseguições e de crueldade.

Calúnias bem-urdidas se fizeram desencadear contra a Mensagem libertadora e os seus veiculadores, sem que o desânimo lhes tomasse os campos emocionais da irrestrita confiança em Deus e nos Seus Embaixadores.

Ciladas trabalhadas pela astúcia e a desonestidade foram desenvolvidas, de forma que pudessem colher os dedicados obreiros que pugnavam pela Era Nova, sem que os envolvessem nas suas ruinosas teias.

A todos os riscos imagináveis estiveram submetidos, sem que desfalecessem nos ideais e diminuíssem a força da realização superior.

Allan Kardec, portador de caráter indômito e de sentimentos diamantinos, soube enfrentar todas as situações perversas, que sempre surgem pela senda dos missionários, suportando as refregas, sem qualquer desalento ou dúvida.

Como nauta seguro, contemplou os pélagos vorazes do mar tumultuado, e, na barca da fé raciocinada avançou sem receio da tormenta, ancorando no porto de segurança inabalável.

A Doutrina Espírita suportara a acrimônia e as arremetidas de cientistas precipitados e preconceituosos, e superara-as, resistindo às acusações soezes de demonismo e de feitiçaria, assacadas por religiosos fanáticos e insensatos, demonstrando a excelente qualidade dos seus postulados, assim mantendo-se também ante a defecção de alguns adeptos de improviso, que não se prepararam devidamente para entender o ministério que pensavam abraçar, mantendo-se superior às humanas paixões...

Sofrendo as agruras das perseguições da ignorância popular, saíra sobranceira do flagício do Auto-de-fé de Barcelona, em 9 de outubro de 1861, atraindo o interesse de milhares de pessoas que viviam prisioneiras da cegueira religiosa e anelavam pela liberdade de pensamento racional e de movimento social.

Nenhum recurso desonesto utilizado pelos adversários do progresso conseguiu impedir-lhe o avanço audacioso.

Aqueles eram dias grandiosos para o pensamento filosófico, para a investigação científica e para a ética-moral superior.

A Ciência adquirira cidadania acadêmica, e a vida humana apresentava-se com melhor qualidade, graças às conquistas da Medicina em suas diversas áreas de pesquisa.

O Espiritismo instalara-se igualmente na cultura do século XIX, despertando a sadia curiosidade de alguns investigadores honestos, de curiosos sinceros atraídos pelo seu brilho fulgurante e de observadores que buscaram o estudo cuidadoso, abrindo espaço para os nobres cultores da Verdade, que encontraram no fenômeno mediúnico a demonstração insofismável para a confirmação da imortalidade do Espírito, e, na reencarnação, a mais grandiosa elucidação sobre a Justiça Divina.

O Codificador, atento e infatigável, atendia a volumosa correspondência que lhe chegava diariamente de distantes pontos do planeta e especialmente da Europa, a confecção-da Revue Spirite, a impressão e reimpressão das suas obras, as viagens de divulgação, as reuniões de estudos e de investigação incessante, sem que a sua fibra moral sofresse qualquer diminuição de valor.

Acompanhado pela extraordinária esposa, a inolvidável e doce Gaby, desempenhava o ministério com esforço quase sobre-humano.

As tarefas em andamento eram muitas, e os cooperadores multiplicavam-se, bem como as dificuldades normais em realizações de tal porte, fazendo-se impressionantes, sem que interferissem negativamente na execução dos compromissos valiosos. Desenhavam-se futuras conquistas que deveriam ser estudadas e programadas com esmero.

O Mundo Espiritual vigilante apontava o porvir a desbravar e solicitava atenção com o presente sinuoso e difícil.

O Espiritismo viera ao mundo para não mais sair dele, com a tarefa de influenciar a sociedade do futuro e oferecer às religiões aquilo que lhes faltava, que são os fatos probantes dos seus postulados essenciais: Deus, imortalidade da alma, Justiça Divina, amor e caridade...

Iniciava-se, então, o ano de 1869, e a Doutrina Espírita encontrava-se concluída.

Os seus parâmetros científicos estavam demonstrados, resistindo a todas as investidas que poderiam fragilizá-los ou destruí-los; os seus postulados filosóficos apresentavam-se elaborados, atendendo às necessidades culturais, emocionais, sociais e espirituais das criaturas; os seus princípios ético-morais de consequência religiosa alicerçavam-se no vigor do Evangelho de Jesus, na sua pureza primitiva, consolando e alentando, apontando o rumo da Imortalidade feliz para o ser humano cansado de desencantos.

As sombras do mal, porém, prosseguiram investindo, em várias tentativas de perturbar a Obra do Mestre galileu, qual acontecera no passado, quando foram desviados os bons trabalhadores dos objetivos cristãos que abraçavam, permitindo-se a alteração da Mensagem em benefício das suas exigências egóicas.

Em vários tentames para ser mantida a pulcritude da fé, dando prosseguimento ao labor de Jesus-Cristo, a inferioridade humana conseguiu adular o seu conteúdo e transformar em poder temporal, político e econômico, o que objetivava ser o reino dos céus para os pobres e sofredores.

Naquela ocasião, após as confirmações de laboratório, o Consolador, por fim, instalava-se na Terra.

Allan Kardec, pensando no futuro do Espiritismo, e considerando a fragilidade moral do ser humano, apresentou diretrizes de segurança, consolidando as conquistas logradas e delineando os programas básicos para a preservação da Doutrina conforme lhe revelaram os Condutores da Humanidade.

O esforço a que se submeteu, as noites indormidas, as realizações exaustivas combaliram-no, mas ele prosseguiu.

O Espírito Dr. Demeure, seu médico e amigo, chamou-o ao justo repouso, conclamando-o à diminuição de tarefas, mas o navegador sentiu que não disporia de muito tempo e não deveria postergar ou deixar de executar o trabalho que lhe fora confiado.

O Espiritismo, por fim, esplendia no solo grandioso da França e chegava a diferentes países do mundo anunciando os Novos Tempos.

Após uma noite de reflexões, quando foi visitado pelo Espírito de Verdade, que lhe comandava o trabalho missionário, despertou eufórico e recompensado interiormente.

Pela manhã, entre 10h e 11h, após atendi a um jovem que veio adquirir um exemplar da Revista Espírita, enlevado. Emoções complexas assomaram-lhe do coração ao cérebro, e ele rodopiou nos calcanhares, tombando fulminado no solo...

Era o dia 31 de março de 1869.

O Codificador do Espiritismo havia terminado a tarefa na Terra. A Codificação ficaria para enfrentar os desafios do futuro.

Evocando o dia da desencarnação do insigne mestre, nós, os Espíritos-espíritas que o amamos, exclamamos comovidos:

- Deus te abençoe, Allan Kardec, incorruptível servidor da Verdade! Vela por nós e ajuda-nos a servir ao Bem conforme o fizeste, bandeirante da luz!

OS ESPÍRITAS VERDADEIROS

A função filosófica e moral do Espiritismo é, primordialmente, produzir a transformação pessoal do seu adepto para melhor. Não o conseguindo, permanece portador de grande beleza, no entanto inócuo nos seus resultados, qual orquídea deslumbrante, mas apenas isso...

O Espiritismo possui os elementos indispensáveis para operar a mudança social, isto é, criar os recursos hábeis, através dos quais, iluminando a criatura, esta se encarregará de promover o progresso da sociedade e acelerar a fraternidade, a vivência do bem.

Ciência estruturada em fatos demonstráveis à sociedade, desperta interesse nos investigadores, enquanto propicia a confirmação experimental dos seus paradigmas. Mediante a sua repetição constante elimina quaisquer hipóteses outras que se arquetem com o fim de negá-lo.

Ao mesmo tempo a sua filosofia, que resultou dessas comunicações mediúnicas, possui um repositório de sabedoria que enfrenta o materialismo de maneira estóica, respondendo a todas questões perturbadoras do pensamento, firmadas na lógica e na razão.

Dispensando quaisquer sinais exteriores de identificação, os seus profíteses fazem-se conhecidos pela conduta moral e as ações de caridade em que se empenham.

Não obstante, a fenomenologia, mesmo convencendo os seus experimentadores, nem sempre consegue produzir espíritas verdadeiros, sinceros, devotados, mantendo-se na torpe situação de investigador exigente, não definindo a sua adesão à Causa.

Da mesma forma, outros tantos, que se convencem da sua realidade mediante a aceitação dos seus postulados portadores de argumentação de bronze, embora a certeza da sua legitimidade, não são introjetados no comportamento.

Somente um número algo reduzido de estudiosos e investigadores assume a postura de trabalhar em favor da sua divulgação, ampliando os horizontes terrestres para propiciar-lhes a felicidade através da renovação moral dos seus membros. São esses os espíritos verdadeiros ou espíritas cristãos, pela sua aceitação e prática do código moral estatuído por Jesus.

Enxameiam, entretanto, aqueles adeptos que se creem portadores de méritos que estão distantes de possuir, pensando que a sua adesão à Doutrina Espírita credencia-os a permanecer exigentes, impermeáveis, sempre impondo condições novas para a aceitação total dos ensinamentos. E se dizem, também, espíritas, que o são, porém, apenas como experimentadores.

Outro número muito expressivo de crentes assim demora porque a Doutrina repletou-os a todos de respostas legítimas, preenchendo-lhes as lacunas filosóficas, culturais e atendendo-lhes as mil questões tormentosas em que se debatiam.

Apesar disso, não abandonam os velhos hábitos, estribados em egoísmo avassalador e em soberba injustificável. Compreendem esses adeptos os ensinamentos exarados na Codificação Espírita e nas obras que lhe são subsidiárias, mas prosseguem acomodados nos seus gabinetes de reflexões e de vaidades, quando não se fazem renitentes nas paixões em que se comprazem. Esperam sempre soluções para os dramas que fomentam e aguardam distinções a que não fazem jus.

Normalmente são hábeis na censura aos demais com facilidade, exigindo perfeição que não possuem; invejam a ascensão dos companheiros, atirando-lhes petardos acusatórios, sem produzirem significativa alteração de conduta, tornando-a exemplar; combatem a prodigalidade do próximo, aferrados à avareza pessoal; estabelecem diretrizes que desejam ser vivenciadas pelo próximo, facultando-se justificativas impeditivas para introjetá-las... Caracterizam-se por desejar, sem muita convicção, que o outro se revele em condição moral superior, suportando o seu azedume e a sua petulância, enquanto apenas apontam os erros...

Geram dissidências, apegando-se a detalhes de forma, sem a preocupação de examinarem os conteúdos, sempre vigorosos na exibição da cultura em detrimento da conduta, apegados à letra e longe do espírito da mensagem.

Compreende-se esse fenômeno humano, considerando-se o estágio inferior no qual estagia a grande massa, incluindo, naturalmente, algumas elites sociais, econômicas e intelectuais...

Transitando com dificuldade na indumentária física sob a pesada carga de compromissos infelizes, não conseguem, após o encantamento inicial com o Espiritismo, vivenciar as suas lições.

Muitos debandam das suas fileiras, porque em realidade jamais se impregnaram dos ensinamentos espíritas, havendo sido frequentadores de reuniões ou admiradores de pessoas de destaque no grupo, sem que experimentassem um sentimento de simpatia pela Doutrina em si mesma e interesse pela sua evolução espiritual. São os simpatizantes temporários e que esperam somente fruir de benefícios propiciados pelos Espíritos ou do conhecimento doutrinário, mas sem a resposta competente do sacrifício pessoal.

Acreditam na vida futura, sem dúvida, no entanto, retêm-se vigorosamente nos impositivos da existência presente, gozando e desfrutando de tudo quanto lhes é lícito ou não, desde que não desejam perder a oportunidade do prazer...

O espírita de coração, aquele no qual o Espiritismo encontra ressonância produzindo uma revolução para melhor, abre-se ao seu conteúdo e aprende a ser feliz, elegendo a caridade como a estrada moral a palmilhar sem cansaço.

O verdadeiro espírita compreende todas essas ocorrências negativas e infelizes do Movimento no qual labora, sem desanimar nem rebelar-se.

Sabe que as defecções de muitos companheiros resulta da sua imaturidade espiritual e, em vez de exprobrá-los, permanece fraterno, mesmo quando hostilizado ou perseguido.

É manso sem emaranhar-se no cipal da hipocrisia ou do servilismo perturbador.

A sua energia manifesta-se através da perseverança nas atividades doutrinárias que abraça.

Não tem a veleidade de impor-se, de converter os demais. São os seus atos que despertam a atenção, a crença que vivenciam.

O seu entusiasmo é encantador, nunca exaltado, porquanto aqueles que pretendem inocular nos demais a convicção de que se fazem portadores, proporcionam mais males à divulgação do Espiritismo que benefícios.

O espírita verdadeiro não se sente completado, mas em construção evolutiva. Estuda sempre, observando as ocorrências e buscando retirar o melhor proveito, a fim de crescer emocionalmente sempre mais.

Certamente encontramos na sociedade homens e mulheres nobres e bons, que sem conhecimento dos fatos e dos ensinamentos do Espiritismo, podem ser considerados como espíritas, pois creem em Deus, na imortalidade do Espírito e na sua comunicação, na Justiça Divina, no processo da evolução paulatina, seguindo a moral evangélica... No entanto, o discípulo sincero da Doutrina, que a vive e a ensina em palavras e em atos, é conscientemente espírita e verdadeiro cristão, conforme elucida o caroável mestre Allan Kardec, no Capítulo III, de O Livro dos Médiuns, item 28.

APLICAÇÕES DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

O preclaro Codificador do Espiritismo, procedendo a uma análise sintética em torno da Doutrina recém-apresentada ao mundo, estabeleceu que o seu desenvolvimento para atingir a plenitude na sociedade atravessaria três períodos distintos, quais sejam: o da curiosidade, o do estudo filosófico e meditação dos seus postulados, e o da aplicação das suas consequências.

Superada a primeira fase, porque de efêmera duração, mais prolongada é aquela que faculta o estudo filosófico, propondo meditações e reflexões profundas, para a sua aplicação futura, consequência inevitável da incorporação dos seus postulados ao *modus vivendi* de cada um dos seus adeptos.

Os fenômenos espíritas, retratando a realidade da vida em toda a sua complexidade, desvela o mundo espiritual, demonstrando a causalidade de todos os acontecimentos de maneira inequívoca, graças ao que permite a identificação dos legítimos objetivos existenciais.

Demitizando os tabus e superstições, crendices e fantasias em torno do Espírito e do seu processo de evolução, convoca o pensamento à análise lógica em torno da finalidade da existência física e das suas ocorrências.

Dessa maneira, transforma-se no maior adversário do materialismo, cujos postulados trabalham em favor do momento que passa, anulando a possibilidade de sobrevivência do ser à decomposição orgânica. Suas bases, que não possuem qualquer suporte para sustentação em fatos que lhe demonstrem a legitimidade, ante as demonstrações do Espiritismo soçobram, esboroando-se o edifício das suas teses, que são mais fruto de reações psicológicas às religiões ortodoxas do passado, do que propriamente contra a fé legítima, especialmente quando racional.

Em face das elucidações que oferece, o Espiritismo torna o indivíduo seguro da sua realidade eterna, e que se sentindo realmente seguro das responsabilidades que lhe dizem respeito no concerto social, rompe o claustro da pusilanimidade no qual se encarcerara e sai à luta em afanoso trabalho de incessante renovação moral e espiritual.

Por efeito, a sociedade, na qual se movimenta, experimenta a mudança que nele se opera, e desembaraça-se dos grilhões férreos das conveniências transitórias, para estabelecer o comportamento que promoverá a Humanidade ao nobre patamar da integridade social e do equilíbrio geral.

Infelizmente, em razão das estruturas arcaicas em que se firmam os valores éticos atuais, o utilitarismo e a exaltação da personalidade têm prevalência nos seus quadros de relacionamentos humanos.

Os indivíduos e os grupos assim constituídos tornam-se egoístas e laboram estimulados pelos interesses mesquinhos a que se aferram.

Frutos desse materialismo absurdo uns e do religiosismo exterior e indiferente outros, a falácia em torno do ser predomina nas suas formulações morais e nos seus objetivos essenciais, assinalando a jornada orgânica como necessidade inadiável e única para os primeiros, a caminho da plenitude gratuita para os segundos, o que defrauda profundamente a realidade da vida.

O Espiritismo, como antagonista seguro do materialismo, fere-o de morte, por comprovar a vacuidade da matéria e a sua existência, realçando a energia nas variadas expressões em que se manifesta, culminando com o Espírito, que é o ser pensante.

Diluída a ilusão do nada, que é muito difundida, a perenidade do ser exige de todos um arsenal de conhecimentos para ser entendida, ao tempo em que se penetra na finalidade existencial com o destino para onde ruma.

Da mesma forma, descartando as quimeras dos teólogos humanos sobre a fé religiosa, faz que ruam os castelos do protecionismo para suas elites e repúdios eternos para os alienígenas aos seus quadros, abrindo os amplos e infinitos rumos da Espiritualidade.

Enquanto uma e outra condutas filosóficas são resultados de elaborações humanas, de indivíduos e de grupos vinculados entre si pelos interesses a que se prendem, o Espiritismo de todas difere, por ser trabalho dos Espíritos de todas as categorias que, em diferentes partes da Terra, apresentaram-se em todos os tempos, mediante contínuas revelações e que, no século XIX, como vozes dos Céus em sinfonia incomparável, de uma vez alertaram a consciência humana e suas mensagens como estrelas caídas, e produziram uma luminosidade no pensamento que jamais se apagará...

Codificadas essas lições, elaborados os seus paradigmas e confirmados os seus princípios, apresenta-se na condição de uma filosofia profunda, que se propõe a libertar as consciências emaranhadas no cipoal da ignorância, dos preconceitos, das ideias falsas, rompendo todas as amarras que ameaçam retê-las na retaguarda.

Em face dos seus fundamentos repousarem na crença em Deus, na imortalidade da alma, na Justiça Divina, nos benéficos efeitos da adoração ao Criador, mediante ações enriquecedoras, na oração e no respeito aos sentimentos humanos, em Jesus, como Modelo e Guia, inevitavelmente expressa-se com caráter religioso, porém racional, de forma a reconduzir a criatura ao Genitor Excelso, graças ao desenvolvimento dos tesouros morais e de sabedoria que lhe jazem em latência.

A medida que esses conhecimentos tornam-se difundidos e venham a ser implantados nos corações e nas mentes, as consequências inegáveis serão a felicidade, a harmonia social, o desenvolvimento pleno do ser humano, a libertação dos sofrimentos que se impõem por enquanto em razão do processo evolutivo, com o qual todos se encontram comprometidos.

Dessa forma, a sociedade se tornará mais equânime e justa, os relacionamentos se farão duradouros e ricos de compensações emocionais superiores, as leis ensejarão dignidade e confiança, desaparecendo as diferenças de classes, de raça, de pensamento arbitrário, e todas as criaturas, respeitando-se, harmonizarão os sentimentos proporcionando o bem-estar geral.

Conclui-se que o período da curiosidade logo passa, em razão de, sendo atendida pelos fatos inequívocos da sobrevivência do ser à disjunção molecular pela morte, os conteúdos filosóficos tornam-se as respostas aguardadas para as interrogações perturbadoras que permanecem nas mentes ansiosas.

Logo se impõe a necessidade da aplicação desse conhecimento espírita e suas consequências se prolongarão pelo porvir, trabalhando em favor da sociedade melhor, que se há de estabelecer no planeta terrestre, começando no indivíduo que, consciente das próprias responsabilidades, assumirá a condição de verdadeiro cristão.

Esses homens e mulheres de bem formarão pequena células saudáveis moralmente, que se transformarão em grupos felizes, moral e espiritualmente, conseguindo a meta proposta pela existência, que é a felicidade real.

ALLAN KARDEC:
O HOMEM E O MISSIONÁRIO

Quanto mais perscrutamos a vida de Allan Kardec, mais e melhor compreendemos a grandeza desse preclaro Espírito elegido por Deus para construir a Nova Era da Humanidade.

Membro atuante da equipe de O Consolador, reencarnou trazendo insculpido na mente e no coração o compromisso grandioso de que soube desincumbir-se com elegância e inusitado êxito.

Desde muito jovem, atraído pelo conhecimento intelectual, encontrou no insigne mestre Pestalozzi o amoroso e sábio modelador do seu caráter de escol e burilador da sua fulgurante inteligência, que o preparou para o grave cometimento de que se fez notável missionário.

Antes de iniciar o ministério para o qual viera, mourejou na atividade grandiosa da educação, compreendendo que somente se pode forjar uma sociedade feliz quando ela se torna educada.

A sua Escola de Primeiro Grau, fundada em Paris, no ano de 1825 e a Instituição Rivail, também em Paris, criada em 1826, foram o abençoado terreno onde aplicou o notável método do seu ilustre mestre, facultando à cultura francesa ampliar os seus horizontes pedagógicos, considerando a criança e o jovem como a meta prioritária a atender.

A sua contribuição, nesse campo, dele fez credor do melhor respeito dos seus compares na área da educação, inclusive favorecendo-o com uma distinção, entre muitas outras, que lhe foi outorgada pela Academia de Arras, ao tempo em que assinalou a cultura com a modernização da metodologia do ensino, aplicando-a à obra de construção da sociedade esclarecida.

Honrado e sensível ao reto cumprimento dos deveres, consorciou-se com a nobre desenhista e poetisa Amélie-Gabrielle Boudet, que lhe foi devotada esposa e cooperadora infatigável no seu abençoado sacerdócio, antes, durante e depois da sua entrega total à obra de renovação da Humanidade sob as luzes libertadoras do Evangelho de Jesus.

Espírito incorruptível, não apresentava jaça no seu caráter diamantino, o que o tornou vítima de familiar desonesto que, por pouco, não o levou a dolorosa falência, exigindo-lhe esforços hercúleos para manter o nome ilibado durante e depois da refrega afugente.

Indubitavelmente era-lhe necessária essa rude prova, a fim de que as paixões e ambições mundanas que por acaso nele remanescessem, cedessem lugar, no momento próprio, às aspirações e conquistas da Espiritualidade plenificadora.

Nunca se permitiu repouso desnecessário durante as ásperas lutas que travou na defesa da sua honra, do seu lar e do ideal que abraçava.

Quando chamado a tomar conhecimento do lucilar das estrelas espirituais que desciam à Terra, preparando a Era do Espírito Imortal, em momento algum abdicou do bom senso ou da razão, investigando com seriedade e firmeza cada fato, toda e qualquer ocorrência.

Manteve sempre o comportamento de estudioso mu cero, mas não crédulo, a respeito das informações recebidas do Mundo espiritual, passando as observações pelo crivo dl Ciência e da lógica, de maneira que, ao codificar a Doutrina dos Espíritos, conseguiu apresentar uma das maiores sínteses do conhecimento de que se tem notícia em todos os tempos.

Portador de conduta impecável, comedido e sóbrio, soube selecionar as informações recebidas e os médiuns de que se faziam portadores, de maneira que, ao serem apresentadas ao mundo científico e filosófico com a sua moral religiosa de bronze, destituída de dogmatismo e de superstições, tem podido enfrentar a razão face a face desde então, o mesmo acontecendo em relação às futuras épocas da Humanidade.

Em pleno Século das Luzes, enfrentou diatribes e perseguições gratuitas em face da audácia de pensar e de agir fora dos padrões estabelecidos pela hipocrisia social, desenhando com vigor o programa que deveria viger no futuro, quando a sociedade esclarecida e liberta de tabus, superstições e dogmas, contemplatesse o Espiritismo como a resposta sábia dos Céus às contínuas e dolorosas interrogações da Terra.

Mantendo incessante contato com os Espíritos nobres que conduzem a Terra ao seu fanal de progresso e felicidade, soube apresentar-lhes as questões mais palpitantes do pensamento, abrangendo os mais diversos segmentos da cultura, de forma que todos os indivíduos pudessem mergulhar o pensamento e o coração nas lições recebidas, encontrando orientação e segurança para a marcha ditosa no processo da reencarnação.

Jamais jactou-se em face do compromisso abraçado ou desviou-se do roteiro traçado, entregando-se ao trabalho gigantesco com total regime de abnegação, de forma que, no momento da sua desencarnação a Obra estivesse, se não concluída, pelo menos estruturada para enfrentar os vendavais da Ciência e da Tecnologia do futuro.

Simples e cordial, jamais se fez vulgar ou simplório, mantendo os seus amigos e correligionários no mais alto grau da amizade e da consideração, sabendo distender mãos generosas, fraternas e caridosas aos sofredores que lhe solicitassem ou não ajuda.

Com a sensibilidade aguçada, sempre descobria a dor oculta para socorrê-la, minimizando os sofrimentos de todos quantos se lhe acercavam com as moedas que adquirem o medicamento, o pão e o agasalho, mas também com o conhecimento espírita que ilumina para sempre.

Portador de resistência física, moral e intelectual férrea, trabalhava infatigavelmente, atendendo a correspondência volumosa procedente de diversos países, a elaboração, correção e edição da Revue Spirite, ao tempo em que dava continuidade à preparação e publicação das obras que sucederam ao O Livro dos Espíritos, corrigindo-as, ampliando-as e comentando-as com lucidez invulgar.

Quando o corpo tombou, vitimado pela desencarnação, deixou a incomparável tarefa de que se fizera apóstolo, de tal forma consolidada, que cento e quarenta e sete anos depois, nada se lhe pôde acrescentar, corrigir ou adaptar ante as descobertas dos tempos e da cultura modernos.

Sem nenhum interesse encomiástico, afirmamos que Allan Kardec insere-se no contexto dos homens e mulheres mais sábios do século XIX, devendo ser considerado membro da galeria dos notáveis de toda a história da Humanidade.

Ao serem programadas as festividades comemorativas do bicentenário de nascimento do ínclito discípulo de Jesus, que veio à Terra no dia 3 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, na França, os espíritas sinceros e os simpatizantes do

Espiritismo mais não fazem que render tributo ao Espírito missionário que foi Allan Kardec, o Embaixador de Jesus e das hostes espirituais, encarregado de materializar no mu mio físico O Consolador que fora prometido.

Igualmente, nós, os Espíritos-espíritas, associamo-nos aos companheiros de lide doutrinária recordando o lutador invencível do Evangelho, que soube reviver os tempos apostólicos nos padrões do conhecimento e da cultura dos seus dias, legando-nos a magnificente doutrina que é o Espiritismo, na sua totalidade de Ciência que investiga, de Filosofia que responde com sabedoria as interrogações e de Religião que ilumina, conduzindo o Espírito consciente das suas responsabilidades a Deus.

Glória, pois, a ti, Allan Kardec! Os beneficiários do teu esforço grandioso, encarnados e desencarnados, saudamos-te e homenageamos-te, rogando ao Criador que te abençoe sempre e sem cessar!

ALLAN KARDEC E CÉSAR
DOIS GIGANTES DA HUMANIDADE

Ainda eram tumultuados aqueles dias para Napoleão Bonaparte. Sucediavam-se as insurreições e os planos para tirá-lo a vida.

Após haver assinado com o Papa Pio VII a Concordata com o Vaticano, em 1801, ele reuniu os advogados mais eméritos e os juristas mais notáveis do país, a fim de ser elaborado um código civil que terminava com os privilégios no país, fundando o estado social dos franceses.

Houvera assinado o tratado de paz de Amiens, em 1802, com a Inglaterra, sendo eleito cônsul por um período de dez anos, o que foi alterado para o caráter de perpetuidade, logo depois, em 1803.

Não obstante, porque reinasse a paz no continente europeu pela primeira vez desde a Revolução, foi descoberta uma trama dos jacobinos interessados na sua morte, logo desbaratada. Os realistas já haviam tentado tirá-lo a vida em 1800, o que se repetiu em 1804, quando Cadoudal formou um grupo de sessenta adversários dispostos a roubar-lhe a existência física. Descoberta a trama sórdida, o primeiro cônsul prendeu alguns inimigos, exilou outros e condenou à morte o duque d'Enghien, que foi fuzilado.

Ante as sucessivas ameaças de morte, o Senado resolveu conceder-lhe um título hereditário, a fim de salvar o código civil e as instituições republicanas, na mira dos realistas, proclamando-o Imperador dos franceses, na condição de Napoleão I, em 1804. De imediato, um plebiscito confirmou essa decisão do Senado e, no dia 2 de dezembro desse mesmo ano, na igreja de Notre Dame, com a presença do Papa Pio VII, que fora especialmente convidado para a solenidade, foi consagrado com o mesmo ritual e pompa que foram utilizados em homenagem a Carlos Magno, no passado, confirmando-o Imperador dos franceses.

Portador de temperamento arrebatado e rebelde, no momento da coroação, quebrando o protocolo, Napoleão tomou a coroa das mãos do Papa, a quem detestava, e auto cingiu-se, repetindo o gesto em relação a Josefina, na condição de imperatriz.

Apesar de todas essas conjunturas, pairava sobre a França uma psicofera de harmonia e de esperança. Isto porque, nessa ocasião, dois meses antes da coroação do imperador, em Lyon, região das Gálias lugdunenses antigas, reencarnava, no dia 3 de outubro do mesmo ano de 1804, Hippolyte Léon Denizard Rivail, o emissário de Jesus, para a reconstrução da sociedade terrestre, iluminando-a e libertando-a da ignorância com a mensagem grandiosa do Espiritismo.

Em épocas recuadas, César e Kardec estiveram na mesma faina terrestre. O primeiro, que chegara às Gálias, alargava então os horizontes do mundo e submeteu-as à governança do Império Romano, fazendo que a língua latina adquirisse status de universalidade, com vistas à divulgação futura do Evangelho de Jesus, sem que ele, o imperador, soubesse... O segundo, para preservar a crença na imortalidade da alma, na Justiça Divina entre os druidas, em cujo grupo renascera.

Novamente encontravam-se os dois missionários. César, como Napoleão, conquistando a Europa, no seu sonho de um só Estado que deveria ter por capital Paris, difundiu a língua francesa, e Allan Kardec, renascido como Denizard Rivail, para expandir o pensamento de Jesus através dos veículos nobres da Ciência, da Filosofia e da ética-moral de consequências religiosas.

À medida que Denizard avançava na conquista do conhecimento, em Iverdun, na Suíça, com o insigne mestre Pestalozzi, o Corso, fascinado pelo carro da guerra, prosseguiu desencadeando intérminas lutas, sendo vencido pelos inimigos, mais de uma vez, retornado a Paris e outra vez banido para Santa Helena, onde desencarnou abandonado, no dia 5 de maio de 1821.

Enquanto se apagava a estrela do insigne guerreiro, vencido pela própria tirania, deixando, porém, imenso campo a joeirar, o Prof. Denizard Rivail erguia-se como educador emérito, oferecendo à França e aos países francófonos a pedagogia libertadora do seu preclaro educador, preparando-se para a tarefa missionária que realizaria como Allan Kardec.

Ambos, Espíritos denodados e valorosos, cada qual em uma área específica de atividade humana, entregaram-se com abnegação ao ministério para o qual reencarnaram, sendo que um foi vencido pela paixão guerreira, enquanto o outro conseguiu o triunfo como apóstolo da sabedoria e da paz...

Enquanto César trazia a tarefa de apaziguar os povos, reunindo-os em uma só família, apesar da utilização cruel da guerra, Allan Kardec desfraldava a bandeira da fraternidade para unir todos os homens e mulheres sob o postulado FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Ambos assinalaram uma época na História da Humanidade, cabendo àquele que codificou o Espiritismo a gloriosa missão de encerrar a jornada física, de maneira triunfante, legando à posteridade o incomparável tesouro da Doutrina Espirita.

Evocando-lhe o berço de luz, há duzentos anos, quando mergulhou nas sombras do corpo físico, para tornar-se o mensageiro do Consolador Prometido por Jesus, cumpre-nos, a todos nós, espíritos-espíritas, agradecer-lhe a grandeza moral e a renúncia de apóstolo, pelos benefícios de que nos fizemos legatários, proclamando o nosso júbilo e a nossa gratidão insuperável.

A NOVA SOCIEDADE DO FUTURO

Incontestavelmente, as inabordáveis conquistas do conhecimento hodierno, especialmente através da Ciência e da Tecnologia, alçaram o homem e a mulher a um patamar de grandeza antes jamais imaginado.

As viagens espaciais, as comunicações virtuais, a identificação da vida micro e macrocópica, os avanços nas diversas áreas, notadamente na Medicina e na Engenharia, na Embriogenia e na Genética, na Física e na Química, entre outras, demonstram que se vive o período das luzes da inteligência, enquanto uma grande noite se abate sobre os valores morais do indivíduo e da sociedade em geral.

Nunca houve tanta dor e impotência humana em relação às penosas circunstâncias existenciais, quanto nestes tormentosos dias de beleza e de aflição, de cultura e de agressividade, de decantadas liberdades democráticas e espezinhamento dos direitos do cidadão...

Revoluções intestinas devoram as infelizes nações da África, que agoniza, vitimada pelas antigas calamidades epidêmicas adicionadas à AIDS, devoradora implacável de milhões de existências humanas, espalhando-se por outros países, cujos governos demonstram impotência para deter a onda de sequestras, de homicídios seriais, de crimes contra o patrimônio e contra o indivíduo, revoltas contínuas e terrorismo, tanto internacional como nacional, insegurança e ressentimentos... demonstram quão grave é a hora que se vive na Terra.

Concomitantemente, em fugas espetaculares do medo e da ansiedade, as multidões alucinadas atiram-se no desbordar das paixões sensuais e devastadoras do sexo, do alcoolismo, do tabagismo, da drogadição, tornando a existência um palco de exibição dos seus tormentos disfarçados de risos e embriagues dos sentidos, como se a vida pudesse permanecer reduzida ao tóxico das momentâneas ilusões!

Em consequência, aumentam, assustadoramente, os transtornos de conduta, avolumam-se a depressão da afetividade bipolar, a síndrome do pânico, as doenças degenerativas, as cardiopatias, o câncer, culminando em loucura e suicídio...

Enquanto isso ocorre, as contínuas ameaças de pandemias assustam os cientistas e a Organização Mundial de Saúde, que não cessam de advertir os governos a respeito da moderna Influenza das aves, quase impossível de ser detida, a ebola e outras mais...

O próprio planeta estertora em tsunâmis, terremotos contínuos, erupções vulcânicas, prenúncios de contaminação e aquecimento atmosférico, resultando em degelo das neves eternas em toda parte, da Groenlândia e dos pólos, com o conseqüente aumento de volume dos oceanos, que devorarão as cidades litorâneas, a poluição dos mares, rios e lagos, o desmatamento desordenado e perverso, produzindo a absorção das reservas de água potável, também resultante do desperdício e do mau uso do precioso líquido, o desaparecimento de centenas de espécies animais e vegetais em todo lugar, na sua maioria efeito da incúria humana e do despotismo de alguns governos alucinados e de milhões de criaturas insensatas que perderam o endereço de si mesmas, enquanto negando a existência de Deus...

Dir-se-á que algumas das calamidades sísmicas sempre estiveram presentes na estrutura do planeta, o que é verdade, não, porém, em ameaça devastadora à vida que se manifesta em toda parte, povoando-o sistemática e continuamente, de forma que se torna destruída com rapidez, produzindo terríveis danos emocionais e psíquicos para toda a Humanidade.

De igual maneira, há quem se refira às terríveis pandemias do passado que foram vencidas pela Ciência, não devendo causar espanto as que atualmente são identificadas.

Desejamos referir-nos à impotência humana presunçosa, que se propõe tornar a vida feliz e não conseguiu evitar o surgimento de novos males que açoitam a sociedade.

As religiões, na sua quase totalidade, lutando pelo proselitismo e pelos benefícios disso decorrentes, têm-se esquecido do ser humano — sua meta, seu fanal! — para preocupar-se com estatísticas retumbantes e lucros injustificáveis, permanecendo indiferentes aos acontecimentos graves que assinalam estes terríveis dias do Senhor!

Há uma quase generalizada indiferença ante as ocorrências perturbadoras que impactam por um momento, para logo serem substituídas por outras notícias mais aparvalhantes, gerando uma certa acomodação, parecendo demonstrar a impossibilidade de alterar-se a paisagem de angústia e desespero que toma conta da Terra em agonia...

O Espiritismo, porém, chegou em momento próprio para convidar os Espíritos encarnados e desencarnados a reflexões graves a respeito dos compromissos que todos assumiram com as Divinas Leis, a respeito dos valores éticos que devem permanecer governando os destinos.

As informações iluminativas, trazidas em linguagem clara, nos seus conteúdos insofismáveis, têm por finalidade despertar as consciências e orientar os sentimentos na direção do Bem e da Verdade, de modo que se possam mobilizar com denodo, a fim de modificar as lamentáveis ocorrências ameaçadoras.

As comunicações espirituais, produzidas nas mais diversas partes do orbe, são unânimes em assinalar este momento de transição, conclamando ao despertar para a responsabilidade de todos, no que diz respeito à Nova Era que será instaurada após a grande transição que se opera.

Não é, pois, de estranhar-se a soma dos acontecimentos afugentes, desde que, Jesus a eles se referiu com clareza meridiana, considerando o primarismo moral e emocional no qual preferem manter-se os indivíduos da imensa mole humana.

Após haverem chegado ao Orbe os missionários do amor e da compaixão, do dever e da caridade, do conhecimento e da beleza, do pensamento e da fé, tentando orientar as mentes no rumo da imortalidade inevitável, após Ele próprio haver estado entre nós, outra alternativa não existe exceto o chamamento pela dor, de forma a facultar a compreensão compulsória dos deveres de todos em relação ao Excelso Amor.

Como ninguém pode deter a marcha do progresso, que é inestancável, todos aqueles que se lhe constituem obstáculo ou motivo de escândalo, pedras de tropeços, após advertidos inúmeras vezes, serão transferidos compulsoriamente para esferas mais primitivas de evolução, nas quais recomeçarão o processo iluminativo sob os acúleos pungentes da aflição.

Conforme ocorreu com a Terra, nos seus primórdios do processo evolutivo, quando recebeu a grande legião de emigrados espirituais de outra dimensão, verdadeiros Lucíferes das narrações bíblicas por sua teimosa resistência aos Códigos Divinos, também chega o momento em que os rebeldes terrestres seguirão a novos planetas, onde projetarão o conhecimento de que são portadores, a braços com as feridas morais que conduzirão no íntimo, até a cicatrização que se dará, credenciando-os ao retorno à pátria de origem, de se afastaram por um expressivo período.

Simultaneamente, a fim de tornarem estes dias menos dolorosos, pois que se assim prosseguirem, afirmam as Escrituras (Marcos XIII - O sermão profético de Jesus), não se poderia suportá-los, descem às sombras terrestres novas legiões de emigrantes espirituais, que deverão promover os sentimentos morais, a par dos avanços da cultura, das ciências, das artes, da tecnologia já existentes e por conseguir-se, construindo uma nova sociedade mais benigna e justa.

Neste grave trânsito de mundo de provas e de expiações para mundo de regeneração, a felicidade também vem desenhando perspectivas de esperança e de paz, aquinhoando os Espíritos fiéis com bem-estar, saúde e resistência para superar as investidas do mal que ainda teima em permanecer nas paisagens íntimas, tanto quanto aquelas que procedem de outrem, do mundo exterior...

A soberba do ser humano, porém, é-lhe também adversário cruel, porque, mantendo-o na ignorância a respeito dos elevados deveres que lhe cumpre desempenhar, impede-o de desenvolver-se espiritualmente, avançando pela senda do progresso conforme seria de desejar, de modo que atingisse os níveis de lucidez que o capacitariam à legítima compreensão da finalidade existencial na Terra.

Bloqueando-se pelo orgulho desmedido, mergulhado na vã loucura do materialismo, ele pensa poder a tudo explicar através das suas concepções ousadas, mas pobres de significado, atravessando as horas do rio do tempo na frágil embarcação da ignorância da realidade.

Quando se lhe acerca o fenômeno biológico da morte, seja pela idade avançada ou através de enfermidades desgastantes, ou mesmo por tragédias não desejadas, não mais dispõe de oportunidade para refazer o caminho, para instalar novos conceitos no imo e renovar-se mediante a elevação espiritual que lhe diz respeito.

Eis por que as profundas e incomparáveis lições do Evangelho de Jesus constituem, ainda hoje, e especialmente nestes dias, a mais avançada proposta psicoterapêutica preventiva e curadora de que se tem notícia para os males da psique, os tormentos da emoção, os desgastes do corpo, oferecendo os recursos hábeis para o encontro da razão de existir, dos motivos próprios para lutar e dos instrumentos específicos para aplicação imediata nas circunstâncias que se defrontem...

Emergem de suas páginas os ensinamentos notáveis da compaixão e da misericórdia, do amor e do perdão, da disciplina e da ordem, do dever e da responsabilidade, trabalhando os materiais que constituem os alicerces do inconsciente à aceitação de novos elementos com os quais serão construídos os pilares da atualidade consciente.

Jesus, na sua linguagem figurativa, refere-se à Nova Jerusalém, àquela de natureza eterna que um dia albergará toda a sociedade terrestre, na Pátria além do corpo, mas oferecendo também a perspectiva em favor de uma existência feliz na trajetória orgânica, na condição de degrau de ascensão por onde todos os Espíritos alcançarão os patamares elevados da Imortalidade.

Já se encontram, pois, na Terra, incontáveis preparadores da nova sociedade do futuro, envergando a vestimenta carnal, despertando atenção para a sua capacidade de compreensão da vida e de comportamento ora infantil, impondo a necessidade de uma nova psicopedagogia para os conduzir, despertando o interesse e a atenção dos mais renitentes negadores do Espírito, de modo que, de imediato, haja lugar para a instalação do Reino de Deus nas mentes e nos corações afervorados à verdade.

Nos cataclismas que vergastam a Natureza e a sociedade terrestre, apresentam-se igualmente as bênçãos da renovação moral do planeta e dos seus habitantes, que se deverão utilizar dos inestimáveis produtos da inteligência ao seu aliam e, para tornar a vida mais exequível e mais digna entre todas criaturas: vegetais, animais e humanas.

A grandeza deste momento está na dicotomia da destruição do mal e da construção do bem, nas ocorrências calamitosas e edificantes, das quais resultará o amanhecer da Era de paz e de felicidade relativas que serão convites estimulantes para a conquista da plenitude sem jaça e de sabor eterno ao alcance de quem a desejar.

*Vide A Gênese, de Allan Kardec, Cap. XVIII - Itens 28/35 – 36°.
edição da FEB – A geração nova.*

Nota do autor espiritual.

CAMPEONATO DA INSENSATEZ

Quando o conhecimento libertava-se da grilheta soez da ignorância e as ciências adquiriam cidadania cultural, alargando os horizontes do pensamento e facultando melhor entendimento em torno da finalidade existencial, em meado do século XIX, surgiu o Espiritismo como um sol para a Nova Era, que deveria iluminar a Humanidade a partir de então.

Era a resposta dos Céus às rogativas dos sofrimentos que se espalhavam pela Terra. Conforme Jesus houvera prometido, tratava-se de O Consolador, que chegava para atender as múltiplas necessidades humanas.

Sintetizando o idealismo filosófico com as conquistas da experimentação científica moderna, ao tempo em que a ética do Evangelho fazia-se restaurada, essa incomparável Doutrina propunha-se a oferecer os instrumentos hábeis para a aquisição da felicidade.

O obscurantismo ancestral cedia lugar a novas conquistas libertadoras, enquanto Espíritos de escol encarregavam-se de promover o progresso material, social e intelectual no Orbe, sacrificando-se fiéis aos anseios de iluminação.

Os objetivos da liberdade alcançada desde os dias sangrentos de 1789, com a queda da Bastilha e os movimentos que a seguiram, facultavam o florescimento da verdadeira fraternidade entre todos, igualando-os em relação aos direitos e aos deveres que lhes diziam respeito, pelo menos teoricamente.

Respiravam-se novos ares sem os tóxicos dos preconceitos e da intolerância religiosa, que cediam ante o vigor das conquistas incomparáveis da evolução que, diariamente, chegavam às massas sofridas...

A arrogância de Napoleão III, em França, refletindo a dominação clerical, que teimava em prosseguir soberana, graças aos vínculos com Roma, que apoiava governos usurpadores e perversos na Europa, assinalava o declínio do Velho Mundo de ostentação e privilégios, a fim de que os vexilários do amor e da paz abrissem clareiras na imensa noite amedrontadora.

Os Espíritos, considerados mortos, romperam o apavorante silêncio a que foram relegados e proclamaram os lídimos ensinamentos do Cristo como fundamentais à vida, bem como à própria imortalidade, restaurando a pulcritude do Evangelho que houvera sido gravemente adulterado, desse modo, despertando as consciências para a vivência da concórdia, do bem e da caridade...

Os paradigmas científicos do Espiritismo revestiam-se do vigor indispensável ao enfrentamento com o materialismo de Friedrich Engels e de Schopenhauer, de Marx e de Nietzsche, revitalizando a ética centrada na Boa Nova, conforme Jesus e os seus primeiros discípulos a haviam vivido.

Era um renascimento da Palavra e um reencontro com a Verdade, que houvera perdido o brilho empanada pelos dogmas ultramontanos e a teologia partidária, elaborada apenas para atender aos interesses mesquinhos e subservientes aos poderosos, que, às vezes, eram também submetidos ao falante do seu atrevimento.

Permitindo-se investigar até a exaustão, os imortais confabularam com as criaturas terrestres, Oferecendo-lhes explicações seguras sobre a vida, seus objetivos, os problemas do sofrimento, do destino, do ser humano...

Nunca, até então, uma Doutrina abrangeria tantos temas e questões porque, afinal, não procedia de uma pessoa, mas de uma equipe de pensadores como João Evangelista, Paulo, o apóstolo, Santo Agostinho, Descartes, Lacordaire, Cura d'Ars, São Luiz de França, Joanna d'Arc, Henri Heine, Fénelon, para citar apenas alguns poucos, todos sob a inspiração de Jesus-Cristo...

Essa trilogia sintetizada num bloco monolítico - Ciência, Filosofia e Religião - deveria enfrentar o futuro, acompanhando o progresso, aceitando todas as suas conquistas, mas interpretando-as com discernimento apurado, porque estuda as causas, enquanto as ciências estudam os seus efeitos.

Um século e meio quase transcorrido, após o surgimento de O Livro dos Espíritos, em Paris, a 18 de abril de 1857, a Doutrina resistiu a todas as investidas da cultura científica, tecnológica, filosófica, permanecendo vigorosa e insuperável como no instante da sua consolidação.

O movimento espírita espalhou-se por diversas nações terrestres, apresentou escritores, médiuns, oradores e conferencistas, pedagogos, psicólogos, médicos e advogados, juizes e desembargadores, entre muitos outros profissionais, todos incorruptíveis, que deixaram um legado honorável, mas que, infelizmente, em alguns dos seus bolsões, não está sendo dignamente preservado.

Os atavismos ancestrais, em diversos espíritas, que se elegeram ou foram eleitos líderes por si mesmos, no entanto, não têm suportado o peso da responsabilidade pela execução do trabalho que lhes diz respeito, e, preocupados injustamente com o labor organizacional, vêm-se desviando dos conteúdos binosofismáveis da Doutrina, qual fizeram ontem em relação à Mensagem cristã, que transformaram em romanismo...

As preocupações em torno da caridade fraternal em referência aos infelizes de todo porte, entregam-se à conquista de patrimônio material e de projeção social, vinculando-se a políticos de realce, nem sempre portadores de conduta louvável, para partilharem das migalhas do mundo em detrimento das alegrias do reino dos céus.

Substituem a simplicidade e a espontaneidade dos fenômenos mediúnicos por constrições e diretrizes escolares que culminam, lamentavelmente, com a diplomação de médiuns e de doutrinadores, que também alcançam os patamares teológicos da auto fascinação.

Exigências descabidas e vaidosas agridem a simplicidade que deve vigor nas sociedades espíritas, antes desvestidas de atavios ditos tecnológicos e atuais, que eram vivenciados pela tolerância e bondade entre os seus membros.

Ao estudo sério dos postulados doutrinários, sucedem-se a chocarrice e o divertimento em relação ao público que busca as reuniões, em atitudes mais compatíveis com os espetáculos burlescos do que com a gravidade de que o Espiritismo se reveste.

O excesso de discussões em torno de questões secundárias toma o tempo para análise e reflexão em relação aos momentosos desafios sociais e humanos aos quais o Espiritismo tem muito a oferecer.

A presunção e a soberba elegem delineamentos e condutas que recordam aqueles formulados pelos antigos sacerdotes, e que ora pretendem se encarreguem de definir os rumos que devem ser tomados pelo movimento, após reuniões tumultuadas com resíduos de mágoas e animosidades mal disfarçadas.

Ouvem-se as mensagens dos Benfeitores espirituais, comovendo-se com as suas dissertações, e logo abandonando-as dominados pela alucinação da frivolidade.

Apegam-se ao poder, como se fossem insubstituíveis, esquecidos de que as enfermidades e a desencarnarão os desalojam das funções que pretendem preservar a qualquer preço.

O tecnicismo complicado vem transformando as instituições em empresas dirigidas por executivos brilhantes, mas sem qualquer vínculo com os postulados doutrinários...

Divisões que se vão multiplicando por setores, por especializações, ameaçam a unidade do corpo doutrinário, olvidando-se daqueles que não possuem títulos terrestres, mas que são pobres de espírito, simples e puros de coração, em elitismo injustificável.

Escasseiam o amor, a compaixão e a caridade...

Críticas sórdidas, perseguições públicas, malquerenças grassam, onde deveriam vicejar o perdão, o bem querer, a compreensão fraternal, a caridade sem jaça.

Não se dispõe de tempo, consumido pelo vazio exterior, para a assistência aos sofredores e necessitados que aportam às Casas espíritas, relegados a segundo plano, nem para a convivência com os pobres e desconhecedores da Doutrina, que são encaminhados a cursos, quando necessitam de uma palavra de conforto moral urgente...

Os corações enregelam-se, e a fraternidade desaparece.

O Cristianismo resistiu bravamente a trezentos anos enquanto perseguido e odiado, até o momento em que o imperador Constantino o vilipendiou, no dia 13 de junho de 313, mediante o Edito de Milão, que o tornou tolerado em todo o Império romano, descambando posteriormente para religião do Estado, em olvido total às lições de Jesus-Cristo, passando, depois, de perseguido a perseguidor...

O Espiritismo ainda não completou o seu sesquicentenário de surgimento na Terra e as mesmas nuvens borrascosas ameaçam-no de extermínio, por invigilância de alguns dos seus profíctentes...

E hora de estancar-se o passo na correria desenfreada em busca das ilusões, a fim de fazer-se uma análise mais profunda em torno da Doutrina Espírita e dos seus objetivos, saindo-se das brilhantes teorias para a prática, a vivência dos ensinamentos libertadores.

Não é momento para escamotear-se a realidade, em face do anseio para conseguir-se, embora rapidamente, o brilho momentâneo dos holofotes, como se blasona com certa mofa, em relação aos que disputam as glórias terrestres.

Menos competição e mais cooperação, deve ser a preocupação de todos os espíritas sinceros, a fim de transferir a doutrina para as futuras gerações, conforme a receberam do Codificador e dos seus iluminados trabalhadores das primeiras horas.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora, conforme proclamou o Espírito protetor Constantino, em O Evangelho Segundo o Espiritismo. (*)

Não vos esqueçais!

Estais comprometidos, desde antes da reencarnação, com o Espiritismo que agora conheceis e vos fascina a mente e o coração.

Tende cuidado!

Evitai conspurcá-lo com atitudes antagônicas aos seus ensinamentos e imposições não compatíveis com o seu corpo doutrinário.

Retornar às bases e vivê-las, qual o fizeram Allan Kardec e todos aqueles que o seguiram desde o primeiro momento, é dever de todo espírita que travou contato com a Terceira Revelação judaico-cristã, porque o tempo urge e a hora é esta, sem lugar para o campeonato da insensatez.

() Capítulo XX - Os trabalhadores da última hora, item 2.*

Nota do autor espiritual.

IMPLOÇÃO INFELIZ

Em face da insatisfação emocional e moral que predomina em a natureza humana, os mais diversos segmentos da sociedade enfrentam desafios internos e problemas que se avolumam em ameaça crescente às instituições que representam.

Divisionismos e falências em organizações antes poderosas, exigindo que se reúnam em grandes complexos, a fim de sobreviverem, demonstram a dificuldade que enfrentam e a utilização de soluções difíceis que são apresentadas, com prejuízo de muitos dos valores que as caracterizavam.

Entidades sociais e políticas apresentam-se em graves injunções em razão de ocorrências lamentáveis praticadas pelos seus membros, alguns deles respeitáveis e de alta credibilidade, que lhes solapam os alicerces anteriormente portadores de grande segurança.

Por motivos egoísticos deterioram os relacionamentos internacionais, empurrando as nações para guerras perversas ou dando lugar ao famigerado terrorismo que assola a sociedade terrestre, gerando o pavor em toda parte.

A crescente onda de descontentamento pessoal tem propiciado o aumento estúpido da violência generalizada, no indivíduo, no lar, no trabalho, nas ruas, em toda parte.

A desmedida ambição pelo prazer alucina as mentes que se embriagam na drogadição, na sensualidade, no deboche...

Não se trata de uma crise moderna, porquanto, até este momento a criatura humana tem vivido sob os camartelos da insatisfação e da revolta, que decorrem da inferioridade moral em que estagiam por enquanto.

Mesmo no passado, esse fenômeno psicológico atormentou as gerações, que se desorganizaram e foram substituídas por outras não menos turbulentas.

A grandeza dos impérios assírio-babilônio, persa, egípcio, grego, romano, sucederam a desordem moral e política, a decadência, a destruição, deixando preciosas lições à posteridade, que não têm sido levadas em consideração...

Após os grandes conquistadores vieram as traições dos covardes, o mercenarismo indigno, o desaparecimento dos grandiosos líderes...

É da constituição emocional do ser humano a faculdade de contradizer, de rebelar-se contra o que antes lhe fascinara, de apresentar erros em tudo quase com que mantém contato.

Recordemos, por exemplo, da doutrina pregada e vivida por Jesus e pelos seus primeiros discípulos, em cujo seio as dificuldades também se apresentavam.

Logo depois da partida do Mestre e do Seu retorno ao convívio daqueles que O aguardavam, demonstrando a imortalidade da alma e dando as últimas instruções, surgiram as primeiras divergências, decorrentes de interesses pessoais e de tentativas de interpretação das Suas palavras, que sempre poderiam ser sintetizadas apenas no amor. Entretanto, as ambições pessoais logo procuraram demonstrar sabedoria, apresentando teses carregadas dos conceitos dos seus idealistas, dando lugar às primeiras divergências, que se multiplicaram sem cessar...

Com o estabelecimento da Igreja romana, a partir da século IV, as decisões passaram para as mãos poderosas no mini do e tudo quanto entrava em conflito com os seus interesses era anatematizado como heresia, dando lugar às conseqüentes perseguição implacável e morte cruel, facultando o surgimento dos futuros tribunais da Inquisição, de infeliz memória...

Com Lutero, a ocorrência não foi diferente. Após o testemunho de coragem do monge agostiniano, seguindo o exemplo dos seus antecessores Jonh Wicliff, Jan Huss, Jerônimo de Praga, que discrepou do poder absoluto do papa e optou pela investigação e vivência do Evangelho, sem a intermediação dos teólogos, em idioma nacional, negando-se a cooperar com as escandalosas indulgências, surgiu o protestantismo, que se esprou como fabulosa esperança e meio de iluminação entre os descontentes com a religião dominante... Logo depois, porém, em Genebra, Calvino adaptou-o à sua feição, pretendendo aprimorar os seus conteúdos e abriu espaço para a primeira divisão, seguido por Zuingle, em Zurique... e hoje, incluindo os denominados evangélicos, são mais de duas mil denominações que discrepam entre si, somente nos Estados Unidos da América...

Algo lamentável do mesmo gênero vem ocorrendo com o Espiritismo, que não poderia, mas deveria desfrutar de um regime de exceção...

Ainda durante os dias do Codificador, surgiu a proposta de um Espiritismo independente, que mereceu do egrégio mestre de Lyon considerações oportunas e sábias, demonstrando que o Espiritismo sempre foi independente.

Era o escalracho do egoísmo e da presunção na sementeira de trigo nutriente...

Logo depois, vieram outros pensadores e investigadores que apresentaram o resultado do seu trabalho respeitável, mas permitindo que os seus seguidores apaixonados logo encontrassem motivos e razões para dividir o movimento incipiente e débil. Surgiram, então, presunçosamente, os científicos, que aos demais denominavam com sarcasmo de místicos e religiosos...

Compreende-se a opção de cada indivíduo e de cada grupo, que têm o direito de conduzir-se conforme os próprios interesses, a capacidade de absorção das ideias, a busca pessoal de iluminação. O que não se pode entender é a luta que desencadeiam entre si, cada qual desejando impor a sua como a melhor, senão a única opção existente.

Esse atavismo antropológico permanece nos grupos da sociedade, mas não deveriam ter lugar nos idealistas que afirmam a necessidade de encontrar a paz, de viver o bem graças aos postulados racionais e inconfundíveis da Doutrina Espírita.

Até há pouco, o Espiritismo enfrentava galhardamente os inimigos tradicionais de todos os movimentos novos: os arrogantes acadêmicos das ciências, os religiosos fanáticos, a ignorância popular e os regimes totalitários que o perseguiram, por identificarem a sua força libertadora.

Difamado e agredido por pessoas e entidades poderosas daquele momento, intimoratamente conseguiu com a coragem e o sacrifício dos seus paladinos e pela grandeza do seu conteúdo vencer e superar as agressões desencadeadas, as acusações improcedentes, encontrando o seu lugar ao sol da verdade.

Em face dos monumentosos fenômenos apresentados por médiuns de caráter incontestável, das obras de notáveis pensadores, investigadores, médicos, advogados, juizes e escritores, bem como de outros respeitáveis profissionais espíritas de diversas áreas, do continuam das revelações espirituais, complementando o excelente labor de Allan Kardec, das extraordinárias obras sociais em nome da caridade, milhões de pessoas vêm sendo atraídas ao estudo da Doutrina, consolando-se e encontrando o caminho da libertação da ignorância em torno das questões sobre a imortalidade da alma.

Quando diminuíram as incompreensões e passou a ser mais amplamente compreendido, esperava-se que os seus adeptos se unissem em torno do ideal comum, que são os paradigmas doutrinários, trabalhando em favor da sua mais ampla divulgação, em face dos notáveis equipamentos tecnológicos da comunicação moderna, que lhe facultam a apresentação, vem ocorrendo exatamente o contrário: agridem-se os indivíduos, difamam-se reciprocamente, acusam-se de forma rude e perversa, caluniam-se em disputas equivocadas pelo destaque, permitem-se condutas extravagantes para impor suas ideias nem sempre amparadas pela gravidade do pensamento espírita...

Já não são, pois, os inimigos de fora que causam celeuma e perturbação, mas os próprios militantes do Espiritismo, com exceções valiosas e respeitáveis, que geram incompreensões e lutas ensandecidas, ameaçando o movimento de não desejada implosão.

Os exemplos de dignidade e de sacrifício, de fidelidade doutrinária e de perseverança no trabalho já não servem para corroborar a nobreza de alguns dos seus trabalhadores, antes despertam mais ira contra eles.

Olvidados das argumentações doutrinárias que não apoiam atitudes dessa natureza, apelam para suposições infames de que são capazes, portanto, transferindo-as para aqueles dos quais se tornam inimigos, não perdendo oportunidade para insurgir-se contra, sempre armados de crueldade.

Felizmente a Doutrina encontra-se exarada com toda a segurança, enfrentando as conquistas da ciência e por ela aprovada em muitas disciplinas, sendo lamentável a ocorrência sociológica e moral no seu território minado pelo egoísmo e pelo orgulho de alguns dos seus profitentes, bem como pela inveja e disputa dos mesmos para a conquista de situações privilegiadas na Terra...

Agrava-se a questão, porque não se pode negar a interferência de mentes perversas da Erraticidade inferior, embora eles não concordem com esse fenômeno doutrinário, que se comprazem gerando conflitos e dores entre as criaturas, especialmente quando essas lhes facultam campo de penetração, graças à inferioridade que nelas predomina.

O preclaro mestre Allan Kardec, no entanto, previu tais ocorrências, especialmente aquelas que viriam dos inimigos desencarnados, conforme escreveu na Revista Espírita do mês de junho de 1865 (págs. 254-260 Ed. FEB):

(...)O Espiritismo, repetimos, ainda tem de passar por rudes provas e é aí que Deus reconhecerá seus verdadeiros servidores, por sua coragem, firmeza e perseverança. Os que se deixarem abalar pelo medo ou por uma decepção são como esses soldados, que só têm coragem nos tempos de paz e recuam ao primeiro tiro. Entretanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das ideias que será suscitado, com cujo auxílio esperam romper a falange dos adeptos e a imponente unidade que se faz na Doutrina.

Lamentavelmente essa conduta que desarvora mentes e corações gera conflitos nos candidatos ao aprendizado espírita, verificando a discrepância que existe entre a fascinante teoria e a conduta desses que se dizem espiritistas.

Refugiam-se uns em seus gabinetes, atacando a todos, e sem nenhuma contribuição valiosa de trabalho, de doação pessoal, de serviço ao próximo. Outros permanecem na liça, empunhando as armas da agressão, escrevendo ou falando como exímios políticos fraudulentos que se defendem acusando, diversos outros simplesmente zombando e desvalorizando tudo quanto não são capazes de realizar.

A implosão vem ocorrendo sistematicamente, facultando compromissos desarvorados com movimentos e pessoas da politicagem terrestre, fazendo comparações com outras denominações religiosas que se vêm tornando poderosas no mundo, esquecidos do compromisso com Jesus e Allan Kardec que se abstiveram de comprometer-se com César e napoleão III, fiéis ao programa de vida eterna e de imortalidade.

Estejam vigilantes os adeptos sinceros do Espiritismo, não se permitindo perturbar pela massa de insensatos, pelos caluniadores de plantão, pelos inimigos deles próprios, portanto, adversários dos demais, continuando impertérritos e confiantes no labor abraçado, porque essa onda passará, deixando um rescaldo desagradável que o futuro superará com as abençoadas concessões do progresso e da lídima fraternidade.

Não se incomodem de ter inimigos, qual ocorreu com o Mestre que lhes serve de modelo e com o Codificador que lhes aponta o caminho da iluminação com o próprio exemplo, nunca se tornando, porém, inimigos de ninguém, porquanto o problema da animosidade é deles e não do bom servidor.

... E servindo sem cessar, construam sobre os escombros da implosão o edifício sobre a rocha que os vendavais do ódio e as chuvas da maldade não conseguirão abalar.

(Psicografada na noite de 10 de setembro de 2006, após o encerramento do 2º Encontro Internacional de Espiritismo, em Miami, EUA.) Nota do médium.

TRIBUTO A ALLAN KARDEC

Aqueles eram também como estes dias tumultuosos... Depois de largo período em diferentes prisões, o filho de Luís Bonaparte, então rei da Holanda, tentou, várias vezes, encontrar o seu lugar ao sol do poder, havendo fracassado na insurreição contra o papa na Romagna e na tentativa de levantar os soldados franceses em Estrasburgo. Preso, mais uma vez, havendo conseguido evadir-se e tornar-se membro da Assembleia Nacional, logrou eleger-se presidente da República, posteriormente dando um golpe de Estado, que lhe facultou ser nomeado presidente pelo prazo de longos 10 anos. Dominado pela ambição, propôs um plebiscito que o tornou imperador da França, a partir de dezembro de 1852, traíndo os ideais libertários que derrubaram os Bourbons na revolução de 1789...

Carlos Luís Napoleão Bonaparte, o imperador, era sobrinho de Napoleão I, possuidor de comportamento combativo e guerreiro, pois que promoveu inúmeras campanhas bélicas e a guerra contra a Alemanha em 1870, quando caiu prisioneiro. A fim de manter a governança, algo arbitrária, impôs leis restritivas à liberdade de imprensa e de pensamento, inclusive proibindo reuniões públicas ou particulares sem permissão da polícia.

A cultura, no entanto, apesar dos impedimentos defluentes da dominação prepotente e da vigília implacável do clero, sempre ao lado dos tronos e ávido de poder, encontrava-se enfrentando singular interferência espiritual, em face dos fenômenos insólitos que se iniciaram em Hydesville, em 1848, e imigraram para a Europa, encontrando receptividade nos salões parisienses da moda.

Tratava-se de uma eclosão de poderosas informações em torno da imortalidade e do amor sob nova óptica, despertando curiosidade e provocando estranheza em todos aqueles que os examinavam.

Naquele período, no entanto, estavas professor Rivail, trabalhando em favor da educação, preparando as mentes para os futuros dias da Humanidade, quando as luzes libertadoras do conhecimento em forma de sabedoria deveriam clarear a sociedade para sempre.

De caráter íntegro, trouxeste os métodos pestalozianos para a França natal, contribuindo eficazmente em favor da libertação humana da ignorância, enquanto acompanhavas o magnetismo que te alargara os horizontes do pensamento e da interpretação dos fenômenos humanos e suas inumeráveis possibilidades de desenvolvimento.

Portador de uma ética irretocável, mantiveste os valores morais, quando surpreendido pelo vício do tio-sócio, que se entregava à jogatina, exigindo-te sacrifícios expressivos, de modo a manteres a honra inatacável em qualquer época.

Havendo elegido a suave-doce Gaby para companheira do ministério sacerdotal do lar, nela tiveste o apoio moral, cultural e afetivo para desempenhares a incomparável missão que aceitaste antes do mergulho nas sombras da carne.

Convidado, três vezes, a tomar conhecimento das mesas girantes, não te permitiste o entusiasmo dos ingênuos nem o cepticismo dos presunçosos, antes assumiste a postura racional que sempre definiria os rumos da tua existência, aguardando que os fatos confirmassem as informações.

... E isso aconteceu na noite de terça-feira, 8 de maio de 1855, na residência da senhora Plainemaison, quando constataste que em condições tais que não deixavam margem a qualquer dúvida, consoante afirmaste posteriormente, deverias iniciar o messianato a que entregarias a existência preciosa até o momento final no corpo somático...

Como a ninguém antes ocorrera, percebeste naquelas aparentes utilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim investigar a fundo, repetindo as tuas próprias palavras...

Sucede que trazias no inconsciente o conhecimento adquirido quando, na Espiritualidade, na convivência com os apóstolos da Nova Revelação, foste indicado para ser o vexilário da Mensagem libertadora, fundamentada no pensamento de Jesus e confirmada nos laboratórios das academias, interpretando os enigmas filosóficos do ser, do sofrimento, da vida e da morte, das causas e eleitos existentes no Universo.

Não temeste os ententamentos nem as ameaças dos infelizes perseguidores dos idealistas e dos vanguardeiros do progresso.

Adquirida a consciência da responsabilidade, enfrentaste todos os impedimentos, logrando publicar O Livro dos Espíritos, na memorável manhã de um sábado primaveril, em 18 de abril de 1857, em pleno Palais Royal, iniciando a Era da Imortalidade comprovada em laboratório.

A partir desse momento, usando o pseudônimo de Allan Kardec - evocativo da anterior existência nas Gálias gloriosas, isto é, naquele mesmo solo amado da França, quando foste sacerdote druida, venerável emissário do deus Dispater, ou deus da fraternidade, já reencarnacionista e vegetariano, quase vinte séculos antes - deixaste que o Espírito de Verdade te conduzisse os passos no rumo da vitória plena.

Jamais titubeaste ante a certeza do dever a cumprir, nunca temeste qualquer tipo de perseguição e infâmia, permanecendo integérrimo no desempenho da sublime tarefa: implantar na Terra o reino dos Céus, atualizado pelos notáveis contributos da então moderna Ciência, sem olvidar-te da caridade, a senda luminosa que conduz à plenitude.

Não faltaram invejosos que, ante a impossibilidade de igualar-te, porque jamais te superariam, caluniaram-te, tentando ultrajar a tua existência ilibada, sem que conseguissem qualquer êxito, e não desperdiçaste o precioso tempo com esses inúteis discutidores insensatos e perturbadores da ordem e da paz.

Aplicaste todas as forças de que dispunhas, ao lado da mulher amada, a doce poetisa dos Contos Primaveris, que se te fez sustentáculo nas batalhas mais rudes, quando o Espírito de Verdade te amparava com infinito amor e sabedoria, até chegares quase à exaustão.

Viagens cansativas e longas, desconfortáveis e desafiadoras, acirrados combates periodísticos, que enfrentavas com dignidade através das páginas luminosas da Revista Espírita, que fundaste em janeiro de 1858, sem jamais revidar mal por mal, infâmia por infâmia, sempre sereno e sábio, elucidando os detratores e os sinceramente desconhecedores da Doutrina, constituíam o teu dia-a-dia de herói do Bem.

Completaste a obra gigantesca, acompanhando a deserção dos fracos e evasivos, sem te perturbares, permanecendo irretocável até o momento da desencarnação, na inesquecível manhã de 31 de março de 1869, quando te alaste na direção do Infinito de onde vieste para socorrer a Humanidade.

É natural, portanto, que nós, os Espíritos encarnados e desencarnados, que fomos beneficiados pelas luminíferas claridades da Doutrina Espírita, evocando o teu renascimento em Lyon, no já longínquo-próximo 3 de outubro de 1804, repitamos, em coro de agradecimento e júbilo:

- Deus te abençoe, Hippolyte Léon Denizard Rivail, inolvidável mestre Allan Kardec, apóstolo da Era Nova, por todas as gloriosas contribuições que nos trouxeste ao conhecimento em nome de Jesus-Cristo, através dos Seus Mensageiros, a fim de que nestes dias, igualmente tumultuosos, possamos confiar no amanhã, construindo a felicidade no imo dos corações!

Sem olvidarmos os notáveis médiuns de que te utilizas-te, a eles envolvemos também em nossas dúlcidas vibrações de paz e de intérmino progresso pela superior missão que tiveram, na condição de instrumentos da verdade.

DIA INESQUECÍVEL

Naquela quinta-feira, às 10h30min da manhã ensolarada, na praça da Cidadela, onde eram punidos os criminosos através da pena de morte, em Barcelona, a capital da nobre Catalunha, teve lugar o abominável auto-de-fé, decretado e executado pelo bispo da cidade, Don Antônio Palau y Termens, em nome da Santa Inquisição, que teimava em perseguir a liberdade sempre odiada pelo totalitarismo clerical.

Diante da multidão estupefata que acorrera ao local, atraída pela infame determinação do prelado, foram incineradas 300 obras espíritas, a maioria das quais firmadas por Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O que é o Espiritismo, Coleções da Revista Espírita, em vã tentativa de impedir o progresso do pensamento libertador.

A malsinada Inquisição debatia-se então entre os partidos liberal e absolutista, em frequentes lutas pelo poder na Espanha, desfrutando, no momento, de soberania, em face da governança da Imperial Catalunha e da vinculação odienta entre a Igreja e o Estado, resultando em lamentáveis processos de perseguição aos ideais libertários e aos idealistas que as chamas das fogueiras já não logravam queimar...

Maurice Lachâtre, o nobre escritor francês, que se refugiara na cidade, fugindo à sanha imperialista de Napoleão III, admirador e amigo de Allan Kardec, tendo aberto uma livraria na grande metrópole, houvera solicitado ao ínclito Codificador que lhe remetesse as obras espíritas, a fim de divulgá-las nessa terra culta e livre de preconceitos...

Tomadas as providências legais e alfandegárias, pouco antes de serem liberadas, ficaram retidas até a chegada do senhor bispo, que se encontrava em viagem, e que, após examinar superficialmente alguns dos exemplares, determinou a apreensão de todo o conjunto, ferindo, com soberba e desacato, todos os direitos do comércio internacional, determinando, arrogante e venal, a sua destruição, mediante o perverso culto através do Santo Ofício.

Naquela manhã de 9 de outubro aconteceu o nefando auto-de-fé, que logo mais deixaria de existir, após a repetição de outro com as mesmas características, na cidade de Alicante, encerrando-se para sempre o criminoso procedimento religioso.

Obedecendo ao vergonhoso ritual presidido pelo orgulhoso bispo, foram ateadas as chamas, e as pessoas aturdidas acompanharam a cerimônia ignominiosa, umas visivelmente revoltadas, outras em atitude de franca zombaria e mais algumas indiferentes, sem se darem conta da gravidade do momento de sombra que pairava sobre a cultura e a sociedade.

Concluída a ação covarde, alguns daqueles assistentes atiraram-se às cinzas, tentando salvar algumas páginas não consumidas pelo fogo, enquanto outros recolhiam-nas a fim de guardá-las, sentindo que a liberdade jamais silenciaria a sua voz, por mais cruéis e astutos fossem-lhe os adversários.

Alguns jornais da cidade, bem como outros de Madri, profligaram o ato de hediondez e vergonha, enquanto Allan Kardec, notificado pela ocorrência, pensou em tomar providências junto às autoridades civis, mediante os meios diplomáticos, considerando a legalidade da transação. Nada obstante, os bons Espíritos aconselharam no silenciar, mesmo que sofrendo os prejuízos financeiros que lhe pesaram sobre os ombros, bem como os do livreiro, que cumprira todas as exigências alfandegárias e não fora ressarcido das despesas, porque aquelas labaredas iriam ser a luz da propagação do Espiritismo não somente na Espanha como em todo o mundo.

O mestre lionês confiou na orientação e nunca se arrependeu da decisão tomada, em razão dos resultados formosos que advieram da ação inditosa.

Os interessados, em Barcelona, ansiosos por conhecer o conteúdo das obras condenadas, passaram a adquiri-las, graças aos navios que procediam de Marselha, cujos comandantes e tripulantes fizeram-se naturais propagadores das mesmas, conduzindo-as em quantidades expressivas, que logo se esgotavam...

Menos de um ano transcorrido, no dia 9 de julho de 1862, Don Palau y Termens desencarnou, conduzindo a culpa na consciência, conforme declarou na comunicação espontânea e inesperada a um médium da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, informando encontrar-se amparado por um espírito nobre, arrependido do ato infame. Ao mesmo tempo, conclamava todos para que nunca se levantassem contra as ideias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas ideias entesouradas clamarão como a voz do anjo: "Caim, que fizeste do teu irmão? Que fizeste do nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade?"

O mestre inseriu a comunicação na Revista Espírita do mês de agosto de 1862, a fim de que ficasse indelével na memória de todos quantos a lessem, reflexionando a respeito da Lei de Causa e Efeito.

O Espiritismo realmente alargou as fronteiras do conhecimento em torno da imortalidade, da comunicabilidade dos Espíritos, da reencarnação, da Justiça Divina, restaurando a pulcritude do Evangelho de Jesus, libertando-o das grilhetas do fanatismo e das arbitrárias interpolações e adulterações que os interesses políticos e religiosos dos tempos conseguiram impor...

O número de adeptos dos seus postulados multiplicou-se surpreendentemente em diversos países, especialmente na Espanha, onde missionários de diversos matizes, na oratória, na discussão lógica, na mediunidade, na investigação científica, na caridade se destacaram, tornando a península Ibérica uma das mais bem providas de servidores da Causa Espírita, contribuindo em favor da nova Humanidade.

Na ampulheta do tempo escoaram-se os anos e, arrependido, reencarnou, no Brasil, Don Antônio Palau y Termens, que voltou ainda no ministério eclesiástico, atendendo à imposição materna, como verdadeira provação, porém, de mente aberta em relação aos conceitos espíritas que adotou como linha de conduta, deles utilizando-se para melhor orientar o rebanho que lhe fora oferecido, devotando especial carinho aos elevados Espíritos Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo, cujas vidas fascinavam-no, além de muitos outros...

Aprofundando o estudo nas mesmas obras que mandara queimar e noutras que vieram depois do vergonhoso auto-de-fê, mais de uma vez desejou libertar-se da sotaina para integrar-se nas fileiras de O Consolador.

Orientado, porém, por sábio mentor espiritual para que permanecesse nas fileiras da fé católica, na qual seria, talvez, o único sacerdote dessa doutrina a abraçar sem reservas o Espiritismo, podendo melhor ajudar os seus fiéis, a ser um espírita a mais na grande gleba.

Desincumbindo-se do dever assumido e reabilitando-se moralmente, desencarnou em paz de consciência, agora estando em preparação para um futuro retorno em condições ideais para servir ao Mestre Incomparável Jesus.

Transcorridos todos esses anos após o crime nefando, que teve lugar naquela manha de quinta leira, de outubro de 1861, na cidadela, em Barcelona, que já não existe mais, e atendendo à solicitação do insigne mestre de Lyon, para que a data não fosse esquecida, aprestamo-nos em recordá-la com alegria, considerando a justeza das Leis Soberanas da Vida, no momento em que o Espiritismo, consolando e libertando-dezenas de milhões de vidas, a todos os homens e mulheres do mundo convida para que sejam instauradores, por definitivo, dos dias de tratem idade, de amor e de justiça social na Terra, em nome de Jesus, nosso Modelo e Guia.

AUTENTICIDADE DOS EVANGELHOS

Discute-se, nos círculos da fé religiosa, bem como nos diversos núcleos de estudos teológicos, a respeito da legitimidade dos textos evangélicos, cada vez com argumentação mais sólida, resultante das pesquisas incessantes nas fontes originais que permitiram as modernas traduções dos ditos do Senhor.

Teólogos sinceros e investigadores devotados, em face das conquistas tecnológicas da atualidade, que permitem o cotejo seguro entre os antigos diversos textos e as descobertas proporcionadas por inúmeros arqueólogos que têm encontrado fragmentos e conjuntos quase completos dos originais (ou primeiras cópias), assim como aqueles que foram achados casualmente por pastores ou pessoas descomprometidas, em cavernas, mosteiros e antiquados, dispõem de um grande arsenal para estudos profundos, assim como correta avaliação da sua autenticidade.

Igualmente, processos valiosos de medição do tempo conseguem estabelecer com expressiva precisão as datas em que foram escritos, assim facilitando a identificação das cópias mais antigas, bem como da origem dos erros apontados como resultado de vários fatores que ocorreram através dos séculos.

Da linguagem oral, sempre susceptível de adulterações e enxertos ao sabor da ocorrência até as interpolações, acréscimos, amputações e substituições de frases, palavras, conteúdos, de forma casual ou proposital, atendendo aos interesses culturais e de pensamentos dos copistas, inúmeras têm sido as alterações sofridas nas informações em torno da vida, palavras e atos de Jesus, como daqueles que constituem o conjunto de O Novo Testamento.

O simples fato de as cópias haverem sido, a princípio, escritas em siríaco, hebraico, grego e latim, produzindo grande cansaço naqueles que as faziam, destituídos de experiência e de conhecimento mais profundo, não somente dos idiomas como também dos conteúdos que liam, facultou modificações, algumas de natureza grave, em a narração que passou à posteridade.

Ademais, as condições e circunstâncias em que eram produzidas essas cópias, apressadamente, sem revisão competente, para atender a necessidades de urgência, mais dificuldades proporcionaram quando se pretendia uma investigação profunda e serena em torno do assunto.

Por outro lado, nos primeiros textos em grego antigo, as palavras não eram separadas, inexistindo pontuação, o que facultou interpretações equivocadas, favorecendo modificações em torno da proposta original.

Ainda se pode acrescentar que alguns textos eram lidos para que diversos copistas os anotassem, gerando diferenças significativas, erros próprios que decorrem da má audição das palavras, tanto quanto da sua grafia...

Simultaneamente, em razão das heresias que foram tomando corpo através dos primeiros séculos, quando conversos eruditos desejaram dar maior ênfase ou lógica ao próprio pensamento, de maneira inevitável introduziram palavras retiraram expressões, modificaram proposital ou casualmente os originais, adaptando-os à sua maneira de entender, o que produziu graves adulterações no contexto geral.

Do fanatismo medieval que houvera estabelecido ser a Bíblia a palavra de Deus em toda a sua abrangência, mesmo considerando a história do povo hebreu como de caráter divino, o racionalismo ergueu-se, a partir do século XV para protestar contra o que considerava ser esse conceito absurdo, totalmente destituído de lógica e consideração, tais as graves ocorrências narradas como decorrentes da determinação divina contra os povos denominados inimigos...

Esse Deus furibundo, apaixonado, perverso e insensível não poderia ser o mesmo referido por Jesus, como o Pai Generoso, o Criador do Universo, o Infinito Amor...

Nessa análise, o Novo Testamento passou a receber a necessária crítica, em face de alguns absurdos em relação ao bom senso e à razão, sofrendo acirrado combate daqueles que possuíam a ciência e a arte de pensar.

Logo depois, graças ao advento da imprensa, tornou-se mais fácil uma avaliação desapassionada em torno dos textos reproduzidos, facilitando o cotejo com aqueles que haviam passado pelas gerações anteriores como as fontes originais.

Surgiu, então, em 1522, embora impressa em 1514, a Poliglota Complutense, de autoria do cardeal católico Ximenes de Cisneros, que liderou um grupo de pesquisadores, dentre os quais Diego Lopes de Zuniga que se responsabilizou pela publicação dessa Bíblia em vários idiomas.

Vigiam, então, a Vulgata Latina, que foi a primeira obra impressa através da máquina criada por Gutemberg, que se arrastou por seis longos anos (1450-1456), o original em hebraico e a Septuaginta grega, que permitiriam, a partir de então, um cotejo mais cuidadoso em torno das diferentes traduções.

Pululavam centenas de manuscritos gregos, permitindo que Zuniga e os seus cooperadores elegessem aqueles que lhes pareceram realmente autênticos, o que não significa que o eram.

Nesse ínterim, porém, coube a Desidério Erasmo a honra de publicar a primeira edição de O Novo Testamento em grego, vencendo dificuldades de grande porte.

Erasmo, por sua vez, tomou como fundamento para o seu trabalho um manuscrito do século XII para os Evangelhos, de outro retirando o conteúdo para a tradução dos Atos e das Epístolas. Diante do número expressivo de cópias então vigentes, ele recorreu a um terceiro manuscrito pertencente ao amigo humanista Johannes Reuchlin, para a tradução de O Apocalipse, embora, lamentavelmente, houvesse tremendas dificuldades a superar, em razão da deterioração do documento, bem como da escrita haver sido feita sobre um texto anterior que fora mal apagado...

Dele, então, partiram outros tradutores, posteriormente, para os seus memoráveis trabalhos, inclusive aqueles que se encarregaram de organizar a Bíblia King Jame, por muito tempo considerada como perfeita.

A partir daí surgiram às publicações demonstrando os primeiros equívocos entre os textos mais antigos e aqueles que serviram de base para os mais modernos...

Tradutores e teólogos interessados em preservar opiniões pessoais, e arbitrárias algumas, passaram a adulterar os textos sem a menor consideração com a tradição histórica nem a sua autenticidade original.

Surgiu, então, a notável pesquisa de John Mill que, durante trinta anos de trabalho, de investigação e comparação exaustiva em aproximadamente cem manuscritos gregos de O Novo Testamento, que lhe facultaram identificar cerca de trinta mil variações (!) nesses documentos, gerando perplexidade e dúvidas no público leitor.

Sucederam-se em torrentes cada vez mais abundante as pesquisas, as traduções e críticas históricas em torno dos textos originais que deram lugar às diversas impressões nos mais variados idiomas, levantando suspeitas graves em torno do seu significado, de certo modo, chegando-se ao desespero de considerar-se tudo como fruto da inautenticidade, da inexistência da mensagem, em face da incoerência demonstrada nas traduções, culminando no dislate de afirmar-se que as diferenças existentes entre as anotações dos evangelistas são suficientes para demonstrar-lhes o demérito de que são portadores.

Inegavelmente, não foram poucas as mutilações e adulterações sofridas pelos textos evangélicos desde os primeiros narradores até a atualidade.

Nada obstante, em uma análise crítica moderna, as diferenças que apresentam em suas formas narrativas são resultados da óptica descritiva de cada autor.

O mesmo fato narrado por observadores diferentes apresenta contextualidade bem específica, resultante da emoção, da capacidade e da fonte de origem de quem o comenta.

É compreensível, portanto, que apresentem variações, diferenças, os acontecimentos que foram por uns narrados, enquanto que outros não lhes atribuíram interesse, razão por que não se lhes referiram. Ademais, deve ser levado em consideração o objetivo que constituía o motivo da escrita, isto é, a que tipo de pessoas destinava-se a obra. Para qual tipo de público eram narrados os acontecimentos, considerando-se que o analfabetismo grassava poderoso em toda parte, sendo reservada a obra a poucos letrados que as deveriam ler nas comunidades eclesiais ou não, cabendo-lhes, igualmente, o dever de interpretar o seu significado.

Desse modo, pode-se considerar, por exemplo, que Mateus escreveu para a comunidade hebraica, recém-conversa, enquanto Marcos para os romanos que passaram a aceitar Jesus, Lucas para os gentios aos quais o apóstolo Paulo levava a palavra e João para todos aqueles portadores de necessidades mais profundas, portanto, carentes de uma documentação complexa e mística...

Ao mesmo tempo, os Atos dos Apóstolos objetivaram preservar a história dos acontecimentos durante o período inicial, incluindo os primeiros mártires, o doutor da Lei convertido, o surgimento dos primeiros alicerces para a Doutrina...

As epístolas tiveram por finalidade manter a hegemonia doutrinária, evitar a fragmentação da Mensagem, em razão das muitas correntes de pensamento existentes, que eram levadas a infiltrar-se no labor missionário primitivo, enquanto que o Apocalipse procurava expressar, em sua linguagem complexa e cabalística, os acontecimentos porvindouros, em forma de advertência e orientação de conduta moral-espiritual para os pósteros...

Dessa forma, a proposta soberana de Jesus, embora enfocada por sentimentos e raciocínios diferentes, mantém intocada a sua grandiosidade.

Eliminando, portanto, algumas das aberrações existentes em diversos textos, o bom senso e a lógica dispõem de equipamentos para encontrar na Vida do Homem de Nazaré, nas Suas palavras iluminadas e nos Seus atos incomuns, um roteiro de segurança para toda a existência humana, conseguindo harmonizar-se o indivíduo interiormente e construir uma mentalidade de amor em relação às demais criaturas da Terra.

Portadores de esplendorosa atualidade, os textos dos Evangelhos ditos canônicos, assim como os textos chamados deutocanônicos, possuem uma diretriz filosófica e moral surpreendente, ainda não ultrapassada, não obstante as incomparáveis conquistas do pensamento contemporâneo, das ciências e da sua avançada tecnologia de ponta...

Na vivência do amor preconizado e experienciado por Jesus, dispõe o ser humano de uma ética irretocável propiciadora de saúde integral para os grandes enfrentamentos sociais e emocionais que encontra durante o trânsito carnal.

Da mesma forma, na inolvidável canção das Bem-aventuranças que permanece inatacável, fulguram diretrizes de segurança para a existência ditosa, favorecendo-a com preciosos conteúdos da harmonia defluente da sua proposta.

.. .E, por fim, na lição em torno do Não fazer a o-utrem o que não se deseja que outrem lhe faça, dispõe o ser humano de um código de honra feito de sabedoria existencialista para conviver com todos, trabalhando em harmonia e edificando-se interiormente na confiança e na solidariedade que devem vigor entre todos.

O GRANDIOSO DESAFIO DA PAZ

O grandioso desenvolvimento científico-tecnológico alcançado na Terra, somente atingirá o seu clímax quando se fizer acompanhar da correspondente conquista dos valores ético-morais que realmente dignificam o ser humano.

O primeiro, nada obstante o seu elevado significado intelectual-cultural que tem proporcionado a concretização de expressivas realizações humanas, pode ser considerado como de natureza horizontal, enquanto que a segunda reflete a grande vertical na direção do Infinito e que a todos aguarda.

Na busca incessante da evolução, torna-se inadiável a aquisição da paz, que deverá coroar o esforço humano em favor da sociedade feliz do futuro.

A paz, entretanto, constitui um desafio dos mais expressivos no processo da evolução individual, porquanto deflui da educação das tendências agressivas e dos hábitos enfermicos que permanecem no âmago do ser.

A libertação das mazelas e das exigências inferiores do ego arbitrário, que se pressupõe credor de todas as homenagens e deferências, representa um gigantesco passo de natureza interior, objetivando a auto iluminação que todos devem alcançar.

Graças a essa consciência de identificação moral com o Belo, o Harmônico, a Vida, podem-se estabelecer os paradigmas em favor da paz social, estendendo-a na direção das nações da Terra.

Excelentes programas que têm sido estruturados com o objetivo de construir-se uma sociedade pacífica têm fracassado, em face da preocupação exacerbada em produzir-se mudança de padrões e comportamentos gerais, sem a conscientização do indivíduo em relação ao seu dever pessoal em torno da própria harmonia.

Por enquanto, salvadas grandes exceções, têm-se estabelecido como fundamentais, a não proliferação das armas nucleares, pelo alto poder de destruição de que são portadoras, olvidando-se os incontáveis depósitos de armamentos inteligentes que aumentam cada vez mais, estabelecendo-se tratados de vigilância e controle de sanções impostas a países que preservam sistemas cruéis de ditaduras ou se tornam ameaças reais ou imaginárias em relação à paz, entre outros dispositivos de resultados dúbios.

Concomitantemente, projetos e propostas ambientais para preservação do planeta, que deveriam merecer a sansão dos governos poderosos são desrespeitados pelos maiores poluidores do orbe, como no caso do Protocolo de Kioto, que se permitem impor arbitrariamente proibições a outros, preservando a sua liberdade de destruição das fontes de energia, ao mesmo tempo trabalhando pelo aquecimento global, exterminando a fauna e a flora...

Empresas perversas de agressão florestal, ao lado de outras de pesca predatória permitem-se contribuir em favor da exaustão global, mantendo os seus padrões de poder, enquanto outras nações, as mais pobres, estertoram vitimadas pela fome, pelas catástrofes, pelas epidemias e pelas guerras tribais, como vem ocorrendo com a África infeliz que se exaure desde há séculos...

As sanções econômicas e comerciais impostas pelos países ricos contra aqueles que são tidos como inimigos ou desrespeitadores das suas legislações, geram revolta e desespero, contribuindo de maneira eficaz em favor do terrorismo nacional e internacional, mediante o qual os miseráveis morais e enfermos espirituais se rebelam, tornando-se sicários da sociedade regional ou geral.

Os sórdidos interesses dos dominadores da economia e do poder acobertam crimes hediondos, a fim de que sejam preservadas suas fontes de produção e de ganho exagerado, perseguindo indivíduos e grupos outros que se lhes não sujeitam, acusando-os de terroristas, enquanto apoiam nações igualmente perversas que submetem grupos étnicos ao seu talante, asfixiando-os até a morte, quando não os matando diretamente.

Sob justificações mentirosas destroem cidades e matam os seus habitantes indefesos, utilizando-se de armas sofisticadas, sob a alegação de estar-se preservando o próprio território ou evitando-se ações criminosas, como se essas não o fossem de igual maneira.

Inegavelmente o triunfo dos belicosos e o seu poder caracterizam estes dias de horror na Terra enferma espiritualmente.

Fossem aplicados os excessivos gastos nas armas em favor da educação, da saúde, do trabalho digno, do desenvolvimento dos países pobres, e certamente não haveria ódio nem desejo de vingança por parte daqueles que se sentem oprimidos e estigmatizados pelos fortes...

A Organização das Nações Unidas, embora tentando manter a paz internacional, tem sido manipulada habilmente ou sem nenhum respeito por povos que a deveriam considerar, mas que dela se utilizam somente quando lhes convém eliminar outros, agindo arbitrariamente quando se propõem às atitudes agressivas e destruidoras...

Permanece na sociedade terrestre um grande abismo entre as belas teorias de preservação do planeta e aquelas que podem realmente proporcionar a paz entre todos.

Nesse atribulado tabuleiro de xadrez das guerrilhas hediondas e dos combates volumosos, a hipocrisia de alguns chefes de Estado em negociações unilaterais apresenta-se com tal cinismo que choca os observadores mais sensatos, desde que as suas ambições sejam aceitas a qualquer preço sob ameaças sombrias ou claras.

Em nome da paz conservam sob o seu talante nações fracas que foram submetidas no passado e às quais negam o direito à liberdade de própria decisão, provocando ondas de rancor que se manifestam em atos de terrorismo, que suplantam em crueldade as carnificinas mais severas do passado, nos períodos considerados bárbaros ou primitivos.

Poderiam ser evitadas essas calamidades inconcebíveis para o atual nível de desenvolvimento cultural da Humanidade, que se ensandece ante tanta covardia disfarçada de justiça e de ânsia libertária, caso houvesse real interesse em promover a paz.

Proliferam os movimentos dos pobres que necessitam de terra, de teto, de trabalho, que optam pelo crime, pelas invasões, a fim de chamarem a atenção, ou de países asfixiados que se tornam visíveis através das atrocidades cometidas contra crianças e pessoas indefensas, que lhes caem nas armadilhas insanas, em sucessivas ondas de crueldade dantes jamais vistas.

Apesar disso, repontam os missionários da paz em toda parte, defensores corajosos das minorias ultrajadas e das populações espezinhadas, da Natureza em sofrimento e do mundo em desespero.

Suas vozes, embora pouco ouvidas, clamam por justiça, tornam-se conhecidas através da conquista do Prêmio Nobel da Paz, sacodem os cômodos, estabelecem normas de equilíbrio para a convivência pacífica, para os ultrajados direitos humanos, mas ainda são insuficientes.

Se cada criatura, porém, individualmente, resolverão por participar do glorioso trabalho da paz, deve investir de coragem e de valor moral para vencer a própria impetuosidade, aprendendo a conjugar, nos atos nobres do cotidiano, o amor e todos os seus derivados, iniciando a inadiável tarefa de construir o mundo melhor e mais ditoso.

Exercitando o amor e a fraternidade, o trabalho benéfico pelo próximo, agindo com justiça e equidade, desenvolverá a paz pessoal, porquanto se tornará consciente da própria realidade, do significado da sua existência no mundo.

Será este o primeiro passo, o de natureza individual - a paz em si mesmo.

Expandindo o sentimento, evitando a agressão e as reações geradas pela cólera, vivenciando a tolerância, abrirá espaço para a paz em relação ao seu próximo - a paz social.

Tornando o amor e a caridade essencial a sua melhor forma de conviver no mundo, trabalhará em favor da renovação do planeta e da sua sobrevivência - a paz com a Natureza.

Em três itens que todos podem vivenciar, sintetizam-se os programas de construção da paz na Terra, porque, sendo o indivíduo a célula da sociedade, tudo quanto nele ocorre tende a expandir-se na direção do mundo global.

O planeta prossegue adaptando, geologicamente, através dos milhões de anos, desde as camadas mais profundas até as superficiais que lhe constituem a organização, e hoje, simultaneamente, em face também da psicofera de ódio e de ressentimentos generalizados que o envolve, produz calamidades humanas que se repetem com periodicidade, quais as tsunamis que arrebatam, qual o ocorrido há quase dois anos no oceano Índico, que ceifou mais de 240 mil vidas...

A Divindade, reunindo os perturbadores da ordem planetária, convida-os, periodicamente, através da Lei de destruição, às reparações coletivas, a fim de que os demais despertem para os altos significados da vida transitória no corpo somático, direcionando os pensamentos e atos para a sua realidade na condição de espíritos imortais que são.

Essas convulsões, como também as erupções vulcânicas, os tornados, as tempestades, os terremotos, os incêndios, o contínuo degelo, todos os tipos de desastres coletivos demonstram a ainda fragilidade das conquistas tecnológicas que podem prever a muitos deles, nunca, porém, evitá-los.

Tomadas as providências em tempo, muitas vidas podem ser poupadas, não obstante, a morte, na condição de ceifeira de corpos, continua arrebatando-os onde quer que se homiziem ou para onde fujam, porque a fatalidade biológica da consumpção não pode ser evitada.

Considerando-se, portanto, o alto nível de desenvolvimento cultural, artístico, científico, filosófico da sociedade contemporânea, torna-se urgente que sejam tomadas medidas profiláticas contra a hediondez moral que decorre da miséria socioeconômica, espiritual e das injustiças de toda ordem que ainda existem na Terra. E em face do adiantado estado de deterioração dos conceitos morais, sejam realizados esforços hercúleos para diminuir-lhes as lamentáveis consequências.

Por oportuno, vale recordar-se de Jesus, o Príncipe da paz, no Seu enunciado insuperável, que prossegue merecendo reflexões: *Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.* (João: 14-7).

A paz que Ele oferece é resultado do Seu inefável amor sem preferência nem destaque a todos igualmente oferecido, mas que cada qual pode insculpir no íntimo através do esforço que empreende em favor da própria renovação pessoal.

Mesmo quando não compreendido, é seu dever, é entender e amar; perseguido, desculpar e amar; ridicularizado, continuar no dever e amar, nunca se perturbando nem se atemorizando diante daqueles que jamais alcançam além da sombra da matéria...

O preclaro Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, igualmente preocupado com a problemática da paz entre as nações interrogou as Entidades venerandas, conforme inserto na questão número 789 de O Livro dos Espíritos:

"O progresso fará que todos os povos da Terra se achem um dia reunidos, formando uma só nação?"

"Uma nação única não; seria impossível, visto que da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, tornando indispensáveis sempre leis apropriadas a esses costumes e necessidades. A caridade, porém, desconhece latitudes e não distingue a cor dos homens. Quando, por toda parte, a lei de Deus servir de base à lei humana, os povos praticarão entre si a caridade, como os indivíduos. Então, viverão felizes e em paz, porque nenhum cuidará de causar dano ao seu vizinho, nem de viver a expensas dele."

Certamente, quando for chegado esse nível de compreensão humana, os países manterão as suas tradições, hábitos e costumes, transitarão nos níveis de evolução compatíveis com a sua maturidade, mas se empenharão pela ajuda recíproca, expulsando da Terra a presença nefasta da guerra e dos seus parceiros destrutivos, demonstrando pela Caridade que é possível viver-se em harmonia, exaltando o amor e vivendo-o em plenitude.

Embora pareçam ainda distantes esses porvindouros dias, já se pode, no entanto, preparar-lhes o advento, iniciando-se o processo da paz interior como alicerce para a paz em todo o planeta.

ALLAN KARDEC, O CONQUISTADOR INDOMÁVEL

Não havia passado muito tempo, e permaneciam no cenário religioso da França os efeitos da rebeldia de Lamennais, Montalembert e Lacordaire, que andavam por prevalecerem os ideais de Deus e liberdade, severamente reprochados pelo papa Gregório XVI, que desaprova e reprova todas as doutrinas relativas à liberdade civil e política, que possam ameaçar a dominação da Igreja que prega aos povos a obediência e aos soberanos a justiça.

Inconformado, Lamennais desabou a proibição e foi privado dos privilégios e poderes sacerdotais, quando se libertou do jugo da Igreja e do imperador, apoiando, mais tarde, a Revolução de 1848, que pretendia destituí-lo do trono.

Conduzido à prisão, mais tarde desencarnou, em 1854, sendo enterrado no Père-Lachaise, numa quarta-feira de Cinzas, conforme seu desejo, em uma cova simples e comum, a fim de repousar entre os pobres...

Embora ainda se estivesse no Século das Luzes, caracterizado pelo período histórico-filosófico profundamente racionalista, Luís Filipe governava com arrogância, apoiado pela Igreja, vigiando quaisquer tentativas de apeá-lo do poder, ou de alterar as estruturas culturais vigentes. A intolerância religiosa encontrava-se por toda parte, ameaçadora e perversa, tentando impedir o desenvolvimento científico e filosófico que estrugia com volúpia nas academias e universidades.

O materialismo, porém, sorrateiro e desafiador, inscrevia, desde há muito, na mente dos pensadores e investigadores a negação, transformando as claridades do Iluminismo em recurso de libertação dos dogmas ultramontanos e das tradições religiosas insensatas, que não mais os convenciam dos seus significados.

Pairavam nos meios intelectuais os conflitos de ideias e de comportamentos, que iriam transformar-se em conclusões positivistas a respeito de tudo quanto pode ser testado, desprezando todas as informações que não resistissem às experiências de laboratório, particularmente aquelas de natureza metafísica...

Foi, nesse campo inçado de dificuldades, que Allan Kardec se entregou às pesquisas em torno da existência de Deus, da imortalidade da alma, da comunicabilidade dos Espíritos, da reencarnação, do renascimento da doutrina de Jesus, desde quando convidado pelos Imortais, passando a enfrentar todo tipo de ameaças e desafios de toda ordem.

Espírito forjado na tempera do aço moral, sentia-se vinculado ao ministério grandioso, e por isso, não temia, entregando-se de corpo e alma à investigação e ao estudo dos fenômenos mediúnicos, dos quais extraiu as respostas lúcidas para as interrogações que afligiram as criaturas humanas através dos tempos.

Incompreendido por uns e malsinado por outros, o combatente não se permitia apresentar justificativas pessoais, nem desperdiçava o tempo em discussões inúteis, antes aplicava-o na observância e relacionamento dos fatos comprovados, anotando e selecionando aqueles que podiam resistir a quaisquer críticas ou acusações.

Preparado para a gigantesca tarefa, laborava dia e noite com afã, convencendo-se da realidade do mundo extracorpóreo, da sobrevivência da vida à disjunção molecular do corpo, do significado psicológico profundo da existência terrena.

Com esses elementos encontrava-se equipado para demolir as novas construções do materialismo e as antigas do clericalismo, oferecendo uma visão correta em torno do ser humano, do seu destino, das ocorrências que lhe sucedem e, sobretudo, a respeito da vida e da Criação.

Travava uma batalha silenciosa e árdua, dirigido pelo pensamento de Jesus e dos Seus ministros, para preparar o advento da Era Nova do Espírito imortal, quando novos conceitos poderiam ser apresentados ao mundo, dando lugar a outros comportamentos ético-morais, políticos, sociais e humanistas...

Acuado por invejosos de alta monta e inimigos desencarnados, não descansava, não desanimava, prosseguindo na busca dos diamantes da verdade, qual garimpeiro indômito que avança, caverna adentro, seguindo o veio denunciador das gemas preciosas...

Aplicando contínuos dias e noites na limpeza da ganga jungida aos metais de incomparável beleza, reuniu-os em um diadema de valor inestimável, formando a obra que ficou imortalizada após a sua publicação, no dia 18 de abril de 1857, na Paris das glórias mundanas e culturais, das conquistas incomuns do pensamento e da razão.

O Livro dos Espíritos surgiu com um diamante estelar no zimbório do pensamento terrestre e projetou claridade incomparável nos intrincados problemas que diziam respeito ao ser humano, à vida e à realidade existencial.

Inutilmente levantaram-se opositores que agrediram o autor da Obra, incapazes de apresentar quaisquer pontos vulneráveis no conteúdo vigoroso dos conceitos expostos. Urdiram-se intrigas vergonhosas, envolvendo o nome do insigne trabalhador, sem que tenham identificado quaisquer incoerências nos textos por ele publicados, sejam de autoria dos Espíritos ou da sua própria lavra, da sua reflexão.

O gigante não se afligiu não se atemorizou, em momento algum, prosseguindo na sua condição de artífice do bem e do amor na Terra, através do conhecimento da verdade, que se encontra ao alcance de todos aqueles que tenham interesse em ser felizes.

A doutrina exposta nessa Obra granítica oferece contribuição indispensável aos vários ramos do conhecimento, seja aos que dizem respeito aos arcanos da Antropologia como às estruturas da Sociologia, em referência às conquistas das ciências psíquicas, tanto quanto ao pensamento filosófico, argamassada com as inestimáveis formulações da lógica e da razão, defluentes das confirmações nos laboratórios de investigação e observação sistemática.

Iniciando o temário sobre Deus e Universo, prolongou-se pelo exame do espírito e da matéria, pelos notáveis fenômenos da morte e da reencarnação, das comunicações espirituais, das interferências dos desencarnados com os habitantes do corpo físico, passando aos notáveis postulados das leis morais, culminando nas esperanças e consolações com um elenco de preciosos itens que iluminam a mente e consolam o coração.

Portador de uma lógica de bronze, exigente na análise de cada informação, não se contentava com a resposta que recebia dos Imortais, volvendo ao tema, diversas vezes, até torná-lo perfeitamente compatível com o entendimento humano e resistente ao bisturi da dúvida e da negação.

Por consequência, a Obra recebeu o aplauso de homens e mulheres sinceros, estudiosos dos problemas humanos, da

Ciência e da razão, da fé religiosa e da ética, sendo recebida como uma resposta dos Céus às aflições dos seres humanos da Terra...

Marco histórico no pensamento filosófico, O Livro dos Espíritos permanece tão atual quanto naqueles heroicos dias em que apareceu na Galeria d'Orléans, na inesquecível Livraria Dentu.

Cento e cinquenta anos transcorridos desde aquele inesquecível dia, e continua desafiador, profundo, na sua simplicidade, completo, na sua singeleza, esclarecendo dezenas de milhões de pessoas que o compulsam, ávidas de esclarecimentos e de diretrizes de segurança para o equilíbrio e para a felicidade, a todos atendendo conforme os diferentes níveis culturais e de consciência em que estagiam, avançando no rumo do futuro iluminado pela verdade.

Feliz, por haver-me banhado na água lustrai da sabedoria que dele verte, quando me encontrava na indumentária carnal, saúdo-te e homenageio-te, mensageiro de Jesus-Cristo para a libertação das consciências terrestres!

HOSANAS AO SESQUICENTENÁRIO DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

Após o letargo em que mergulharam as inteligências por longos séculos, proibidas pela intolerância clerical de raciocinar em torno da realidade da vida e das legítimas aspirações do ser humano, espocaram as reações do pensamento filosófico e da experimentação científica, a pouco e pouco vencendo as lamentáveis imposições arbitrárias e abrindo campo a novas conquistas libertadoras.

Desalgemadas da tirania a que estiveram submetidas, conseguiram penetrar nas incógnitas existenciais, decifrando-as com a contribuição da lógica e da razão, ao tempo em que as demonstrações laboratoriais confirmavam-lhes as conquistas exuberantes.

As possibilidades de aprofundamento das sondas da investigação nos variados campos do conhecimento ensejaram-lhes ampliação de entendimento sobre o macro e o microcosmo, desvelando realidades jamais imaginadas, graças às quais o progresso passou a multiplicar-se pelas próprias conquistas, e não mais lentamente sob as ameaças perversas.

Sucede, porém, que esse fenômeno é resultado da força da vida que não permite seja impedido de maneira permanente o desenvolvimento intelecto-moral do espírito humano, e toda vez quando este se vê ameaçado, mais vitalidade adquire para superar os empecilhos, trabalhando pela liberdade de pensamento, de expressão e de ação.

Era natural, no entanto, que ao lado das incontáveis aquisições científicas e tecnológicas, dos avanços culturais e descobrimentos de toda ordem, surgissem as reações da mágoa, as necessidades de desforços, as agressões a instituições e lideranças caducas, assinalando o momento com pessimismo e amargura.

O materialismo que se instalou soberano nas academias, agora livres do imperialismo cruel das religiões ultramontanas, comandando os seus aficionados, ergueu-se, tão arrogante quanto as crenças espiritualistas que o antecederam, travando inglórias batalhas de resultados nefastos para a cultura.

Homens e mulheres notáveis engalfinharam-se em contendas injustificadas, enquanto cientistas respeitáveis deixaram-se dominar pela necessidade de junto aos pensadores exterminar Deus e a fé religiosa nas mentes e nos corações humanos, dando lugar a um grande vazio existencial.

O materialismo é uma chaga no sentimento da criatura, porque lhe retira toda a esperança de felicidade e de consolação após as acerbadas dores da existência física. Anula a alegria de viver ante as vicissitudes e os testemunhos inevitáveis em todas as experiências humanas da evolução. Perturba a mente e tortura o sentimento, empurrando o homem e a mulher para o suicídio quando os recursos imediatos não podem resolver as ocorrências angustiantes, as enfermidades irreversíveis, os dissabores morais, os sofrimentos espirituais...

Logo se espalhou uma onda de descrença em tudo, inclusive no próprio ser humano, estabelecendo-se paradigmas utilitaristas e imediatistas para a conquista do prazer e da felicidade, enquanto utopias variadas convidavam ao existencialismo e à libertinagem, como mecanismos de fuga da fragilidade orgânica e da temporalidade do corpo.

Por outro lado, a precipitação de alguns cientistas elaborou teorias fantasistas para explicar a vida e o ser, antes de comprovação laboratorial que lhes servisse de fundamento para aquisição de valor.

Escolas de pensamento multiplicaram-se com e sem ética, procurando umas sobrepor-se às outras, em aguerridos combates culturais nem sempre sustentados pelo bom senso e pelo altruísmo dos seus defensores.

Teses formidandas surgiram da noite para o dia procurando explicar tudo, inclusive o que nunca fora examinado, assim tudo reduzindo praticamente ao nada, em orgia de liberdade intelectual, prejudicando a respeitabilidade do bom-tom e da razão.

A euforia abriu portas a descabros culturais e comportamentais muito graves, tão prejudiciais quanto as proibições anteriores e as suas perseguições insanas.

Embora as luzes da cultura se expandissem, permaneceram muitas sombras e novos dogmas foram estabelecidos pelos magister dixit, substituindo aqueles que foram ultrapassados...

A deusa razão, que fora entronizada em Notre Dame, por exemplo, no fim do século XVIII, cedeu lugar ao anarquismo e simultaneamente ao autoritarismo de alguns cientistas e pensadores do século XIX, mantendo o aturdimento das massas humanas nos seus diferentes segmentos sociais, nem sempre esclarecidas e bem-orientadas.

Foi nesse báratro que surgiu O Livro dos Espíritos, apresentado por Allan Kardec, no dia 18 de abril de 1857, como débil claridade na imensidão das sombras...

Possuidor de incomparáveis tesouros de lógica e de ética, de conhecimentos e de informações que vieram dos Espíritos imortais, novas proposições fizeram-se conhecidas, esclarecendo dúvidas e interrogações inquietadoras, fundamentando sempre os seus argumentos nas conquistas realizadas pela Ciência de então, com lucidez para enfrentar as suas futuras aquisições de forma sempre atual e renovadora.

Antecipando Charles Darwin, Allan Kardec apresentou o evolucionismo vinculado ao criacionismo, única forma de compreender-se o processo antropossociopsicológico do ser humano, dando-lhe dignidade e objetivo existencial.

Estabelecendo paradigmas de alta magnitude, libertou Deus do antropomorfismo em que O encarceraram através dos milênios, explicando de forma profunda o que são o espírito e a matéria, a criação, a morte e a reencarnação, a justiça divina, os processos de interferência espiritual na conduta humana, as leis morais da vida, as esperanças e as consolações.

Examinou a moral sob o ponto de vista dos imortais, oferecendo luz à Ciência, e antecipando-a em muitas explicações, porque, enquanto a mesma estuda os efeitos, o Espiritismo remonta às causas de todas as ocorrências, dando-lhes sentido lógico e ético, fundamentando os seus postulados no amor de Deus, Causa Primeira de todas as coisas.

A medida que foi examinado, conhecido e divulgado, tornou-se modelo de doutrina científica, filosófica e moral de consequências religiosas, em razão dos paradigmas que estatui, apresentando o Espiritismo como uma ciência que estuda a origem, a natureza, o destino dos Espíritos e as relações que existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Ciência sui generis, porque não se utiliza dos elementos convencionais que são examinados pelas outras, mas estuda o ser humano em sua estrutura íntima, como princípio inteligente do Universo, acompanhando-o após a disjunção molecular pelo fenômeno da morte biológica.

Ao mesmo tempo, oferece uma filosofia comportam! n tal rica de bênçãos, nos seus conteúdos ético-morais, que culminam com a crença em Deus, na imortalidade da alma, u.is comunicações dos Espíritos, na pluralidade dos mundos habitados, firmada nos postulados ensinados e vividos por Jesus c pelos Seus primeiros discípulos...

Utilizando-se da mediunidade, o preclaro Codificador demonstrou à saciedade a sobrevivência do Espírito à desencarnação, assim como as multifárias experiências reencarna-tórias que lhe são facultadas, a fim de alcançar a perfeição relativa que lhe está destinada.

Graças a esse processo de evolução ficaram explicadas, desde então, as razões do sofrimento, dos destinos, das aspirações e das ocorrências felizes ou desditosas que assinalam incontáveis existências corporais.

Proporcionou a visão otimista em torno da jornada terrestre, assinalando que a responsabilidade pelo progresso ou o estacionamento na via de crescimento intelecto-moral é de cada um, que desfruta da oportunidade de desenvolver as aptidões que lhe dormem inatas, heranças que são da Divindade, ínsitas em todos.

Desfez a mitologia a respeito dos divinos castigos e das eternas punições, assim como das benesses celestiais concedidas a passo de mágica, distantes da justiça e do amor irrefragável do Criador que vive no Cosmo.

Antecipou o conhecimento em torno da consciência humana, explicando que nela se encontra gravada a lei de Deus, do que resultam as alegrias existenciais, os conflitos e as culpas, os procedimentos geradores da felicidade e do desar.

Obra monolítica, desdobrou-se nos incomparáveis O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, abrangendo o conhecimento universal e mantendo vinculação com as mais diversas ciências como a Antropologia e a Psicologia, a Fisiologia e a Psiquiatria, a Química e a Física, a Biologia e a Astronomia, o Direito e as Artes...

Nestes dias, quando o conhecimento atingiu patamares jamais supostos de existir, facultando as comunicações virtuais, as cirurgias com transplantes de órgãos, a implantação de células-tronco trabalhando pelo milagre da vida, as técnicas de regressão a existências passadas, a convivência com as micropartículas e com a biologia molecular, com o genoma humano decodificado, penetrando-se na intimidade do DNA e nas suas estruturas, O Livro dos Espíritos permanece atual, oferecendo informações de alto significado aos seus pesquisadores.

Resistindo a um século e meio de evolução cultural, filosófica, científica e tecnológica, continua sendo a mais completa síntese de informações contemporâneas de que se tem notícia.

Pelos milhões de vidas que vem iluminando e libertando do suicídio, da loucura, das aflições, tornando-os felizes, todos aqueles que nos deixamos penetrar pela sua sabedoria, cantamos hosiânas, saudando-o pelo transcurso do seu sesquicentenário de surgimento em Paris, simbolizando o início da Era Nova do Espírito imortal.

OS HERÓIS DA ERA NOVA

Programada a vinda de Jesus-Cristo à Terra, as Coortes espirituais apresentaram-se espontaneamente para contribuir da melhor maneira possível em favor do messianato divino

Na política, na arte, na filosofia, tomaram o corpo físico Espíritos nobres que deveriam desempenhar papel de relevância, a fim de que a doutrina do amor encontrasse ressonância na sociedade sedenta de alucinações e prazeres.

O Império Romano ainda se encontrava em plena glória, a grandeza das conquistas e o fausto deslumbrante dominavam quase toda a Terra conhecida, demonstrando o poder da força das legiões e da habilidade do governo central.

As antes famosas cidades gregas, ora em declínio, contribuía com filhos ilustres para a grandeza de Roma, na condição de pedagogos, médicos e servidores escravos, embora ainda ostentassem as magníficas edificações do passado e a sua cultura permanecesse esplendorosa, apesar da ausência dos grandes filósofos de outrora...

Éfeso erguia-se suntuosa, derramando-se próxima das águas azuis-turquesa do Egeu, em pleno fausto da Jônia, na

Anatólia, visitada pelos romanos ilustres e outros povos que vinham negociar habilmente e distrair-se nos seus banhos e teatros espetaculares...

Ali se encontrava o famoso templo de Artemisa, a deusa da abundância - anteriormente Cibele e mais tarde Diana, a caçadora — uma das sete maravilhas do mundo antigo. As grandiosas colunas que o ornavam produziam deslumbramento nos visitantes e podiam ser notadas desde o mar, a quase cinco quilômetros de distância...

Destruído e reconstruído várias vezes, incendiado por um louco, os seus escombros denotam ainda hoje a audácia e a beleza dos seus construtores, inclusive Praxíteles e Escopas, dois dos mais famosos do mundo que o enriqueceram com estátuas extraordinárias e perfeitas. A deusa era elaborada em mármore polido e ornada de ouro, apresentando as características da exuberância...

Por Éfeso passaram filósofos, que lá viveram e legaram à Humanidade páginas de inconfundível beleza, quais foram Heráclito (de Éfeso) e Tales de Mileto...

Situada em um ponto importante, que liga o oriente ao ocidente, era um local de cruzamento entre Mileto e a Jônia.

A cidade, envolvente e tumultuada, nas terras de Esmírnia, respousava desde então em verdejante vale cercado de montanhas altaneiras e protetoras, proporcionando-lhe temperaturas agradáveis, embora úmidas, nas diferentes épocas do ano.

Suas festividades em abril chegavam a atrair um milhão de pessoas, embora fosse habitada por umas duzentas e cinquenta mil, que vinham das redondezas, assim como de distantes terras quais Jerusalém e Atenas...

Foi embelezada por atenienses, espartanos, romanos e conquistadores diversos entre os quais o rei Creso da Lídia, os egípcios, os persas, Alexandre Magno da Macedônia, vencida e ressuscitada por turcos, bizantinos, otomanos, havendo exercido, no seu esplendor, uma grande importância para o Cristianismo nascente, com quase dois mil anos desde quando fundada, antes que os jônios a dominassem no século XI a.C. ...

Durante o cruel reinado de Cláudio, que expulsou os judeus de Roma, Paulo, que se encontrava em Atenas, desceu na direção de Jerusalém, passando por Corinto, onde se fez acompanhar pelos amigos queridos Áquila e Prisca, visitando outras cidades, e chegando a Éfeso, ali apresentando a sua primeira exposição sobre Jesus, na sinagoga local.

Depois, embora solicitado para que ficasse por mais tempo, prometeu retornar, dali seguindo a Cesaréia de onde rumou a Jerusalém...

Nesse ínterim, um erudito judeu chamado Apoio, natural de Alexandria, trouxe o verbo inflamado a Éfeso iluminando as consciências que se lhe acercavam, dando-lhes conhecimento da mensagem de Jesus.

A cidade-capital foi beneficiada pelo apostolado de Paulo, que ali viveu por vários anos e, posteriormente por João, que iniciou nas suas terras a escrita das suas memórias, que passou à posteridade como o seu Evangelho, tendo erguido sua residência num dos montes periféricos da cidade, onde, mais tarde, passou a residir até a sua desencarnação a Mãe Santíssima da Humanidade.

A casinha de pedras foi erguida em uma encosta a uns 350 metros acima do nível do mar entre oliveiras e verdejante relva, mas de onde se podia vê-lo...

Os enfrentamentos entre os pensadores gregos, efésios e outros, aferrados aos deuses ancestrais do seu panteão e os ministros do Evangelho nascente, fizeram-se formosos dialeticamente e agressivos emocionalmente.

Ao mesmo tempo, o farisaísmo que predominava nas sinagogas erguidas em toda parte onde viviam os judeus, sempre se levantava com ferocidade para combater Jesus, e naturalmente aqueles que se Lhe fizeram mensageiros, conduzindo ao cárcere muitas vezes esses notáveis Espíritos que jamais desfaleciam nas refregas ou temiam qualquer tipo de hostilidade.

Paulo de Tarso, que ali esteve por diversas vezes, demonstrou com eloquência incomum a grandeza da palavra do Crucificado nazareno, sensibilizando os ouvintes que se multiplicavam, dando início à construção das primeiras células de discípulos cristãos, conforme os denominara Lucas...

Numa dessas ocasiões, no auge do entusiasmo, o apóstolo dos gentios declarou que Jesus se encontrava acima de todos os deuses, naturalmente incluindo Artemisa, que era fonte de renda para a cidade e para artesãos, funcionários, sacerdotes e exploradores em geral...

Um joalheiro famoso de nome Demétrio que fabricava miniaturas de prata da deusa, tomando conhecimento de que os deuses fabricados pelos humanos não eram sagrados, conforme Paulo proclamara, receou que a deusa perdesse o prestígio e, por consequência, ele e os demais artesãos ficassem seriamente prejudicados, deu início a um movimento que atraiu tanta gente ao grande Teatro, gritando Artemisa de Éfeso é grande, recitando orações e homenagens, que o ato redundou num pleito, quando as autoridades, por fim, convidaram o apóstolo a abandonar a cidade...

Logo depois, João deu início ali ao seu ministério de amor, atraindo verdadeiras multidões, que o ouviam fascinadas.

Ele e Paulo tornaram-se os ministros do reino de Deus, enfrentando as vãs filosofias e apresentando a incomparável mensagem do amor do Mestre, atitudes essas que os levaram ao testemunho por diversas vezes, sem os abater ou atemorizar.

A coragem desses heróis da Era Nova constitui um dos grandes e fascinantes estímulos para todos quantos desejam servir ao Bem, porquanto nada havia que os intimidasse ou lhes diminuísse o entusiasmo no trabalho a que se entregavam.

Humilhações, suplícios, cárcere e morte não lhes constituíam impedimento à divulgação da verdade, tão impregnados se encontravam da certeza da imortalidade do Espírito, que as suas vidas ainda hoje constituem modelos de abnegação e de sacrifício comovedores.

Foram eles e muitos outros que se olvidaram de si mesmos para permitirem que Jesus prosseguisse arrebanhando as multidões, que a Mensagem de Luz chegasse aos dias modernos, embora as alterações que experimentou, conservando, no entanto, a sua pulcritude nos conteúdos insuperáveis do amor, da compaixão, da humildade, do perdão, da caridade e da sobrevivência espiritual, ainda conduzindo milhões de vidas na direção do Mestre Insuperado.

Nenhuma edificação do Bem alcança a sua gloriosa destinação dispensando os heróis da abnegação e da renúncia. Incompreendidos, no início, suportam as dificuldades mais sérias confiantes no resultado dos esforços, vencendo as intempéries de todo tipo, os enfrentamentos mais covardes e rudes, traiçoeiros e ignóbeis, firmes na decisão até o momento em que o triunfo do ideal os aureola com o martírio demorado...

O Cristianismo é a saga de homens e mulheres admiráveis que, fascinados por Jesus, tudo abandonaram para melhor O servirem, vencendo distâncias imensas sob o Sol inclemente e as chuvas torrenciais, dominados pela presença daquele que nunca os abandonou, conforme lhes houvera prometido.

Sucederam-se os séculos, e, periodicamente, eles retornaram às grandes Éfesos terrestres, sacudindo a comodidade e revolucionando as ideias, firmes no convite à transformação moral e ao amor em plenitude, pagando o alto preço da audácia da fé que não se mancomuna com os interesses sórdidos dos comensais da ilusão.

Com o advento do Espiritismo, trazendo Jesus e Sua mensagem de volta, os desafios fizeram-se inadiáveis e, desde os dias de Allan Kardec, Espíritos portadores de grande vigor moral tomaram a indumentária carnal para levar a Nova Revelação à Humanidade distraída e desinteressada do reino de Deus...

Pagando altos preços de incompreensões e calúnias perversas, de competições desastrosas e perseguições doentias, ei-los seguindo altaneiros com os sentimentos colocados no Mestre de amor, superando-se a si mesmos e colocando marcos definidores dos tempos, a fim de que, aqueles que virão depois deles deem prosseguimento ao programa de libertação e de felicidade.

Eles sabem que são os desbravadores, os audazes desmatadores da ignorância, e que o seu ministério é o de quebrar os tabus, vencer as hostilidades, suportar o peso das injunções penosas, facilitando a tarefa dos porvindouros apóstolos do Bem.

Incansáveis, prosseguem, anônimos uns, conhecidos outros, todos, porém, unidos na causa comum da Doutrina Espírita, de forma a torná-la conhecida pelas suas palavras lúcidas e sábias, respeitada pelos seus atos desataviados e transparentes, pela sua coragem de não revidar o mal com outro mal, uma com outra calúnia, não se permitindo transformar em inimigo de outrem, felizes e certos da vitória final.

Esses heróis que se consomem na condição de combustível do lume que derrama claridade por onde passam, encontram-se sob o amparo do seu Senhor, conforme Paulo, João evangelista, Barnabé, Pedro, Tiago... e todos os pioneiros da nascente doutrina de Jesus que modificou a história da sociedade, preparando o campo de lutas para este momento de Ciência, de Tecnologia, de conhecimentos filosóficos e éticos, de arte e beleza, de telecomunicações e convivência virtual, quando o Espiritismo implantará na Terra com os seus paradigmas grandiosos a sociedade feliz e livre da ignorância para sempre.

(Psicografada no dia 22 de maio de 2007, quando da visita a Éfeso (Esmírnica), Turquia.) Nota do médium.

A NOBREZA DO ESPIRITISMO

O egrégio Codificador definiu o Espiritismo como uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos e das relações que existem entre o mundo espiritual e o corporal.

Não se trata de uma ciência comum (*) — aduziu com sabedoria - porque o elemento com que trabalha não se submete aos caprichos dos investigadores como ocorre em outros ramos das ciências convencionais. Trata-se de um vasto campo de observações, graças às quais são demonstrados os fatos que lhe servem de patamar científico para a estruturação dos paradigmas em que se sustenta.

Portador de uma filosofia lógica e otimista, mantém como suporte de segurança dos ensinamentos a experiência de laboratório através da mediunidade, e utilizando-se da insuperável contribuição das reencarnações, explica o ser, o seu destino e as ocorrências que lhe dizem respeito no transcurso da evolução.

Desvelando e atualizando os ensinamentos de Jesus, alicerça-se na ética moral preconizada e vivida pelo Mestre de Nazaré, assim como pelos seus primeiros apóstolos, que se tornaram o adubo de vitalização da mensagem inconfundível do amor.

Possuidor de uma lógica de bronze, dispensa todos e quaisquer tipos de superstições e exterioridades muito ao agrado das personalidades fúteis e irresponsáveis que pretendem conseguir a paz interior através dos cultos externos frívolos e das promessas vãs, em vez do esforço que deve ser empreendido em favor da própria transformação moral, condição indispensável à harmonia pessoal.

Em consequência, é uma doutrina de comportamento interior voltado para o Bem através do qual o Espírito exercita-se na edificação de si mesmo, trabalhando contra as más inclinações que nele remanescem como efeito do processo de evolução antropológica, pela qual passou nas sucessivas experiências, quando em busca da iluminação.

Caracterizado pela simplicidade, proporciona tranquilidade de consciência, sem o patrulhamento dos seus atos por outrem, mesmo que em situação superior de conduta, ensejando a cada qual viver conforme as possibilidades de que dispõe, esforçando-se sempre para ser melhor do que nos dias do passado.

As lições que procedem dos Espíritos devem ser examinadas com o rigor necessário à aceitação ou não, em face do estágio em que os mesmos se encontram, porque a morte a ninguém confere o grau de santidade que não possuía na Terra, nem de angelitude conforme se desejaria, sem o esforço pela auto iluminação.

Os seus postulados não facultam apoios em bengalas psicológicas saudosistas ou miraculosas, que favorecem uns indivíduos em detrimento de outros.

Embora a transparência e limpidez dos seus ensinamentos, a ignorância aureolou-o de mistérios compatíveis com as doutrinas salvacionistas de ocasião, apresentando-o como solucionador dos problemas que competem ao indivíduo equacionar.

Como inevitável consequência, muitos daqueles que se acercam das sociedades espíritas trazem embutidas na mente as informações equivocadas, esperando encontrar respostas miraculosas para os problemas em que se envolvem, aguardando que os Guias espirituais se encarreguem de resolver todas as questões que lhes dizem respeito, bastando-lhes apenas comparecer a uma que outra reunião, disso desobrigando-se como quem se liberta de um fardo desagradável e de peso exaustivo.

Tal comportamento é mantido de maneira inconsequente por inúmeros frequentadores que esperam desfrutar de privilégios que não existem, considerando-se defraudados quando os seus interesses mesquinhos e imediatistas não são resolvidos conforme desejam.

Sem fazerem esforço para o estudar, penetrando nos seus conteúdos filosóficos profundos e esclarecedores, mesmo quando conhecendo os postulados da reencarnação, ficam surpresos quando acometidos por desafios e dificuldades que são normais no processo de crescimento de todas as criaturas.

Reclamando ou interrogando se teriam sido tão maus quanto aos efeitos que ora experienciam, teimam em justificar-se, como se isso alterasse as ocorrências defluentes dos comportamentos extravagantes que se permitiram no passado e ainda se facultam.

Convidados à contínua transformação moral para melhor, sentem-se fracos diante daqueles que o logram, buscando escapar da responsabilidade através de mecanismos de fuga, enganando-se e supondo que iludem a Consciência Cósmica, enquanto a própria se encontra anestesiada.

Resmungam com mau humor quando os seus caprichos não são atendidos imediatamente e esperam que os familiares e amigos desencarnados estejam sempre às suas ordens, a fim de atender-lhes as infantilidades em que se comprazem e gostariam de permanecer.

A aura de milagres e sobrenatural com que vestem a doutrina, constitui-lhes motivo para não resolver os próprios conflitos, na expectativa de que a bondade de Deus se encarregue sempre de tudo quanto lhes diz respeito.

Se a enfermidade os alcança, logo aguardam medicação especial para a cura do corpo sem a preocupação da saúde interior.

Se a obsessão os envolve, reclamam, informando que esperavam estar protegidos pelos Mentores, embora a conduta não seja condizente com a assistência de que gostariam de desfrutar.

Se o desemprego lhes bate à porta, reclamam a falta de apoio espiritual, que lhes facultou a situação embaraçosa, sem dar-se conta da própria responsabilidade.

Se a solidão é o seu estado natural, evitam a solidariedade, considerando-se abandonados pela Misericórdia Divina, ou desejando seres eleitos especialmente para os acompanhar com bondade e paciência, embora não as exerçam em relação ao próximo.

Se convidados à contribuição em favor da instituição ou do próximo, interrogam pela necessidade de tudo ser grátis, sem preocupar-se que alguém está contribuindo em seu lugar...

Se a desencarnação toma-lhes um ser querido, desejam notícias imediatas, naturalmente esperando que o afeto se encontre renovado e feliz, embora haja mantido, quando na Terra, uma existência de disparates ou de indiferença perante os Divinos Códigos.

Não se tornam espíritas verdadeiros, permanecendo como frequentadores das atividades doutrinárias, distanciados da vivência e dos sentimentos de auto iluminação.

Alguns outros, porém, arvoram-se, muitas vezes, em defensores da sua pureza doutrinária, arrogantes e agressivos, como se o Espiritismo deles necessitasse, ficando ao abandono quando forem colhidos pela desencarnação.

Fiscais do comportamento do próximo vivem nos seus gabinetes teorizando sem vincular-se a qualquer sociedade doutrinária, onde o trabalho aguarda a cooperação de todos, sempre donos da verdade, com saudades dos tempos em que, noutras religiões, se reservavam o direito de pensar pelos seus paroquianos...

O Espiritismo é doutrina de foro íntimo, de conduta pessoal, que não necessita dos oportunistas que desejam sobressair no conjunto, mediante comportamentos e exigências que têm apenas o valor que eles próprios lhes atribuem.

Preocupados em vigiar os outros, esquecem-se de trabalhar o caráter, modificando o temperamento para melhor e respeitando os direitos do seu próximo, que responderá perante as Divinas Leis conforme o seu nível de consciência e o esforço empreendido para tornar-se mais saudável no processo de crescimento pessoal.

O Espiritismo dispensa uns e outros, porque a doutrina é incorruptível e ninguém a consegue macular ou distorcer os seus paradigmas excelentemente expostos pelo egrégio Codificador na obra com que enriqueceu a Humanidade.

O Espiritismo avançando com o progresso jamais será ultrapassado, elucidou Allan Kardec, porquanto se for comprovado que está em erro em algum ponto, o mesmo será abandonado, seguindo com a Ciência, o que ainda não ocorreu, porquanto, a cada momento, a Ciência nas suas diversas doutrinas confirma-lhe a superior qualidade dos ensinamentos, porque ele estuda as causas, enquanto a Ciência estuda os efeitos.

Estudar, portanto, o Espiritismo, para vivê-lo com segurança e harmonia, é o grande desafio para todos aqueles que desejam encontrar as respostas para as interrogações existenciais e a harmonia interior.

OBRA INSUPERÁVEL

Numa rápida evocação em torno dos grandiosos legados da cultura e da civilização do passado, são encontradas as notáveis obras do pensamento humano, orientando a criatura terrestre.

Desde o Código de Hamurabi, assinalando as diretrizes morais e legais para a sociedade, fomos honrados com as obras monumentais que dignificam a Humanidade, e que verteram do Alto como sinfonia de bênçãos, a fim de que a vida pudesse receber o respeito e a consideração de que se faz credora.

A Índia gloriosa de há mais de seis mil anos, transferiu para todos os séculos o Vedanta, reunindo livros de transcendentais informações sobre a imortalidade, a ética, os deveres morais e sociais.

O Egito liberou da intimidade dos seus santuários O Livro dos Mortos, despertando as criaturas para a sobrevivência do Espírito, e, por consequência, os códigos morais para a continuidade da vida...

Das reflexões profundas e místicas dos santos do Tibete, a sociedade herdou O Livro tibetano dos mortos, orientando os seres humanos para a conquista da plenitude.

A Pérsia multimilenária, fascinada pela realidade do Espírito, ofertou aos tempos do futuro o ZendAvesta, enriquecendo as criaturas com as bases morais para discernir o Bem do Mal, o seu futuro imortal...

A China contribuiu com a doutrina de Fo-Hi e, mais tarde, Confúcio, através dos Analectos, convocou as mentes e os corações a reflexões em torno do cidadão, da família, da sociedade, do dever...

Todo o Oriente fez-se um tesouro de incomparável riqueza, brindando a História com a luz da sabedoria, da perfeição, na incansável busca do Nirvana, da plenitude...

Israel, caracterizada pelos profetas, assassinados uns e homenageados outros, seus reis poetas e sábios, compôs a Bíblia, reunindo a história do seu povo em relação a outros povos e nações, compondo hinos de extraordinária beleza, como nos salmos, no cântico dos cânticos ou no inolvidável Sermão da montanha cantado por Jesus e inscrito em O Novo Testamento.

Toda a história da vida de Jesus é a saga da auto conquista, da superação das paixões asselvajadas, do primarismo do Espírito, desvelando o reino dos Céus adormecido no imo de cada um, tornando-se o guia seguro para todos os séculos...

Depois de Jesus, e mesmo um pouco antes, o pensamento ocidental, através dos insuperáveis filósofos gregos e mais tarde os romanos, a ética e a moral, a política e a arte, a lógica e a razão desenharam as mais belas páginas de eloquente sabedoria para o bem do ser humano e da sociedade.

Posteriormente, os Céus prosseguiram enviando à Terra os seus embaixadores através da Escola neoplatônica de Alexandria, da Patrística e de outros grupos, ofertando as profundas contribuições para a conquista da felicidade.

Século a século repontaram os inspirados e os santos, os pensadores e os artistas, contribuindo de forma sublime com as belas mensagens de vida e de amor, nem sempre aproveitadas pela Humanidade.

Obras memoráveis apareceram, fascinaram os tempos em que floresceram, cedendo lugar a outras que foram sucedidas por mais outras, confirmando o amor de Deus pelos Seus filhos, a fim de que nunca faltasse a luz do conhecimento nem a magia da arte para tornar ditosa a existência humana.

A Ciência e a Tecnologia, insipientes, a princípio, atingem hoje a glória estelar, guindando o ser humano ao macrocosmo e permitindo-lhe penetrar no microcosmo, de forma que pode solucionar inúmeros enigmas do Universo e equacionar muitos dos desafios existenciais...

Nada obstante, o ser humano, tendo permanecido, feitas algumas exceções, em sombras e violência, em angústias e medos, foi honrado pelos Céus com a reencarnação de Allan Kardec, no século XIX, o missionário do futuro, a fim de que codificasse O Livro dos Espíritos, a obra mais monumental que a Humanidade jamais compulsou, pelo fato de repetir o Evangelho de Jesus e sintetizar os grandiosos livros que chegaram antes do seu advento.

Respondendo a todas as questões do pensamento com lógica e razão, completando e indo além das honrosas conquistas da Ciência, proporciona mais eficiente aplicação dos seus postulados no dia-a-dia das existências.

Superando a teologia ancestral, inicia a sua gloriosa síntese com Deus e encerra a sua excelsa mensagem com as esperanças e consolações, após dirimir todas as dúvidas existentes, iluminando as sombras da ignorância cultural.

Granítico, na sua estrutura, vem resistindo aos avanços do conhecimento e permanecerá incorruptível e insuperado diante das avançadas conquistas da atualidade.

Estudá-lo, para melhor insculpi-lo no imo, é dever de todos aqueles que anelam pela conquista da plenitude.

Divulgá-lo por todos os meios ao alcance, constitui compromisso inadiável por todos aqueles que se iluminaram com a constelação estelar das luzes de que se faz portador.

Respeitá-lo, mediante o estudo sério e digno, é a maneira de agradecer-lhe a existência durante estes cento e cinquenta anos desde a sua publicação, libertando consciências e consolando corações. (*)

Agradecidos a todas as obras missionárias da Humanidade, aos apóstolos e aos embaixadores do Cristo que têm trabalhado pela dignificação humana, somos reconhecidos especialmente a Allan Kardec, o preclaro Codificador do Espiritismo que nos ofertou O Livro dos Espíritos, esse monólito indivisível que se vem tornando a base do conhecimento dos Céus para a Humanidade de todos os tempos do futuro...

() Página psicografada no dia 10 de novembro de 2007, em Brasília, DF. Nota da editora.*

A ARROGÂNCIA

Cegueira da inteligência e soberba do sentimento, a arrogância é filha espúria da presunção egoísta. Expressa-se de várias formas, asfixiando em ergástulo hediondo aquele que se lhe permite o domínio.

A medida que o ser humano se esclarece, adquirindo mais amplos conhecimentos, por certo melhor identifica a grandiosidade da vida e do Cosmo, percebendo quão pequena é a parcela do entendimento de que dispõe.

Os Espíritos imperfeitos, porém, estejam ou não na indumentária carnal, quando conseguem entender os fenômenos existenciais diante da imensa mole humana, deixam-se in-toxicar pela arrogância, assumindo postura de superioridade falsa, embora afligindo-se interiormente. Não apenas, porém, quando conquistam conhecimentos intelectuais, mas também quando conseguem projetar-se nas altas esferas sociais, nem sempre através de métodos dignos...

Noutras vezes, depois de amear moedas, títulos fiduciários, ações de empresas disputadas nas bolsas de valores, posições políticas e destaques religiosos, não conseguem manter a naturalidade, acreditando-se privilegiados, assumindo comportamentos arrogantes.

Quem assim se comporta sabe, de forma consciente ou não, que é portador de grande fragilidade emocional, sofrendo irrefreável medo de ser descoberto conforme realmente é e não como se apresenta, ao serem retirados os atavios do lamentável disfarce em que se esconde.

Assumindo a postura arrogante, esse indivíduo afasta as pessoas que o podem desnudar, consideradas inimigas, comprazendo-se, na sua fatuidade, com a bajulação e as homenagens daqueles que se nutrem das migalhas que lhes atira com desprezo. Aparentemente, esses fâmulos que o cercam, inflam-no com vãos encômios, detestando-o, porém, enquanto aguardam o momento de lançar-lhe na face às humilhações que sofrem sorrindo para não lhe perder o apoio...

Incapaz de perceber as sutilezas dos comportamentos psicológicos, acredita ou finge acreditar no aplauso e no apreço com que é gratificado pela corte de que se faz acompanhar, abraçando a terrível solidão de quem não é amado realmente, portanto, desconfiado, inseguro, instável emocionalmente.

A estultícia que o domina torna-o insensível às amizades reais, que muitas vezes surgem pelo seu caminho, pavoneando-se dos encantos que se atribui, dando a impressão de ser diferente das demais pessoas e que a sua organização fisiológica deve ser superior às outras.

Quando, porém, é picado pelos alfinetes do sofrimento, que o penetram, o balão volumoso da ilusão feita de prepotência e insânia explode, descobrindo-se insignificante e supérfluo ao conjunto social, o que o torna revoltado, mais desestruturado.

Para esse tipo de Espírito em prova, a inteligência e a cultura, o poder de qualquer expressão, a riqueza, a procedência étnica, religiosa ou política somente lhe constituem motivo de exaltação da falsa superioridade que cultiva.

Nessa condição, é incapaz de uma honesta autoanálise, de uma conversação proveitosa, em que se veja na posição de quem ouve, aprende, intercambia conhecimentos e experiências. Acostumou-se a impor as suas ideias, algumas delas absurdas, o seu comportamento doentio, terminando por acreditar-se detentor da verdade e credor de respeito com destaque especial.

Acostumou-se a ser obedecido, temido e até mesmo odiado, o que lhe proporciona um certo mórbido prazer, porque sabe-se incapaz de despertar noutrem os sentimentos nobres da amizade legítima, do amor verdadeiro.

Tendo aprendido a negociar emoções, a comprar companhia, a possuir, despreza tudo quanto é autêntico, natural, dignificante.

Exalta-se, como decorrência da sua procedência cultural, empresarial e não admite a sinceridade do pensamento dos demais, especialmente quando esta objetiva corrigi-lo, discutir as suas falsas concepções, porquanto nem todos o temem ou estão interessados em aceitá-las, mantendo independência intelectual e moral.

Como consequência, a sociedade aplaude a polida hipocrisia, a gentil camaradagem destituída de interesse fraternal, em que os seus membros competem sorridentes, uns contra os outros e detestam-se amigavelmente...

Narra Platão, que Sócrates, ao ser condenado à morte, após o vergonhoso processo e julgamento arbitrário a que foi submetido, ouviu do juiz o libelo sobre a pena máxima que lhe seria aplicada. Muito tranquilo, na grandeza da sua sabedoria, não demonstrou qualquer surpresa ou desagrado, antes, pelo contrário, respondeu: - Todos quando nascemos já nos encontramos condenados à morte...

E permaneceu absolutamente sereno, porquanto ninguém poderia matá-lo, mas sim, ao corpo, à roupagem e, por ela, mantinha somente o respeito que se tem pelo veículo que enseja movimentação e facilita o progresso.

Noutra ocasião, muito antes do julgamento infame, ao ser informado por outros pensadores de menor porte em sabedoria, que o deus Apoio lhes houvera dito em Delfos que ele era o homem mais sábio da Grécia, indagaram-lhe zombeteiros: - Tu crês que és, realmente, o homem mais sábio de toda a Grécia?

Sem perturbar-se, o mestre redarguiu: - Penso que sim, pois que sou, em toda a Grécia, o único homem que sabe que nada sabe...

Enquanto os arrogantes pigmeus surpreendiam-se com a resposta do filósofo, ele permaneceu idealista, sem qualquer jactância, dialogando com aqueles que se lhe acercavam, pois que, essa era a sua proposta: iluminar consciências!

Sinônimo de sabedoria é o comportamento humilde, em razão do entendimento em torno do infinito saber...

O arrogante exsuda antipatia, produzindo animosidade e gerando reações negativas em todos aqueles que se sentem excluídos, expulsos dos seus relacionamentos ou mesmo de outros que são obrigados a conviver em razão de compromissos ponderáveis.

O ser nobre, fadado à grandeza e ao sólio da plenitude, comporta-se de maneira saudável, sem qualquer orgulho, especialmente em torno do que dispõe e com facilidade muda de mãos, da cultura ou da fama que passam, da juventude e da beleza de efêmera duração.

O sofrimento do arrogante, observando as inevitáveis mudanças que o tempo e as circunstâncias lhe impõem, é de alta magnitude aflitiva.

Em o Retrato de Dorian Grey, a monumental obra de Oscar Wilde, essa personagem arrogante firma um pacto com as forças do Mal, a fim de preservar a juventude por longo tempo, entretanto, à medida que permanece a aparência, no seu retrato vão sendo gravadas todas as infâmias que pratica, terminando a malfadada existência através do autocídio...

Na obra monumental de Goethe, Fausto, Mefistófeles encarrega-se de proporcionar o atendimento às paixões daquele que o trouxe à Terra, fátuo e arrogante, mas que na fugir da consumpção pela morte e pelo desespero...

Desde que em todos os aspectos humanos a arrogância é detestável e infeliz, como considerá-la no comportamento de um cidadão que adota os postulados espíritas?

Doutrina de excelsa libertação, não conive com as condutas soberbas da extravagância dos pigmeus morais, que se apresentam como gigantes vencedores.

Quando o ínclito Codificador Allan Kardec foi convocado para apresentá-la ao mundo, o insigne sábio de Lyon teve a grandeza e a humildade de indagar aos egrégios Guias da Humanidade: - E se eu fracassar? Ao que eles responderam com a mesma lealdade: - Outro te substituirá...

Mergulhando a mente e o coração no oceano das informações que verteram da Espiritualidade superior, em formosa luta intelectual e moral, ele elaborou a imbatível Codificação Espírita, preservando a simplicidade e a pureza de sentimentos.

A sua humildade expressava-lhe a grandeza moral, enquanto os arrogantes das academias e das religiões ortodoxas que o combatiam, fracassaram, à medida que a obra do Cristo Redivivo foi atingindo a sua finalidade, que é iluminar as consciências humanas e orientá-las no rumo da felicidade.

De igual magnitude é a revelação de João, o batista, em relação ao Messias que ele antecipara: - E necessário que eu diminua, para que Ele cresça.

Não há desse modo, lugar para nenhum comportamento arrogante entre aqueles que tomam conhecimento do Espiritismo.

A arrogância cultural, em nome de uma doutrina de amor e de iluminação, é enfermidade grave da alma que a vida irá curar, ao aplicar os métodos inevitáveis do sofrimento que lapida as anfractuosidades morais do Espírito, a fim de que, liberado da ganga nefasta que o egoísmo lhe impôs, possa refletir a serenidade e a beleza do Bem.

CONCEPÇÕES EQUIVOCADAS

Ao tempo de Jesus, em face da tradição defluente da ignorância espiritual dominante, os judeus, em geral, acreditavam em Deus, na imortalidade da alma, sem muita convicção, reduzindo as suas crenças aos interesses materiais.

Considerando-se o povo de Deus, permitiram que se enraizasse o equívoco ancestral de soberania e privilégio em relação aos demais povos do mundo, fixando o pensamento religioso nos interesses imediatistas e subalternos, graças ao qual, sendo-se fiel e cumpridor das Leis, recebiam-se como recompensa fortuna, poder, destaque na comunidade e a supremacia de Israel sobre as demais nações da Terra.

Essa concepção, totalmente equivocada, foi combatida por Jesus em todos os Seus ensinamentos, demonstrando que o Reino de Deus não tem aparências exteriores, está dentro de nós, não é deste mundo...

Assim mesmo, os sacerdotes desonestos e gozadores mantinham a superstição e a ideia falsa, no povo, estimulando o egoísmo, as imperfeições morais dos religiosos, que necessitavam somente de aparentar o que recomendavam os códigos espirituais, despreocupados com a sua realidade íntima, com a própria iluminação.

Os profetas eram sempre trazidos à baila, em quaisquer discussões, porém, na condição de orientadores para o poder, mártires das lutas pela supremacia do país, considerando-os servos do deus da guerra, o qual marchava à frente dos exércitos, para dizimar seus outros filhos...

Essa terrível distorção dos ensinamentos morais e das revelações espirituais permaneceu, mesmo após o surgimento do Cristianismo primitivo, quando esse foi confundido com a religião dos reis e poderosos, em conúbio infeliz com as forças governamentais de Roma e de todo o Império.

Apesar de os missionários do amor e da caridade, da sabedoria e do exemplo virem frequentemente à Terra para manter viva a chama do Evangelho na sua pulcritude, os dominadores de um dia buscavam silenciar-lhes a voz, declarando-os hereges, indignos, e perseguindo-os tenazmente, não poucas vezes conduzindo-os às fogueiras devoradoras... As suas ideias, no entanto, permaneceram vivas aguardando o momento em que chegasse O Consolador.

Vencidos longos séculos de obscurantismo e crueldade, o apóstolo da Era Nova foi convidado por Jesus a realizar o ministério de iluminação da Terra, e Allan Kardec reencarnou com todos os requisitos indispensáveis ao exercício da missão que lhe estava destinada pelo Mestre Nazareno.

Depois de experiências incomuns, de aprofundamento severo na psique humana, de estudos conscientes em torno da imortalidade e da comunicabilidade dos Espíritos, da reencarnação e dos demais postulados da Doutrina Espírita, apresentou-a apoiada na robustez dos fatos e delineada nos princípios da ética-moral, da lógica, da razão.

Enfrentando as dificuldades compreensíveis, o Espiritismo permaneceu irretocável, superando todas as críticas e difamações, campanhas sórdidas e armadilhas infelizes, algumas delas produzidas por falsos adeptos, cujas condutas poderiam ameaçar-lhe a estrutura moral.

Sendo uma doutrina dos Espíritos, a sua é a meta de libertação do ser humano do materialismo com todo o seu arsenal de conflitos, do esclarecimento das consciências em torno dos objetivos da existência corporal, da orientação clara acerca dos comportamentos humanos, da construção da sociedade feliz.

Destina-se às mulheres e aos homens de todos os tempos, não estando circunscrito a períodos, nem povos, mas dirigindo-se a todas as inteligências que anelam por informações consentâneas com o seu nível cultural e moral, nas mais diferentes raças e credos, assim como nas condições sociais e econômicas em que se encontrem.

Confirmado em experiências momentosas, os seus fundamentos enraízam-se na lei natural, a que vige no Universo, sem qualquer desvio para as condutas extravagantes de personalidades mórbidas, encontrando-se monolítico na Codificação e nas obras que lhe são complementares, como a Revue Spirite e os opúsculos O que é o Espiritismo, bem como O principiante espírita.

Havendo sobrevivido com o seu conteúdo intocável às filosofias pessimistas e existencialistas do após os horrores das guerras que varreram a Terra desde o seu aparecimento, é hoje adotado por milhões de pessoas em grande número de países da Terra.

Médiuns admiráveis, escritores notáveis, servidores incomuns, oradores inspirados, orientadores sábios, dialogadores lúcidos, verdadeiros apóstolos da caridade e do amor, da benevolência e da fraternidade, trabalhadores infatigáveis e devotados ao bem-estar de todos, têm-lhe constituído as fileiras, demonstrando a excelência da qualidade dos seus postulados, em convite irrecusável para a edificação da harmonia e da felicidade nas mentes e nos corações.

Excelente tratado de psicoterapia preventiva e curadora, o seu conjunto filosófico e moral encontra-se perfeitamente em harmonia com as doutrinas psíquicas que trabalham pela saúde comportamental e mental dos indivíduos, orientando-os para o cultivo dos bons pensamentos, a renovação interior incessante, a conduta saudável...

As suas nobres atividades desobsessivas vêm arrancando incontável número de padecentes que sofriam as injunções perturbadoras produzidas por Espíritos infelizes, perversos e folgazões, restaurando neles a alegria de viver e o bem-estar.

Utilizando-se da melhor psicopedagogia para orientar a infância e a juventude, oferece bases culturais e éticas para uma existência equilibrada, digna da sociedade enobrecida para a qual labora através da educação.

Todos os seus ensinamentos são claros e simples, sem as complexidades comuns a outros contextos doutrinários, facultando a todo e qualquer indivíduo beber nas suas fontes inexauríveis as páginas consoladoras e iluminativas da alegria de viver e de ser feliz.

Nada obstante, embora todo esse incomum arsenal de recursos que se encontram à disposição dos interessados e curiosos, não tem conseguido conscientizar um grande número de pessoas que somente o buscam para a solução imediata dos seus problemas existenciais, por elas mesmas produzidos.

Teimam esses neófitos em considerar o Espiritismo como a moderna caixa de Pandora, milagreira e fantástica, de que se utilizam somente quando estão aflitos e desorientados, abandonando a capacidade de raciocínio para se entregarem a médiuns aventureiros e inescrupulosos, que não são espíritas, buscando soluções rápidas.

Muitos outros, por se acreditarem frequentadores de sociedades espíritas, descomprometidos com o aprendizado e a iluminação pessoal, supõem-se indenes a quaisquer ocorrências de sofrimento e provação, mesmo informados dos postulados doutrinários, fingindo acreditar que os Espíritos nobres têm a obrigação de poupá-los às dificuldades naturais do processo de evolução, por se apresentarem como espíritas.

Expressivo número somente lhe recorre ao auxílio quando vítima de enfermidades desgastantes, degenerativas, expiatórias ou provacionais de que necessita para o resgate dos seus incontáveis débitos, esperando conseguir privilégios que os não possui, aborrecendo-se quando as suas investidas absurdas são esclarecidas e orientadas.

E lamentável o desconhecimento em torno da Doutrina Espírita e dos ensinamentos do Espiritismo.

Acostumados às religiões ortodoxas que premiam e castigam que transformaram Deus num fantoche que se permite sensibilizar com oferendas materiais e sacrifícios supérfluos que nada custam, diante do Espiritismo, que é doutrina racional, adaptam-no à sua maneira de crer e de ser, esperando respostas compatíveis com o seu nível de ignorância sobre o mesmo.

Mais lamentável ainda é constatar-se que outros indivíduos conhecedores dos seus postulados anuam com essas ideias, ingênuas umas e absurdas outras, silenciem ou deem a impressão de que tudo é válido, especialmente quando se ama, como se o amor fosse uma poção mágica que a tudo soluciona, mesmo quando em circunstâncias que exigem energia, orientação, educação e não apenas o pieguismo algo covarde da concordância.

Não é humildade, como se vulgariza, silenciar ante o mal, concordar com todos os disparates em nome de um conjunto de ensinamentos honoráveis como o Espiritismo, fazendo propaganda pessoal de virtude aparente à custa do sacrifício da mensagem edificante.

Igualmente, não tem cabimento a transformação da mediunidade em instrumento para exibicionismo, mesmo que os fins sejam edificantes, vulgarizando-a ou submetendo-a a análises superficiais de personalidades descomprometidas com o progresso humano.

De outra forma, o Espiritismo não se pode transformar em palco de humorismo chulo e de divertimento vulgar, competindo com o existente no mundo, quando a sua finalidade é dignificar o ser humano e arrancá-lo da situação espiritual deplorável em que se encontra.

Tratar-se de questões sérias e graves é compromisso de relevância, que não pode ser realizado sem siso nem dignidade.

Utilizando-se de técnicas de comunicação jovial, nas quais são recomendados recursos de oportunos sorrisos, para manter a atenção e a concentração do público, não se permite a Doutrina Espírita a chocarrice, tampouco a apresentação de humor com sentido duplo, levando as mentes menos criteriosas a conclusões nada compatíveis com o seu elevado elenco de pensamentos.

O Espiritismo veio à Terra e nela se encontra para orientar, conduzir, dignificar e preparar o Espírito para as experiências evolutivas de todo porte, para o desenvolvimento dos valores íntimos adormecidos, para o enfrentamento dos gravames do passado e o ressarcimento deles através do sofrimento, se for o caso, ou por meio das realizações edificantes do bem e da caridade.

A vida futura tem lugar no Espiritismo como ponto básico de informação a todos os candidatos ao seu conhecimento, por significar que a transitoriedade material é de pequena monta, sendo merecedora de maior investimento a vida legítima, aquela de natureza causal.

O Espiritismo liberta do jogo enganoso das sensações, das ambições, das lutas pelo poder, vitalizando indivíduos que se fazem fortes pela renúncia, pela abnegação, pelo serviço de amor, pelo conhecimento profundo de si mesmo e da vida.

Encarnado ou desencarnado, o Espírito é o aprendi/ d.i divina sabedoria, em atividade contínua pelo seu crescimento e iluminação inadiável.

Divulgar essa doutrina grandiosa por todos os meios ao alcance e vivê-la com respeito e elevação, é o dever que todos nos devemos impor, quando convidados ao seu apostolado.

FRUSTRAÇÕES ANGUSTIANTES

Logo depois da retumbante vitória do imperador Constantino contra Magêncio, na batalha próxima à ponte Mílvia sobre o rio Tibre, em 312, o genial vencedor proclamou o Edito de Milão, no dia 13 de junho de 313, tornando o Cristianismo tolerado em todo o império, como gratidão aos Céus pela ajuda que recebera, levando-o ao triunfo contra o seu maior inimigo...

Aceito pelas multidões sedentas de inovações, que abandonaram o politeísmo em relação aos deuses-lares e aos do Olimpo, trocando-os por Jesus e Sua doutrina, espalhou-se a mensagem com arroubos e festas.

Rapidamente os evangelizadores multiplicaram-se e a difusão da nova religião ergueu santuários faustosos, em toda parte, alguns deles, antes povoados pelos deuses ora em decadência, substituídos pelo Incomparável Mestre, Maria Santíssima, os apóstolos e os mártires...

À medida, porém, que o tempo transcorreu na sua marcha inexorável, havendo desaparecido as perseguições que vitalizavam a fé nobre e pura, começaram a surgir as rugas e disputas por privilégios sociais e governamentais, surgindo os cultos externos extravagantes e as festas ruidosas quão insensatas, semelhantes às pagas que ressurgiam, e o entusiasmo pelo amor e a caridade passou a ceder lugar à vulgaridade, quase à indiferença...

A pompa e o poder temporal tomaram o lugar da simplicidade e da abnegação, dando lugar ao orgulho e à prepotência que, mais tarde, se transformariam em adaga perversa a serviço do crime e da hediondez, ceifando vidas ou mutilando as esperanças...

Nessa ocasião, medraram os pródromos do que seria mais tarde o monacato com todos os seus tormentos, inspirado nos ascetas egípcios que buscavam as furnas no refúgio das montanhas ou o silêncio absoluto no deserto, a fim de preservarem a vida austera e a meditação.

Embora a nobreza da iniciativa, tornava-se uma afronta à pureza da mensagem cristã e aos exemplos de dinamismo de Jesus e dos Seus discípulos, que jamais cultivaram a ociosidade a pretexto de busca de elevação, assim negando o mundo para o qual se encontravam em serviço de iluminação.

A nova onda sensibilizou muitos Espíritos ingênuos que desejavam ser fiéis à doutrina, renunciando ao mundo, que consideravam perturbador e às suas insinuações que tinham em conta de tentações da carne, estimulando as fugas das ambições tormentosas, das paixões asselvajadas.

Multiplicaram-se os lugares para a distância aos enfrentamentos humanos, onde são propostas as batalhas pelo auto aprimoramento e pela iluminação interior.

O século, representando as necessidades das massas infelizes, oprimidas e necessitadas, deveria servir de oficina enriquecedora de experiências para a aquisição das virtudes essenciais, ao invés de perigoso campo minado pelo Tentador e seus asseclas.

Como era inevitável, a existência contemplativa e ociosa, por mais que se apresentasse de início atraente e bela, terminava por produzir o estado de akedia ou acídia, ou marasmo, ou inutilidade, com a descoberta da perda de sentido psicológico, de objetivo, gerando sofrimentos insuportáveis.

Qual ocorre com todas as vidas que passam por crises existenciais em determinados períodos, quando o indivíduo faz uma avaliação do que realizou e nada encontra de positivo, sente-se incompleto, insatisfeito, por considerar que foram quase inúteis os seus dias.

A akedia passou a significar-lhe esse estado melancólico, depressivo, que se fixava em forma de evasão da realidade e reação a ela com o decorrente sentimento de animosidade contra os demais membros da comunidade no monacato onde buscava refúgio.

O ser humano existe para fomentar e acompanhar o desenvolvimento intelecto-moral, a conquista do infinito e jamais para a paralisia.

O corpo é concedido ao Espírito para a ação, a multiplicação e preservação das suas forças e possibilidades, nunca, porém, para a inutilidade.

A mente não pode parar de pensar, de enfrentar a multiplicidade de ideias que seleciona e desenvolve como expressão da inteligência.

A monotonia mântica e a das jaculatórias normalmente produzem um estado orgânico e psicológico de apatia, de distanciamento da ação, empurrando o ser para a incompletude.

Esse fenômeno passou a ser denominado como o demônio-do-meio-dia, pela forma como se apossa do indivíduo, e, naquela ocasião, dos religiosos, especialmente.

A ignorância medieval aliada à astúcia de alguns teólogos inescrupulosos, que adulteraram as lições de Jesus adaptando-as aos seus interesses inconfessáveis, como reação decretou que se tratava essa acídia, de verdadeiro pecado mortal, por ser de inspiração demoníaca, objetivando arrancar as almas que aspiravam ao Céu pela negação do mundo para os abismos infernais.

Por efeito danoso, a deserção dos claustros, a loucura e o suicídio infelicitaram aqueles Espíritos enganados, que se permitiram a estranha conduta distante dos desafios propostos por Jesus que os viveu e venceu com estoicismo e valor.

O mundo, em si mesmo, não é mau nem é bom, senão conforme aqueles que o habitam e que dele fazem o que lhes é próprio.

A doutrina do Rabi galileu é uma proposta renovadora de valores firmada numa filosofia existencial de amor e de perdão, de caridade e de misericórdia, por cuja conduta alteram-se as sombrias paisagens morais ensejando harmonia e plenitude.

Sem dúvida, naquelas mentes vazias, os demônios das paixões mal administradas, das necessidades biológicas à força submetidas, dos conflitos psicológicos mal disfarçados, constituíam um séquito semelhante à Legião, a horda que atormentava o obsesso gadateno.

Diferindo daqueles seres espirituais que afligiam o infeliz, esses demônios da acídia, eram internos, viviam homiziados no âmago dos seres que preferiam ignorá-los, tornando-os mais combativos e, portanto, permitindo-lhes as vitórias sobre os esforços dispendidos.

A função da reencarnação é a de propiciar ao Espírito depurar-se das mazelas que o impedem de avançar no rumo da Grande Luz, de trabalhar-se, lapidando as arestas morais que permanecem desde o passado no seu processo de evolução.

Serve-se a Deus, ajudando-se o ser humano a ser feliz e ajudando-se a si mesmo a encontrar a harmonia entre o ser que se apresenta e aquele que se é, o de natureza interior.

Jesus é sempre o exemplo em todos os Seus passos, jamais se permitindo a inutilidade, a fuga da realidade e da responsabilidade.

Quando buscou o deserto, antes do ministério, para orar e jejuar, fê-lo por um breve período preparatório para a incomparável saga da Sua entrega de amor a todas as criaturas.

Não há, portanto, como conciliar a ação do Evangelho libertador com a inútil existência monacal ou a fuga para regiões distantes da comunhão com os demais seres humanos.

Essa tarefa grandiosa, elucida e desenvolve-a o Espiritismo, conclamando o ser humano à auto iluminação e à libertação da ignorância generalizada, mediante o trabalho eficaz, o conhecimento que decifra os enigmas existenciais e a caridade que dignifica e proporciona a paz entre todos.

9 DE OUTUBRO DE 1861

O outono chegara com ventos frios que sopravam em várias direções. A imensa esplanada da cidadela de Barcelona destacava-se no casario catalão com a sua imensa fortaleza, no elegante bairro de La Ribera, em forma pentagonal, rodeada de fossos com pontes levadiças e a área destinada à execução dos criminosos condenados à vergonhosa pena capital.

A soberba religiosa desfilava em ridícula procissão que fora autorizada pelo bispo Don Palau y Termens, para a pública e medieval condenação ao Espiritismo, através do ridículo auto-de-fé...

Eram dez e meia da manhã, quando um padre com as vestes sacerdotais, trazendo a cruz numa das mãos e a tocha na outra, aproximou-a dos 300 livros e opúsculos que falavam sobre a Doutrina Espírita, que se encontravam empilhados, para que ardessem, ante a impossibilidade de queimar-se os seus autores.

A sinistra procissão, além do sacerdote, compunha-se "de um notário que se encarregava de redigir a ata do auto-de-fé, um escrevente, auxiliar do notário, um empregado superior da administração da alfândega, três moços (serventes) da alfândega, encarregados de manter o fogo, um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo".

A multidão estupefata acompanhou a ação macabra da inquisição decadente e, quando se afastou o cortejo fúnebre encarregado da execução, as pessoas atiraram-se sobre as últimas chamas, em tentativa de resgatar alguns pedaços do papel, de modo a tomarem conhecimento do seu conteúdo.

Um aquarelista hábil imortalizou a cena imoral numa tela que enviou ao insigne Codificador do Espiritismo, acompanhada por alguma cinza e páginas não queimadas, que o mestre lionês guardou com infinito carinho.

Aqueles livros haviam sido solicitados por Maurice La-châtre, o nobre escritor e editor francês, que se encontrava exilado naquela cidade, em face de uma condenação imposta pela intolerância do imperador Napoleão III, em decorrência da publicação do seu Dicionário Universal Ilustrado.

Grande admirador de Allan Kardec, mandara pedir as obras espíritas do mestre, bem como de outros autores, a fim de divulgá-las na Catalunha, região nobre e culta da Espanha, ainda mergulhada nas trevas da dominação religiosa.

Ao chegarem à alfândega foram inspecionadas, sendo cobradas as taxas legais ao seu destinatário. Quando se esperava que fossem liberadas, aguardando-se o consentimento do bispo de Barcelona Don Antônio Palau y Termens, que se encontrava fora da cidade, ocorreu o inesperado.

Ao ser-lhe apresentados alguns exemplares, de imediato, sem uma leitura sensata e honesta, o soberbo príncipe da Igreja Católica logo declarou que eram imorais e contrárias à fé católica, condenando-as às labaredas.

Inutilmente o destinatário procurou os meios legais para impedir o crime, não conseguindo êxito.

Por sua vez, Allan Kardec constatou que o ato inglório levantava grave questão de direito internacional, considerando que tudo fora realizado dentro das exigências legais, sendo, porém, aconselhado pelos Espíritos a que nada fizesse, porquanto o ato ignominioso iria realizar uma propaganda favorável ao Espiritismo como não se conseguiria de outra forma.

Aquele seria um dos últimos autos-de-fé na Espanha, que despertava lentamente para a liberdade de pensamento e de ação, seguindo a um anterior na cidade de La Coruna, onde foram queimadas numerosas obras outras, causando revolta nas pessoas sensatas.

Barcelona, era, então, a capital da Catalunha, culta e liberal, onde as ideias se renovavam e o progresso desenvolvia-se em clima de entusiasmo, causando surpresa a decisão infeliz do intolerante religioso.

Realmente, o ato hediondo resultaria em grande propaganda para o Espiritismo, porque os jornais de Barcelona, Madri e Paris, não apenas comentaram a ocorrência infame, mas também apresentaram considerações, demonstrando que já não mais se viviam os dias terríveis da Idade Média e da dominação clerical.

O futuro demonstraria que, na mesma Barcelona, o Espiritismo floresceria de maneira incomum, graças aos missionários espirituais que ali se encontravam na indumentária carnal de José Maria Fernández Colavida, mais tarde denominado o Kardec espanhol, que traduziu, posteriormente, as obras da Codificação ao castelhano, Amalia Domingo Soler, Manuel González Soriano, José Amigo y Pelicer, Antônio Torres-Solanot y Casas, Miguel Vives e outros investigadores e médiuns admiráveis que desenvolveram a mensagem, ampliando-a por toda a Espanha.

Como são inexoráveis as Divinas Leis, menos de um ano após o hediondo crime, desencarnou Don Palau, que logo depois se comunicou na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, aquiescendo em responder as questões que se lhe desejassem formular, concluindo, emocionado, por dizer: Orai por mim; orai, porque é agradável a Deus a oração que a Ele dirige o perseguido a bem do perseguidor. O que foi bispo e que agora mais não é do que um penitente.

A triste cidadela, onde tantos crimes ocorreram, especialmente os que se davam na terrível Torre de Santa Clara, onde eram assassinados vilmente os condenados, graças aos anseios de liberdade dos catalães, asfixiados ou massacrados por Filipe V, que também não pôde fugir à morte, teve os seus dias contados, quando o povo solicitou ao governo, em 1869, que fosse destruída e transformada em jardins, lugares aprazíveis, um imenso parque, hoje glorioso, que em nada faz recordar os dias tormentosos que ficaram no passado.

A intolerância de qualquer natureza é sempre manifestação de primitivismo e atraso moral das criaturas humanas.

O Espiritismo, apesar de todos os desafios e dificuldades, vem desempenhando o seu grandioso papel na construção da sociedade feliz e nobre do futuro, fincando as bases da era do amor nos corações e nas mentes, avançando com a Ciência e a Tecnologia nos rumos do futuro ditoso para a Humanidade.

Jamais se calarão os Espíritos, conforme aconteceu nas páginas tristes e dolorosas da História, quando foram assassinados os médiuns que lhes ofereciam a instrumentalidade para a mensagem de amor imortal.

Ninguém pode deter a marcha do progresso que é infinito.

Calam-se pessoas, mas nunca se matam ideias, que somente podem ser combatidas com outras mais profundas e melhores, jamais com o preconceito, a perseguição, impondo o silêncio pela morte dos idealistas.

Transcorridos cento e quarenta e sete anos do dia inolvidável, o Espiritismo triunfa sobre o mal e conduz milhões de vidas no rumo da verdade.

09 de outubro de 1861! Auto-de-fé em Barcelona! Nunca mais ocorrerá.

Que os espíritas compreendam que o perigo já não vem de fora, que as perseguições e crimes não ocorrerão como naqueles dias, mas que estejam vigilantes nas suas fileiras, a fim de que o escalracho não medre junto à erva boa, a fim de que, ao ser arrancado, não venha a danificar a sementeira de luz!

Os testemunhos atuais são diferentes, não mais decorrentes de perseguições externas, embora ainda remanesçam em muitos segmentos religiosos e científicos a intolerância e a presunção, mas nas atividades do movimento, no imo dos corações, em amor e fidelidade a Jesus e a Kardec, o Seu embaixador irretocável.

Retornamos ao tema já abordado em páginas anteriores, considerando a sua magnitude e permanente atualidade. Nota do autor espiritual

INVERSÃO DE VALORES

Durante o solstício de inverno na Roma paga, período que abrange os dias 17 a 23 de dezembro, celebravam-se as Saturnais, também denominadas como "festas dos escravos", em razão de ser-lhes concedidas oportunidades de prazeres, aumento da quota de alimentos, diminuição dos trabalhos a que se encontravam submetidos, especialmente nos campos...

Homenageando-se o deus Saturno, os participantes entregavam-se aos mais diversos abusos, especialmente na área da sensualidade, da falta de compromissos morais, assemelhando-se às bacanais...

Quando o Cristianismo primitivo passou a dominar as mentes e os corações do Império, aqueles afeiçoados a Jesus, desejando apagar a nódoa moral que vinha do paganismo e permanecia atormentando a cultura vigente, transferiram a data do Seu nascimento para aquele período aproximadamente, destacando-se o dia 25 de dezembro para as celebrações festivas.

Havendo nascido o Mestre de Nazaré entre 6 e 8 de abril, segundo os mais precisos cálculos dos estudiosos do Cristianismo contemporâneo, o alto significado da ocorrência, pensavam então, teria força suficiente para apagar as lembranças dos abusos praticados até aquela ocasião.

O ser humano, nada obstante, mais facilmente vinculado às paixões primitivas, lentamente foi transformando a data evocativa da estrebaria de palha que se transformou numa constelação de estrelas, a fim de dar expansão aos sentimentos desequilibrados, assim atendendo às necessidades das fugas psicológicas, em culto externo de fantasia e de prazer.

Posteriormente, São Francisco de Assis, símile de Jesus pelo seu inefável amor e entrega total da vida, desejou recompor a ocorrência natalina, e realizou o seu primeiro presépio, a fim de que o mundanismo não destruísse a simplicidade da ocorrência, apresentando o evento sublime na forma ingênua das suas emoções.

Durante alguns séculos preservou-se a evocação do berço dentro das modestas concepções do Cantor de Deus.

À medida que a cultura espraiou-se e as modernas técnicas de comunicação ampliaram os horizontes das informações, as doutrinas de mercado, assinaladas pelas ambições de compras e vendas, de extravagâncias e de presentes, de sedução pelo exterior em detrimento do significado interno dos valores, propuseram novos paradigmas para as comemorações do Natal.

Na atualidade aturdida dos sentimentos, a figura de Jesus lentamente desaparece da paisagem do Seu nascimento, substituída pelo simpático e gorducho velhinho nórdico europeu, Papai Noel, e o seu trenó entulhado de brinquedos para as crianças e os adultos que se entregam totalmente à alucinação festiva, distante da mensagem real do Nascimento.

Atualizando-se no ocidente e, praticamente no mundo todo, as doces lendas sobre São Nicolau, eis que também a árvore colorida vem substituindo o presépio humilde nascido na Umbria, e outro tipo de saturnália toma conta da sociedade, agora denominada cristã...

Matanças de animais, excesso de bebidas alcoólicas, festas exageradas, extravagâncias de todo porte, troca de presentes, abuso de promessas e ânsias de prazeres tomam lugar nas evocações anuais, com um quase total esquecimento do aniversariante.

A preocupação com a aparência, os jogos dominantes dos relacionamentos sociais e o exibicionismo em torno dos valores externos aturdem os indivíduos que se atiram à luxúria e ao desperdício, tendo como pretexto Jesus de maneira idêntica ao culto oferecido a Saturno.

Propositalmente, os adversários da ética-moral proposta pelo Mestre procuram apagar a Sua lembrança nas mentes e nos corações, em tentativas covardes e contínuas de transformá-lo em mais um mito que se perde na escura noite do inconsciente coletivo da Humanidade.

Distraídos em torno da ocorrência perversa, pastores e guias do rebanho confundido deixam-se também arrastar pela corrente da banalidade, engrossando as fileiras dos celebradores do prazer e da anarquia.

E certo que Jesus não necessita que se Lhe celebrem as datas de nascimento nem de morte, mas deseja que se vivam as lições de que se fez o Mensageiro por excelência, propondo novos conceitos e comportamentos em torno da felicidade e da responsabilidade existencial, tendo em vista a imortalidade na qual todos nos encontramos mergulhados.

Nada obstante, é de causar preocupação o desvio, a inversão de valores que se observam nas evocações festivas e na conduta dos celebradores, muito mais preocupados com o gozo e com o despautério do que com os conteúdos memoráveis dos ensinamentos por Ele preconizados e vividos.

Por compreender as fraquezas morais do ser humano, Jesus entendia, desde então, tais ocorrências que hoje acontecem, as adulterações que se produziram nos Seus ensinamentos, e diante da indiferença que tomara conta daqueles que O deveriam testemunhar, foi peremptório ao afirmar: — Quando eles (os Seus discípulos) se calarem as pedras falarão...

Concretizou-se o Seu enunciado profético, porque, nestes dias tumultuosos, nos quais não se dispõe de tempo, senão para alguns deveres de trabalho que proporcione compensações imediatas, o silêncio das sepulturas quebrou-se e as vozes da imortalidade em grande concerto vêm proclamar e restaurar a mensagem de vida imperecível, despertando os adormecidos para a lucidez e a atualização da conduta nos padrões elevados do Bem.

Não mais os intérpretes que adaptam os ensinamentos às suas próprias necessidades, distantes do compromisso com a verdade; que se deixam dominar por excessos de zelos desnecessários, transferindo os seus conflitos para os comportamentos que os demais devem vivenciar; que se refugiam nos arraiais da fé, não por sentimentos elevados, mas procurando ocultar os dramas íntimos nos quais estertoram...

As vozes dos Céus, destituídas dos ornamentos materiais e das falsas necessidades do convívio social, instauram a Nova Era, trabalhando pelo ressurgimento das lições inconfundíveis do amor, conforme Ele as enunciou e viveu até o holocausto final...

O Seu Natal é um momento de reflexão, convidando as criaturas humanas a considerar a Sua renúncia, deixando, por momentos, o sôlio do Altíssimo para percorrer os caminhos ásperos da sociedade daquele tempo, amando infatigavelmente e ensinando com paciência incomum, de modo a instalar na rocha dos corações os alicerces do Reino de Deus que nunca serão demolidos.

Assim sendo, embora a inversão de valores em torno de Jesus e de Sua doutrina que se observa nas leiras do Cristianismo, nas suas mais variadas denominações, nenhuma força provinda da insensatez conseguirá diminuir a intensidade de que se revestem, por serem os caminhos únicos e de segurança para que a criatura, individualmente, e a sociedade em conjunto alcancem a plenitude a que aspiram mesmo sem o saber.

CRISES PERTURBADORAS

Do ponto de vista econômico, crise, do grego *krisis*, representa um ponto de transição entre um período de prosperidade e outro de depressão, conforme o dicionário Aurélio.

A sociedade contemporânea atravessa neste momento uma grande crise econômica, responsável por graves consequências sociais e comportamentais, quando os governos das nações, alguns deles, excessivamente otimistas, investiram no futuro sem cuidar do presente, favorecendo o abuso de gastos pelas pessoas desprevenidas, na expectativa de ganhos absurdos, que trabalharam para a queda dos valores nas bolsas e nas instituições bancárias.

As soluções apresentadas até o momento, todas paliativas, ainda não conseguiram afastar o fantasma da depressão e do colapso generalizado, que se tornam realidade a cada dia, em face das instituições que vêm falindo com terrível efeito dominó...

Os países ricos e poderosos, que se reuniam em Davos, na Suíça, para estabelecer programas e diretrizes financeiras para o controle da economia mundial, em supremacia, encontram-se esfacelados e tementos de uma nova quebra, qual sucedeu nos Estados Unidos da América do Norte, no ano de 1929...

Os terríveis danos que se prolongaram por mais de uma década, a partir daquela data, foram responsáveis pelo desemprego, pelo aumento da criminalidade, pelos suicídios e transtornos emocionais de milhões de indivíduos...

Muito parecidos são estes problemáticos dias de ascensão e queda nas bolsas internacionais, exigindo medidas de emergência dos governos, especialmente no que diz respeito à redução de gastos, ao enxugamento das máquinas administrativas, aos milhões de pessoas úteis e operosas desempregadas, que se deparam em surpreendente situação, marchando a passo rápido para o desespero...

Trata-se, indubitavelmente, de um grande descompasso econômico, entretanto, convenhamos, de natureza moral, que é a causa central de todos esses fenômenos perturbadores que agitam os mercados e levam ao absurdo da exploração dos seus recursos.

Compreendessem, as criaturas humanas, especialmente as portadoras de grandes fortunas, qual a missão do homem inteligente no mundo, e essas ocorrências lamentáveis não aconteceriam, em razão de entenderem a transitoriedade da vida física e o significado do que é a real propriedade dos recursos econômicos, das moedas, dos títulos de que são usuários, jamais detentores, porque, de um para outro momento mudam de mãos, diluem-se e defraudam os seus equivocados possuidores...

Tal crise atual, no entanto, não é exclusiva da área financeira.

Vemo-la em todos os setores da Terra, desde os infelizes comportamentos da destruição das florestas - os nobres pulmões do planeta - do desaparecimento de espécimes vegetais e animais, do progressivo aquecimento do orbe, expressando-se também nos disparates de conduta, no desrespeito às leis constituídas, nos compromissos éticos, assim como nos de natureza cultural, social e espiritual...

A perda do respeito pela vida constitui um dos mais graves comportamentos da atualidade materialista da sociedade que, não obstante, vincula-se convenientemente a diversas denominações religiosas, seja no oriente como no ocidente.

Os cultos externos de todas essas doutrinas apresentam-se pomposos, exibindo o poder dos seus líderes, estimulando milhões de adeptos a visitar os lugares santos, a fim de conseguir a salvação espiritual, embora nutram-se de ódio e de terrorismo, ameaçando as populações civis, vitimadas por atos portadores de crueldade inimaginável.

Sucedem-se as revoluções idealistas e oportunistas, as guerras prosseguem ceifando vidas, a violência urbana cresce assustadoramente, e as multidões, que caminham a esmo, sem diretriz, enlouquecem lentamente ou são tomadas de surtos que poderiam ser evitados, caso vigessem a justiça social, o respeito pelos direitos humanos, à compaixão.

Onde se encontram as diretrizes ministradas por todos os criadores de doutrinas religiosas, cujos fundamentos são a crença em Deus, o amor ao próximo, não somente da sua grei, a solidariedade, a construção do bem?...

De referência ao Cristianismo, não tem sido diferente a conduta dos que afirmam vincular-se ao pensamento de Jesus, pertencentes às religiões majoritárias, porquanto o seu comportamento é idêntico ao dos outros credos: predomínio do egoísmo, disputas vãs, combates inglórios em busca da projeção da imagem, lutas intestinas no lar, no local de trabalho, nas ruas...

Tudo resultando em conflitos emocionais e avassaladores, que transformam o planeta em um grande hospital, quando poderia prosseguir na sua condição de escola de bênçãos.

Compreende-se, porém, esse fenômeno, tendo-se em vista a grande transição de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração, que se vem operando, conforme anunciado desde os dias em que Jesus esteve na Terra pregando e vivendo as boas novas.

Este período, no entanto, de seleção natural entre as ovelhas e os bodes, o que equivale dizer, da eleição dos bons pelos seus próprios atos em relação àqueles que preferem as condutas extravagantes e doentias, oportuniza a manifestação e retorno à vivência dos valores dignificantes e dos comportamentos saudáveis que ficaram no passado.

Aos espiritistas, porém, na sua condição de cristãos novos, cabe a inabordável tarefa de restaurar o pensamento de Jesus, relacionando-o com as conquistas valiosas do conhecimento científico e tecnológico do momento, de forma que seja elaborada uma ética-moral perfeitamente compatível com as leis de amor, que são de sabor eterno.

Apesar de todos os espíritas estarem conscientes das responsabilidades que lhes dizem respeito, não poucos tombam nas armadilhas bem-elaboradas pelo egoísmo e pela crueldade, dando lugar a conflitos nos grupos, às disputas infantis pelos cargos com total olvido pelos encargos relevantes, trabalhados em acusações recíprocas, sem o menor respeito pela intimidade do seu próximo.

Assemelhando-se aos adeptos de outras doutrinas, que têm como superadas e incapazes de iluminar as consciências, não têm sabido enfrentar os desafios evolutivos, as dificuldades no crescimento intelecto-moral, os problemas nos relacionamentos humanos, ensinando como bem conduzir-se, ao tempo que se permitem demonstrar que as suas informações não passam de teorias muito boas para os outros e insuficientes para os tornar fiéis a si mesmos e aos compromissos abraçados.

Olvidam-se que, em tais cometimentos, os Espíritos infelizes que se comprazem em perturbar e estimular os ódios e as dissensões, deles se utilizam para darem curso aos seus objetivos nefastos, desejando retardar a marcha do progresso.

Ninguém, força alguma, porém, pode impedir o desenvolvimento moral e intelectual da sociedade, porque esta é a fatalidade da evolução estabelecida pelo Senhor da Vida.

Conscientize-se o adepto do Espiritismo da sua tarefa no conjunto e viva de acordo com os paradigmas doutrinários, superando-se, a cada dia, trabalhando pela iluminação interior, produzindo para o bem de todos, crescendo moralmente conforme as propostas da doutrina, deixando as heranças torpes no passado, como estruturas que facultaram o aprendizado que ora se transforma em compreensão da vida e contribuição para os relevantes significados existenciais.

Dias graves estes que se vivem no planeta formoso, que se podem transformar em dores superlativas ou em bênçãos iluminativas e libertadoras.

Cada qual, por intermédio da sua eleição de conduta, estabelecerá quais os caminhos a percorrer, evitando as crises ou demorando-se nelas até o momento da libertação real...

DECADÊNCIA DA ÉTICA

Analisando-se a situação sócio espiritual do planeta na atualidade, não há como negar-se a presença da destrutiva onda de pessimismo e utilitarismo que domina as criaturas humanas em toda parte.

Apoiados no niilismo, embora os comportamentos rotulados de religiosos de alguns dos seus segmentos sociais, o cinismo das pessoas e a decadência da ética dão-nos a dimensão do desespero que avassala as mentes e os corações atormentados.

Em consequência, a violência e o despautério, a droga-dição e o erotismo substituem as aspirações de enobrecimento dos seres, como mecanismos escapistas para preencher o vazio existencial e o desencanto que se apossaram do século XX que se desenhava com perspectivas iluministas, libertadoras, ricas de anseios de felicidade e de beleza.

A amargura toma conta dos indivíduos que se sentem coisificados, enquanto a revolta arma as multidões desvairadas que se levantam contra os abusos do poder, as injustiças sociais, os desregramentos dos dominadores, a desonestidade dos legisladores que perderam o respeito moral, a liberdade e o direito de viver com o mínimo de honorabilidade que seja...

Pode-se afirmar que a aparente calma que ainda paira sobre algumas nações não esconde os paióis de explosivos prestes a deflagar o estouro prenunciador das tragédias que produz.

Não se trata, porém, de uma ocorrência inesperada, quando se observam as suas raízes plantadas no fim do século XVIII, por ocasião da Revolução Francesa, quando a tirania substituiu os ideais dos filósofos da liberdade, instaurando os dias do terror.

Em desesperada tentativa de manter a ordem na França, Robespierre, chamado O incorruptível, que lutara pelos ideais da fraternidade, da liberdade e da igualdade, não teve forças morais para resistir às pressões do desespero das massas e de outros pensadores, mantendo a guilhotina a funcionar sem trégua, a ponto de tornar-se ultrajante ditador e sanguinário. Vítima de um golpe dos seus adversários da Convenção, foi preso e também guilhotinado.

Nesse período difícil a morte de Deus foi anunciada, e a revolta retirou os vestígios da Sua presença no país, inclusive mudando os nomes de ruas, boulevards e praças que os tivessem de santos ou denominações religiosas, assim como os objetos de culto das igrejas, tentando apagar a lembrança da fé e da crença espiritual no território francês.

Logo depois, com o retorno de Deus através da Concordata de 1802, firmada por Napoleão Bonaparte com o Vaticano, permaneceram os ódios e resquícios do período de revolta e de perseguições inclementes, dando lugar a um amortecimento ético dos sentimentos.

O Iluminismo em declínio favoreceu o Positivismo em ascensão, enquanto as ideias pessimistas e destrutivas de Arthur Schopenhauer espalhavam-se por toda parte, proclamando a desnecessidade de Deus e de qualquer formulação religiosa no comportamento humano.

À medida que o materialismo tomava conta da cultura, a amargura doentia de Friedrich Nietzsche passou a comandar as mentes e os corações desesperados, amparados no cepticismo científico das academias que asseverava ser a alma uma sudorese cerebral que desaparecia com a morte do encéfalo. Nessa paisagem de morbidez e desencanto, o ateísmo tornou-se a diretriz comportamental dos indivíduos, que logo depois se atiraram à guerra perversa de 1869/1870, que ressurgiu entre 1914/1918 e retornou calamitosa entre 1939/1945, com as mais inacreditáveis cargas de ódio e destruição de que a história tem notícia.

Muito contribuíram para essa tragédia as ideias do Su-per-homem do referido Nietzsche e o pensamento de Heidegger, que muito influenciou o surgimento do Nazismo, partido ao qual ele se filiou por algum tempo, embora rompendo depois, quando da perseguição aos professores judeus da Universidade de Freiburg, onde era reitor...

A ética do mais forte substituiu a dos direitos humanos e da dignidade, em face da aristocracia do poder totalitário e insano de alguns governantes...

Heidegger influenciou filosoficamente Jean Paul Sartre com o seu pensamento sobre o ser, servindo de inspiração para o existencialismo e total desinteresse pelos valores ético-morais que conduziram a civilização ao longo dos séculos.

Viver agora e fruir ao máximo, não poucas vezes sem qualquer respeito pelos direitos dos outros, cultivar o prazer até a exaustão, passaram a ser os comportamentos aceitos e divulgados como recurso valioso para a preservação da vida e das experiências de alegria e de bem-estar.

Lamentavelmente as religiões ortodoxas, incapazes de oferecer resistência filosófica e ética aos absurdos da nova ordem, por se manterem fiéis aos programas medievais totalmente ultrapassados, foram desprezadas e consideradas responsáveis pela miserabilidade do ser humano, pelos seus desaires, pelas suas amarguras.

Carregado pelas heranças teológicas do pecado e da culpa, o ser humano rompeu com as tradições enganosas e preferiu arrostar as consequências da sua liberdade, derrapando na libertinagem.

Sucede que, toda vez quando se arrebetam as algemas da escravidão de qualquer tipo, a ânsia de liberdade é tão grande que, por desconhecimento dos seus limites, aquele que aspira a ela tomba nos resvaladouros da irresponsabilidade, da agressividade aos direitos alheios, do abuso desrespeitoso...

Assim ocorrendo, desaparece a ética da conduta para apresentar-se o direito de exceção, colocando-se o indivíduo acima da lei, da ordem e de qualquer restrição.

Os avanços da ciência demitizando algumas das informações e dogmas religiosos, os milagres de Jesus que passaram a ser observados do ponto de vista das doutrinas psicológicas e parapsicológicas, reduziram a cultura ao materialismo, desde 1857 quando Charles Darwin, através do Evolucionismo, aplicou o golpe de misericórdia no mitológico Criacionismo bíblico, servindo de suporte para a vitalização do ateísmo...

A contribuição da tecnologia alargando e aproximando os espaços e as distâncias, facultando a demonstração dos postulados científicos através das experiências dos fatos foi fundamental para a indiferença humana pelos códigos de dignidade e de valorização da própria vida.

O século XX, portanto, herdeiro da revolução filosófico-científica do passado, rapidamente aceitou o novo comportamento que se consolidou durante a revolução hippieísta dos anos 60, quando se deram as grandes mudanças de conduta e as tradições nobres como a família, o casamento, a dignidade, a ordem passaram a ser instituições ultrapassadas.

Irrompendo em avalanche avassaladora, tomou conta da juventude que se sentia castrada pela intolerância e pelo poder dominador, passando a constituir um novo mundo, um modo diferente de vida...

O aborto, a eutanásia, o suicídio, a agressividade passaram a ser éticos na linguagem nova, que iria culminar nos homens e mulheres-bombas, nos atentados terroristas, no crime organizado, na violência urbana, no alcoolismo exacerbado, no tabagismo, na drogadição e no sexo destituído de qualquer sentido moral e afetivo.

Dando-se largas aos instintos primários, o nadaísmo estimulando o erotismo, coisificou os seres humanos que passaram a vender-se no mercado da luxúria sem qualquer pudor, sob o disfarce de experiências artísticas, desde que economicamente rentáveis.

Nesse comércio hediondo em que pouquíssimos logram alcançar os patamares elevados, multidões de jovens inexperientes são devoradas pelas manas que o administram, passando os tratores da indiferença sobre os corpos e as almas mutilados daqueles que ficaram vencidos durante as tentativas iniciais.

Inevitavelmente, houve uma total decadência ética da cultura e da civilização, que passaram a adorar os novos deuses do prazer e do engodo, da utopia e da mentira, embora vivendo-se o vazio existencial que leva à depressão e ao suicídio.

Nada obstante, nesse ínterim, surgiu o Espiritismo em 1857, revitalizando a ética moral baseada nas lições insuperáveis de Jesus, que foram corrompidas pelas ambições e conchavos humanos através dos séculos, desde o dia em que se uniram ao Império romano, passando de perseguidas a perseguidoras.

Com a revelação dos imortais, a vida passou a ter sentido profundo e significado psicológico indiscutível, como decorrência da proposta filosófica erguida pelos pilotes dos fatos demonstrativos da imortalidade da alma, da vida futura, da Justiça Divina e da Lei de Causa e Efeito, responsável por todos os fenômenos humanos.

A partir de então, embora lentamente, vem restaurada a proposta do amor como a fonte inexaurível para a felicidade, em razão dos seus conteúdos otimistas e realistas, que dignificam a espécie humana, proporcionando-lhe os necessários estímulos para desenvolver-se e atingir as culminâncias da iluminação pessoal.

A falência do novo comportamento niilista encontra-se em toda parte, porque a sua doutrina enganou os seus adoradores, conduzindo-os às aflições superlativas e às angústias dantes jamais vivenciadas.

Aturdidas, essas multidões decepcionadas e sem rumo, buscam, mesmo sem o saber, retornar às origens do bem e da alegria, ao encontro da pureza de sentimentos e de convivência nobre, sentindo falta da fraternidade que deve sempre vigor entre os seres humanos, sequiosas de paz e de esperança.

Ninguém pode viver em equilíbrio sem a bênção confortadora da esperança que abre perspectivas formosas para o futuro.

O Espiritismo, portanto, possuindo os paradigmas que foram deixados para trás pelo anarquismo e cepticismo, apresenta-os como propostas que levam à ética do dever e da harmonia, propiciando ventura.

A crença em Deus, a crença na imortalidade da alma, a crença na comunicabilidade dos Espíritos, a crença na reencarnação, a crença na pluralidade dos mundos habitados e as propostas ético-morais de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que proporciona uma releitura das lições insuperáveis de Jesus, conforme as conhecemos em as narrativas dos evangelistas, são as novas diretrizes para a construção do ser humano feliz e da sociedade ditosa a que todos aspiram.

Não há outra alternativa, exceto a coragem para superar a crise moral que domina praticamente toda a sociedade contemporânea, reflexionando e vivendo a vigorosa ética espírita, que resume as mais grandiosas formulações da ancestral diante das novas necessidades que tomam conta da sociedade.

Revigorada, a ética lentamente ressurgirá e passará a comandar os destinos humanos na direção da paz e da alegria de viver mediante o correto culto dos deveres.

ÉTICA DA FELICIDADE

No seu tratado de Ética a Nicómano, seu filho, Aristóteles afirma que o ser humano foi galardoado por três tipos de bênçãos da vida: as que vêm de fora, as do corpo e as da alma.

Vinte e um séculos quase depois das suas profundas reflexões que serviram de base para a construção da ética ocidental, Arthur Schopenhauer, analisando os valores da vida, mantém as três divisões, porém sob aspecto algo diversificado, como seja: a personalidade, a propriedade e a posição.

Na sua análise, o ilustre filósofo alemão conceitua a personalidade como aquilo que o ser humano é, incluindo a saúde, a educação, o temperamento, as suas conquistas intelectuais, sociais, os tesouros de ordem moral de que se exorna, adquirindo a individualidade, aquilo que permanece, embora se alterem as circunstâncias existenciais.

A personalidade desenvolve-se no ser humano cada vez mais graças aos recursos da vontade e da aplicação do esforço interior para qualificar-se, autorrealizando-se e fruindo bem-estar em razão das conquistas que incorpora à própria conduta.

A propriedade constitui o fruto das aquisições externas que se consegue amealhar em decorrência das necessidades aparentes para o triunfo material.

Nada obstante, o acúmulo de bens e de tesouros vários, embora proporcione conforto e destaque na comunidade, não consegue impedir o surgimento dos conflitos geradores do tédio e da dor, na sua opinião, grandes adversários da felicidade.

O que se possui é externo e passa de mãos, transferindo-se de um para outro possuidor, normalmente deixando uma certa frustração naquele que detinha a posse. Isto porque, o que se possui não satisfaz plenamente, induzindo a ambições descabidas e tormentosas, em forma de sede insaciável de querer-se mais.

Na atualidade, os jogos das bolsas de valores e os seus pregões, as variações do câmbio e as alterações do mercado, as disputas empresariais e a oscilação dos preços das ações geram ansiedade e medo, normalmente afligindo os endinheirados e possuidores de grandes empreendimentos. Por um momento encontram-se no topo da fortuna, e, logo depois, trocam de lugar, em decorrência das mudanças impostas pelos interesses e pressões nacionais e internacionais...

Sob outro aspecto, a facilidade para desfrutarem o prazer até a exaustão e a luxúria até o entorpecimento das sensações abre espaços emocionais para o desinteresse pela vida que se transforma em vazio existencial.

As incertezas a respeito da preservação dos recursos acumulados induzem a comportamentos alienantes, quais a desconfiança nos relacionamentos, a dificuldade para as resoluções afetivas e a perda da identidade, passando a crer que as demais pessoas são incapazes de dedicar-lhes amor, pelo contrário, antes mantendo interesses subalternos voltados para as suas posses...

Certamente, seguindo a linha de pensamento do filósofo de Dantzig, um mendigo saudável é muito mais feliz do que um monarca poderoso e enfermo...

Espiritismo e Vida

De alguma forma, esse jogo de interesses, para Schopenhauer, proporciona uma visão especial a respeito da vida que se transforma num teatro, no qual as criaturas se convertem em atores desempenhando papéis transitórios, todos, no entanto, iguais na sua essência.

Esse comportamento induz a uma desvalorização do subjetivo em relação ao objetivo, no qual se colocam os interesses existenciais, sem que se dêem conta aqueles que assim procedem, da relatividade desses últimos, que se fixam na insegurança emocional dos seus proprietários que se lhes imantam, deixando de experimentar outros extraordinários significados que a vida oferece a todos quantos com eles se identificam.

A posição diz respeito à maneira como cada pessoa se coloca em relação à consideração que espera receber dos outros, no grupo social onde se movimenta, sempre preocupado com a opinião externa em torno de si, defluente da honorabilidade como é tratado e da respeitabilidade que goza ou não a sua fama.

Filha da insensatez presunçosa, a posição torna-se uma ambição desregrada para cultivar-se e preservar-se a imagem, a aparência exclusivamente.

Atormentam-se essas criaturas que assim se comportam, sofrendo enquanto não alcançam os patamares das situações de relevo, e, mesmo quando os conseguem, ainda permanecem sob os camartelos da angústia, chegando à promoção de escândalos de modo a serem motivo de comentários, permanecendo no topo das opiniões divergentes na mídia terrestre.

Gostariam de estar sempre bem vistas, de receberem a bajulação dourada e mentirosa, de chamarem a atenção, embora no íntimo reconheçam que todo esse teatro não passa de uma comédia ridícula e cansativa.

São-lhes de alta magnitude essas situações que as evidenciam, destacando-as na comunidade humana, inflando-as de orgulho vazio, porque responsáveis pela exteriorização, lutando sempre para disfarçarem os conflitos nos quais se debatem.

A honra, ou aquilo que consideram como tal, deve ser conquistada, impondo superioridade e proporcionando comportamentos, às vezes, esdrúxulos, pela preocupação incessante de parecerem ante a impossibilidade de serem realmente honoráveis.

Esse tipo de valor, que deflui das conquistas ético-morais equivocadas, nessa luta vã em que se procura aparentar felicidade sem a harmonia de ser ditoso, proporciona a postura mentirosa em decorrência da qual firmam-se conchavos indignos, elaboram-se leis inqualificáveis, negociam-se situações calamitosas, de maneira que fiquem escamoteados os crimes e os deslizos morais e comportamentais, enquanto a máscara da farsa mantém-se afivelada à face do indivíduo.

A presunção também se destaca nessa circunstância, intoxicando o seu portador com os vapores que levam às fantasias da superioridade que se atribuem, da existência excepcional que desfrutam, do status que fruem...

Trata-se de glórias assentadas na neblina da ilusão que o sol da realidade dilui, deixando suas vítimas desnudas enfrentando a própria consciência.

Felizmente, Schopenhauer destaca o primeiro requisito como fundamental para a construção da ética da felicidade, que seriam as aquisições internas da personalidade, as que dignificam e tranquilizam o indivíduo, proporcionando-lhe contínuo bem-estar.

A visão espírita em torno da ética para a conquista da felicidade ilumina o conceito de Aristóteles, no que diz respeito às dádivas da alma, em razão da sua imortalidade, assim como completa a classificação de Schopenhauer ao acrescentar a reencarnação, em cujas vivências múltiplas são adquiridos os preciosos tesouros da sabedoria e da iluminação interior.

Através dessas inúmeras experiências evolutivas o Espírito desenvolve os atributos divinos que lhe são inerentes, libertando-se das constringências impostas pelas fases primeiras por onde transitou e desvelando o sol da eterna primavera - a felicidade! - cada vez mais pujante.

Na retaguarda ficam as conquistas de fora — propriedades - por ultrapassadas, logo esquecidas as externas - do corpo, a posição - destituídas de sentido ético, porquanto no curso dos sucessivos renascimentos, o príncipe retorna como pajem, o escravo volve na condição de senhor, o mandatário ressurge em submissão, vivenciando-se personificações múltiplas, cujas contribuições produzem a individualidade real, que é o Espírito em si mesmo.

A ética espírita para a felicidade encontra-se estatuída nas lições incomparáveis do amor que, sem relutância, é o instrumento mais eficaz para a conquista do universo de si mesmo, em razão da harmonia interna que proporciona e da alegria perene de viver no corpo ou fora dele, sempre, porém, na vida, já que se é imortal.

CORAGEM E RESPONSABILIDADE

Quando o ser humano descobre o Espiritismo é tomado por especial alegria de viver, passando a compreender as razões lógicas da sua existência, os mecanismos que trabalham em favor da felicidade, experimentando grande euforia emocional.

Quando o Espiritismo penetra na mente e no sentimento do ser humano, opera-se-lhe uma natural transformação intelectomoral para melhor, propondo-lhe radical alteração no comportamento que enseja a conquista de metas elevadas e libertadoras.

Quando o indivíduo mantém os primeiros contatos com a Doutrina Espírita vê-se diante de um mundo maravilhoso, rico de bênçãos que pretende fruir, deixando-se fascinar pelas propostas iluminativas de que é objeto.

Quando o Espiritismo encontra guarida no indivíduo, logo se lhe despertam os conceitos de responsabilidade, coragem e fidelidade à nova conquista.

Nem todos, porém, alteram a conduta convencional a que se acostumaram. Ao entusiasmo exagerado sucede o convencionalismo do conhecimento sem a sua vivência diária, aguardando recolher conveniências e soluções para os problemas afugentes, sem maior esforço pela transformação moral. Não se afeiçoando ao estudo correto dos postulados espíritas e neles reflexionando, detêm-se nas exterioridades das informações que recolhem, nem sempre verdadeiras, tornando-se apenas beneficiários dos milagres que esperam aconteçam-lhes a partir do momento da sua adesão.

Com o tempo e a frequência às reuniões, acomodam-se ao novo ritualismo da participação sem realizações edificantes, ou entregam-se à parte da assistência social, procurando negociar com Deus o futuro espiritual em razão do bem e da caridade que acreditam estar realizando.

O conhecimento do Espiritismo de forma natural e consciente desperta os valores enobrecidos da responsabilidade e da coragem indispensáveis à existência ditosa.

Todo conhecimento nobre liberta o ser humano da ignorância, apresentando-lhe a realidade desvestida dos formalismos e das ilusões, na sua face mais bela e significativa, por ensejar a conquista dos valores legítimos que devem ser cultivados.

O homem livre da superstição e dos complexos mecanismos da tradição da fé imposta, redescobre-se e exulta por compreender que é o autor de todas as ocorrências que lhe sucedem, exceção ao nascimento e à desencarnação, e mesmo essa, dependendo muito do seu comportamento durante a vilegiatura física, podendo antecipá-la ou postergá-la.

Adquire a responsabilidade moral pelos atos, não mais apoiando-se nas bengalas psicológicas de transferir para os outros a razão dos insucessos que lhe ocorrem, dando lugar aos sofrimentos e às suas inevitáveis consequências.

Compreende que uma excelente filosofia não basta para proporcionar uma existência feliz, mas sim, a vivência dos seus ensinamentos que se tornam responsáveis pelo que venha a ocorrer-lhe na área do seu comportamento moral.

É comum, a esses adeptos precipitados, passado algum tempo, apresentar-se decepcionados e tristes, informando que esperavam muito mais do Espiritismo e que encontraram pessoas confusas e perversas, insensatas e desequilibradas no seu movimento.

Da alegria exagerada passam à crítica contumaz, à maledicência, ao azedume.

Afinal, essa responsabilidade não é do Espiritismo, mas daqueles que o visitam levemente e não incorporam à vida espiritual os ensinamentos excepcionais de que se constitui a sã doutrina.

De igual maneira que esses neófitos não se preocuparam em conseguir a auto iluminação, o mesmo sucedeu com outros adeptos que os precederam, acostumados que estavam ao ócio espiritual, à leviandade religiosa, aguardando sempre receber sem a menor preocupação em contribuir.

O movimento espírita não é o Espiritismo. O primeiro é constituído pelos indivíduos, bons e maus, conhecedores e ignorantes das verdades do mundo espiritual, ativos ou ociosos, que se deveriam integrar de corpo e alma ao serviço de renovação interior e da divulgação pelo exemplo. No entanto, para esse cometimento é necessária a coragem da fé, essa robustez de ânimo que enfrenta as dificuldades de maneira lúcida e clara com destemor e espírito de ação para remover-lhe os obstáculos e alcançar os patamares mais elevados de harmonia e de bem-estar.

Em muitos que permanecem na irresponsabilidade do comportamento e na falta de coragem para arrostar as consequências da sua conversão ao Espiritismo, permanecendo na dubiedade, nas incertezas que procuram não esclarecer, receando os impositivos da fidelidade pessoal à doutrina, instalam-se as justificativas infantis para prosseguirem sem alteração, esperando que os Espíritos realizem as tarefas que lhes dizem respeito.

Outros, ainda, viciados na conduta da inutilidade, esperam ter resolvidos todos os problemas de saúde, família, economia, surpreendendo-se, quando convocados aos fenômenos existenciais das enfermidades, dos desafios domésticos e financeiros, sociais e profissionais, que desejavam não lhes ocorressem em decorrência da sua adesão ao Espiritismo...

Só mesmo a mente insensata pode elaborar conceito dessa magnitude: a adesão a uma doutrina feliz basta para que tudo lhe ocorra, a partir de então, de maneira especial e magnífica!

O Espiritismo enseja a compreensão dos fatores existenciais, dos compromissos que a cada qual dizem respeito, do esforço que deve ser envidado em favor da construção do próprio futuro. Elucida as ocorrências dolorosas, explicando as suas causas e oferecendo os instrumentos para a sua erradicação com a consequente construção dos dias felizes do porvir.

Eis por que se impõe, logo após a adesão aos seus postulados, de par com a responsabilidade da conduta, a coragem para as mudanças interiores que devem ocorrer ao longo do tempo, com a vigilância indispensável à produção de fatores elevados para o desenvolvimento intelectomoral que aguarda o candidato às suas fileiras.

Tomando como modelar a conduta de Jesus, o Espiritismo trá-lo de volta, desmistificado das fábulas com que O envolveram através dos tempos, real e companheiro de todos os momentos, ensinando sempre pelo exemplo de que as Suas palavras se revestem.

O espírita sincero, que se redescobre através do conhecimento doutrinário, transforma-se em verdadeiro cristão, conforme os padrões estabelecidos pelo Mestre galileu.

Não se permite justificativas infantis após os insucessos, levanta-se dos erros e recomeça as atividades tantas vezes quantas ocorram, tem a coragem para o auto enfrentamento, libertando-se dos inimigos de fora para vencer aqueles de natureza interna, sempre disposto a servir e a amar.

Evocando os mártires do Cristianismo primitivo, enfrenta hoje valores decadentes da ética e da moral, graves problemas sociais e morais, que lhe exigem sacrifício para uma existência honorável sem os conchavos com a indignidade, a traição e o furto legalizado.

Torna-se alguém intitulado como portador de comportamento excêntrico, porque tem a coragem de preservar a vida saudável, mantendo-se digno em todas as circunstâncias, responsável pelos pensamentos, palavras e atos, incompreendido e, não poucas vezes, perseguido, mesmo nos locais em que labora doutrinariamente, em face da conduta doentia dos acostumados à leviandade e ao ócio.

Sem qualquer dúvida, a adesão ao Espiritismo impõe a consciência de responsabilidade e de coragem para tornar-se verdadeiramente espírita, todo aquele que lhe sinta a sublime atração.

Gráfica

ALVORADA

Rua Jayme Vieira Lima, 104 - Pau da Lima, CEP: 41235-000 -
Salvador/B A - Brasil Tel.: (71)3409-8320
www.mansaodocaminho.com.br

Este livro foi composto em fontes Adobe garamond Pro, corpo 12/16. Papel Off Set 75g - miolo Papel Cartão supremo 250g - capa Impressão e acabamento



Manuel Vianna de Carvalho

(10.12.1874-13.10.1926), nascido em Icó (CE), desencarnou a bordo do vapor íris, defronte da praia de Amaralina, em Salvador.

Foi engenheiro militar e alcançou o posto de Major, tendo sido Chefe do Estado Maior da 7ª Região Militar. Foi também bacharel em matemática e ciências físicas, destacando-se como um dos maiores tribunos do Espiritismo de seu tempo. Verbo eloquente, espírito arrebatador, idealista irresistível e homem de ação infatigável.

Tendo abraçado o ideal espírita desde os 17 anos, foi também polemista e um grande incentivador da evangelização infantil e de jovens, além de ter igualmente trabalhado precocemente pela causa da unificação dos espíritas brasileiros.

Transferido de uma para outra capital, a instâncias da intolerância clerical da época, reunia a família espírita e delatava-lhe os laços da fraternidade. Inspirou a fundação de vários núcleos espíritas em diversas capitais brasileiras.

Portador de invulgar magnetismo, sua presença conquistava, inclusive, os adversários doutrinários, que, implacáveis, odiavam as ideias renovadoras e belas da Doutrina Espírita, de que ele se fazia Embaixador.

Jamais saiu perdedor numa pugna idealista. Cultor da música clássica, Vianna de Carvalho era excelente violinista, unindo aos dotes da privilegiada inteligência as expressões sutis e nobres da Arte.